

# teatro da juventude



**Governo do Estado de São Paulo**  
**Secretaria da Cultura**





# Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria da Cultura



# Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

**Mário Covas**

**Secretário de Estado da Cultura:** Marcos Mendonça

**Assessoria de Artes Cênicas:** Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil  
Analy Alvarez  
Efrén Colombani  
Luiz Amorim  
Vera Nunes  
Zecarlos de Andrade

---

## Teatro da Juventude

Ano 4 - Número 20 - Outubro de 1998

**Supervisão geral:** Tatiana Belinky

**Editora:** Erné Vaz Fregni

**Revisão:** Jônatas Junqueira de Mello

**Produção:** Glória Inês Barbosa dos Santos

**Editoreção eletrônica:** Peter Kompier

**Impressão:** Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

**Tiragem:** 10 mil exemplares

**Distribuição:** gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

**Capa:** Flávio Império (in memoriam)

**Comissão de Teatro**

Rua Mauá, 51, 3º andar

Praça Júlio Prestes São Paulo - SP

CEP 01028-907

# EDITORIAL

**D**ois dos livros mais vendidos atualmente, o “A Águia e a Galinha” e seu sucessor “O Despertar da Águia, do teólogo Leonardo Boff têm levado as pessoas a refletirem sobre seu comportamento que, segundo ele, tem um lado “galinha” e um lado “águia”. De acordo com o autor, ex-frei e um dos responsáveis pela Teologia da Libertação, enquanto a porção galinha faz com que o indivíduo viva a ciscar as migalhas, a parte águia o leva para altos vôos, em busca de objetivos e de uma vida melhor.

O problema é que a maioria das pessoas passa sua existência ciscando o chão. A preocupação do teólogo, portanto, é que a águia seja despertada.

De uma forma menos ambiciosa, a revista TEATRO DA JUVENTUDE, também é norteadada para este objetivo. De despertar na criança e no jovem a criatividade, descortinando a possibilidade do fazer teatral, do fazer arte e, com isso, ampliar seus horizontes.

Nesse número, na seção depoimentos, você conhecerá a “Sonoplastia no Teatro”, numa matéria assinada por Raul Teixeira. Sonoplasta do Grupo Macunaina, dirigido por Antunes Filho, ele também coordena o curso de sonoplastia do CPD (Centro de Pesquisa Teatral) do SESC e já trabalhou ao lado de alguns dos principais diretores e atores brasileiros.

Os textos que você terá o prazer de apreciar nessa edição são os seguintes: “Os magos de Belém”, de Gilda Vanderbrande; “Apolo & as super-gatinhas”, de Hermes Altemani e Nery Gomide; a comédia do século passado “O Novo Otelo”, de Joaquim Manoel de Macedo; “Pedro Mico”, de Antônio Callado, um marco na dramaturgia brasileira; e o atual “Você tem medo do ridículo, Clark Gable?”, de Analy A.Pinto, que aborda o problema da terceira idade e recentemente foi montado em São Paulo.

Bom divertimento e até a próxima!

**Erné Vaz Fregni**

## SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA JUVENTUDE



*Parabéns a toda equipe responsável pela publicação da revista, qualidade dos textos e à orientação pedagógica que oferece na introdução da revista. Sem dúvida é um rico material que vem enriquecer principalmente o trabalho do professor do interior do Estado. Há 32 anos leciono Educação Artística no 1º e 2º graus da rede pública de ensino, municipal e privada e venho respeitosamente solicitar o recebimento da coleção TEATRO DA JUVENTUDE, do número 1 ao atual, com exceção dos exemplares 13 e 14. Agradeço antecipadamente.*

*Januária Nanni – professora  
São Paulo - SP*



*Sou professora de educação artística e utilizo intensamente o teatro em minhas aulas. Minha escola desenvolve atividades relacionadas com o teatro com bastante regularidade. Temos um festival interno que acontece anualmente desde 1996. Nesse ano de 98 contamos com a participação de 28 grupos com cerca de 16 integrantes cada, formados por alunos da 5ª. série ao 3º*

*colegial, distribuídos nas categorias infantil, infanto-juvenil e juvenil. Contamos também com o apoio de mais de quarenta professores das mais diversas áreas que orientaram grupos ou trabalharam no evento que aconteceu durante todo o mês de maio. Deste festival saem os alunos que integram o grupo “Tal & Pá”, nosso grupo teatral em atividade desde 1994. No entanto, apesar de nossos esforços, nós professores do Ávila não possuímos formação adequada e nem textos suficientes para atender a procura e o interesse crescentes de nossos alunos. Por estes motivos é que eu peço dois favores: que nos enviem regularmente os números desta revista, o que muito nos auxiliaria no prosseguimento do nosso trabalho; e que nos mandem endereços de cursos que pudessem ser feitos por professores de artes ou outras matérias, abordando técnicas teatrais, utilização do teatro na educação, história do teatro, confecção de cenários e figurinos. Peço que enviem as informações e números da revista Teatro da Juventude, da qual possuo somente o no. 14, de outubro de 97.*

*Sandra Carezzato - professora  
EEPSG Professora Maria Augusta de  
Ávila  
São Paulo – SP*

*A FETARA – Federação de Teatro Amador da Região de Araçatuba, vem mui respeitosamente solicitar, se possível, o envio de 10 (dez) exemplares de cada volume já publicado da revista TEATRO DA JUVENTUDE, para distribuição entre grupos teatrais filiados a esta entidade. Sem mais, agradecemos desde já a atenção prestada.*

*Alexandre Meslinky – presidente  
Antonio Carlos Simão – 1º secretário  
FETARA – Fed. de Teatro Amador de  
Araçatuba  
Araçatuba – SP*



*Servimo-nos da presente para solicitar doação da TEATRO DA JUVENTUDE para compormos nosso acervo e também quaisquer outros materiais que possam ser úteis, sabendo-se que somos uma Entidade Sindical, sem fins lucrativos. Pretendemos levar aos nossos associados curso de teatro, o qual está sendo providenciado junto à entidades competentes. Sem mais, e certos de podermos contar com vossa colaboração, agradecemos.*

*Eni do N. Jesus – Dir. Sócio e Cultural  
Afiamspe – Assoc. dos Func. do Inst. de  
Ass. Médica ao Servidor Público Est.  
São Paulo - SP*



*Venho através desta solicitar o meu cadastramento junto a esta Secretaria do Estado da Cultura, Revista Teatro da Juventude, para que eu possa usufruir deste órgão informativo das artes cênicas. Faço teatro com crianças e adultos e fui convidado para dirigir uma peça folclórica no Centro de Educação*

*Supletivo. Pesquisando no Centro Pedagógico da Delegacia de Ensino, tomei conhecimento da Revista TEATRO DA JUVENTUDE e recebi os volumes 1 ao 13.*

*Se, por obséquio, V. Sas. puderem me ceder os demais volumes, agradecerei, pois, com certeza, irão me ajudar bastante.*

*Na certeza de poder contar com a especial e honrosa atenção de V.Sas., reitero protestos de elevada estima e distinta consideração.*

*Aparecido Alves – profissional de teatro  
Registro – SP*



*Venho solicitar a coleção da TEATRO DA JUVENTUDE, material este que nos ajudará na formação e aprimoramento nas técnicas teatrais.*

*José Eduardo de Oliveira  
Grupo Teatral Oreneco  
Pque. São Rafael - SP*

*Resp.: Você encontrará as revistas TEATRO DA JUVENTUDE na Delegacia de Ensino de sua cidade. Quanto à pesquisa de textos teatrais, um bom endereço é o Museu Lasar Segall. Rua Berta, 111, V. Mariana, São Paulo – SP. CEP 4120-040. Tel.: (011) 574-7322.*



*Olá pessoal, perdoem-me pela total informalidade e pela “belíssima” letra que apresento, mas é que já me sinto bastante íntimo, afinal já são mais de dois anos de convivência. Bem, como sempre, venho solicitar meus números de TEATRO DA JUVENTUDE. Faz um tempão que não recebo e estou morrendo de saudades. Aliás, como vai a*

*nova sede?*

*Gostaria de um dia ir até aí para conhecer, mas de São Paulo não entendo nada, não conheço esta cidade muito bem, embora tenha ido para aí várias vezes. Estive recentemente na Bienal do Livro e tive o privilégio de conhecer a Tatiana Belinky. Comprei o livro "TV sem VT e outros momentos", de sua autoria, no qual ela conta histórias de sua passagem pela televisão dos anos 50 e 60, época em que não havia o videoteipe. São histórias muito engraçadas. Conteí algumas para uns amigos da UNICAMP que deram muitíssimas risadas. Avisem-na que seu livro é fascinante e eu imagino que assim deve ser ela também.*

*Eu escrevi outra peça (bem melhorzinha que aquela que enviei). Alguns amigos leram e acharam muito louca, engraçada e mais adulta. Se eu puder enviá-la, talvez o faça.*

*Pessoal (se posso chamar assim) os números da TEATRO DA JUVENTUDE que não tenho são os de a partir de dezembro de 1997. Se puderem enviá-los ficarei muito feliz e*

*agradecerei bastante. Abraços a todos*

*Luis Roberto Arthur Faria  
Piracicaba - SP*

*Resp.: Você acertou. A Tatiana é fascinante mesmo. Quanto às revistas, você não tem recebido porque a mudança para o novo local nos atrapalhou um pouco. Mas já estamos regularizando o envio e logo você poderá matar as saudades.*

**SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA  
JUVENTUDE POR FORMULÁRIO  
PUBLICADO NO FINAL DA REVISTA.**

*Aparecido Sales - Cido  
Elenco Teatral Infantil Pingo de Arte  
Registro - SP*

*Marcelo Dal Piccolo Sotto  
Piracicaba - SP*

*Umberto Cerasoli - ator  
Campinas - SP*

## **ESCREVA PARA CARTAS**

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**.  
Comuniquem-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões,  
críticas e informações.

**MUDOU O ENDEREÇO, AGORA É:**  
**Secretaria do Estado da Cultura**  
Revista Teatro da Juventude  
RUA MAUÁ, 51, 3º andar  
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP  
**CEP 01028-907**



# SUMÁRIO

## Depoimento

<b>A sonoplastia no teatro</b> .....	10
Raul Teixeira	

## Livro

<b>Práticas teatrais e outras práticas</b> .....	13
Sandra Chacra	

## Textos

### Infantil

<b>Os Magos de Belém</b> .....	19
Gilda Vandenbrande	

<b>Apolo &amp; As super-gatinhas</b> .....	23
Hermes Altemani & Nery Gomide	

### Adolescente / Adulto

<b>Pedro Mico</b> .....	43
Antonio Callado	

<b>Você tem medo do ridículo, Clark Gable? ou Somos o que fomos</b> .....	65
Analy A. Pinto	

<b>Novo Othelo</b> .....	95
Joaquim Manoel de Macedo	

## A SONOPLASTIA NO TEATRO

“Deixar a música entrar no espetáculo, compor uma criação artística de tal forma que ela penetre na cabeça e no coração do público sem que ele se dê conta – isto é fazer sonoplastia.”

Raul Teixeira\*

**A**bre-se as portas do teatro. O público entra no mundo das ilusões. Ouve-se uma música, um som, um ruído, quem sabe uma voz – o espetáculo já começou. O público que acabou de chegar do trabalho, da rua, do trânsito, do estacionamento, em um passe de mágica, ao entrar na sala de espetáculos, se transporta para o desconhecido. Ouve-se uma música, um som, um ruído, quem sabe uma voz – a caixa preta de surpresas, de ilusões, de magia tem que oferecer a seu público o melhor da interpretação, da luz, do cenário, do figurino, da música.

Cada profissional ali envolvido, que se preparou dias, meses, ou até anos, tem que estar em plena harmonia para realizar o melhor espetáculo de sua vida. O espectador entra num mundo diferente, um sonho. E tudo isso só pode acontecer, quando existem pessoas preparadas para atuar com *criatividade e técnica* na profissão que

escolheram, que seja um ator, um cenógrafo, um figurinista, um iluminador ou um **sonoplasta**. Comecei como quase todos os sonoplastas – na raça, nos acertos e erros, com muito estudo, dedicação e, principalmente, com muito prazer. Quando descobri que este era o

meu caminho, resolvi abraçar minha profissão e partir para a compreensão do que é fazer sonoplastia de um espetáculo teatral. Isso faz 10 anos. E a busca pelo aprimoramento durante esse tempo em que trabalho com o mestre Antunes Filho, diretor do Grupo

Macunaíma, passa

por uma busca pessoal. É a diferença entre ser um sonoplasta e estar sonoplasta.

Conforme Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978, o sonoplasta é aquele que “elabora o fundo musical ou efeitos sonoros especiais, ao vivo ou gravados, selecionando músicas, efeitos adequados ao texto e de comum acordo com

---

“Comecei como quase todos os sonoplastas – na raça, nos acertos e erros, com muito esforço, dedicação e, principalmente, muito prazer.”

---

a equipe de criação; pesquisa as músicas ou efeitos, para montar a trilha sonora; pode operar a mesa de controle, produzindo os efeitos planejados ou ensaia o operador de som”.

É muito raro um espetáculo não ter música. Assim, o sonoplasta é o responsável pela criação, pesquisa, gravação, finalização, sonorização e operação de todo som ou música que o espetáculo solicita. É ele que, com sua criatividade e técnica, vai resolver todos os climas e efeitos propostos durante os ensaios ou já rubricados no texto. E mais: o sonoplasta apreende a idéia da concepção da montagem do diretor e participa do processo de criação do espetáculo.

## 1. ETAPAS PARA A REALIZAÇÃO DE UM SONOPLASTIA

### 1.1. O texto

Quando recebemos um texto para analisar, anotamos todos os sons e músicas propostas pelo autor. Mesmo que eles não sejam usados no espetáculo, são referências que podem ajudar na sua criação. A música, assim como outros tipos de sons, ruídos ou efeitos, tem várias funções e pode atuar como climas poéticos, passagem de cenas, de tempo, de lugar, efeitos de natureza ou até substituindo um elemento cenográfico, como a passagem de um trem, avião ou a chegada de uma carro em cena. Após a leitura do texto, é preciso conversar com o diretor sobre a concepção do espetáculo e acompanhar os seus ensaios, a fim de obter o

maior número de dados possíveis a seu respeito. Isso facilita a criação e a pesquisa da trilha sonora, que deve estar em harmonia com todos os elementos que compõem o espetáculo.

### 1.2. Pesquisa sonora

A pesquisa pode ser feita na discoteca de rádios, TV's, na casa de amigos, e envolve a compra de discos ou cd's em lojas especializadas ou sebos. A trilha pode ser composta exclusivamente para o espetáculo ou utilizar-se de músicas já gravadas. Mas a pesquisa sonora é fundamental para a experimentação dos

climas durante os ensaios. Nunca devemos nos contentar com a primeira escolha de música, com a primeira composição; até horas antes da estréia podemos mudar uma música. O teatro é uma arte dinâmica e existe a possibilidade de alterar o tempo, o espaço e o clima através da música. Faz parte do nosso trabalho, portanto, ouvir muitas e variadas músicas, de todos os gêneros, bem como gravar os próprios ruídos e efeitos.

### 1.3. Gravação da trilha para ensaio

Uma vez escolhida a música (composta ou pesquisada), é preciso gravá-la em uma fita cassete ou em um MD (*mini-disc* – aparelho de gravação e reprodução com qualidade digital – rápido e eficiente) para ser utilizada no ensaio e fazer um roteiro, anotando a origem da música (nome do cd ou disco, faixa, autor da música). Este é o momento de experimentar todas as idéias musicais,

---

“O teatro é uma arte dinâmica e existe a possibilidade de alterar o tempo e o clima através da música.”

---

gravar todos os sons que se possa imaginar nas cenas e experimentar durante os ensaios. É preciso não se envergonhar e colocar a imaginação, os conhecimentos musicais e a criatividade para fora. Sempre mostre para o diretor que deve ouvir o que foi gravado e emitir opiniões, como também os seus colegas. Saber filtrar os comentários de seu trabalho e ser humilde são qualidades fundamentais para nós.

O teatro é a união de vários profissionais em sintonia, em harmonia, em troca de idéias para se chegar a uma unidade artística. Não podemos nos acomodar e achar que determinada música é insubstituível ou a melhor solução para uma cena, um momento, se o grupo questiona isso. A certeza termina com a pesquisa e é bom sempre deixar uma dúvida, um canal aberto.

#### 1.4. Finalização da trilha sonora

A trilha já está quase pronta. As músicas estão anotadas no roteiro com as "deixas" (entradas e saídas das músicas) certas. É hora de irmos para um estúdio finalizar a trilha, ou seja, fazer a mixagem dos sons, melhorar a qualidade das músicas ou criar efeitos que não ficaram bons no ensaio. Tudo isso pode ser feito em um estúdio analógico ou digital, depende das condições financeiras do grupo.

É importante que isso seja feito com qualidade e com bons técnicos porque esta será a trilha utilizada durante toda uma temporada. Uma vez a trilha esteja mixada, seja no gravador multi pista ou no computador, ela deve ser gravada em DAT (*digital audio tape*), MD (*mini-*

*disc*), ou CD (*cd player*), ou fita cassete, e estará pronta para ser utilizada no espetáculo. Nunca se esqueça de fazer pelo menos uma cópia de sua trilha. A possibilidade de perdê-la, ou danificá-la, é imensa.

#### 1.5. Sonorização

É outra etapa do processo de criação que o sonoplasta deve conhecer e dominar. Nada mais é do que a distribuição

das caixas acústicas e montagem dos equipamentos de som na sala de espetáculos. Toda a escolha de material de reprodução sonora e efeito sonoro é realizada na sonorização. É bom ter um pouco de conhecimento técnico de eletri-

cidade e montagem de equipamentos sonoros, que podem ser adquiridos em livros especializados ou em de áudio. Mas a sonorização básica pode ser feita utilizando-se: gravadores de reprodução (CD, MD, DAT, gravador de rolo ou *tape-deck*), uma mesa de som ou *mixer*, amplificadores e caixas acústicas. Este é o mínimo para se realizar a reprodução sonora de sua trilha. Não se esqueça de prezar pela qualidade sonora; só a sensibilidade, os conhecimentos técnicos e a sua criatividade poderão ajudar o sonoplasta a realizar o trabalho de criação.

#### 1.6. Operação de som

Sem um roteiro musical com o nome da fonte sonora, nome das cenas, marcação das "deixas" (entradas e saídas de música e som) e marcação de volume é impossível a qualquer pessoa realizar

---

"Um operador de som sem conhecimento ou sensibilidade pode destruir um espetáculo."

---

uma operação de som. Aliado a isso, o operador de som deve ter conhecimento técnico para a ligação dos equipamentos, muita sensibilidade e, principalmente, muito prazer em fazer isso. Um operador de som pode destruir um espetáculo, ensaiado durante meses. Portanto, é preciso dar espaço, tempo e atenção ao sonoplasta para que ele possa realizar seu trabalho. Geralmente o som é pensado quando está próximo da estréia, e nós, sonoplastas, temos que realizar todo este trabalho, que não é fácil, em poucos dias. Tenha sempre no seu grupo um sonoplasta, um pessoa que pense na solução sonora, na gravação, na sonorização e na operação de som. Assim, o espetáculo cresce e o

público fica satisfeito. Muitas vezes, quando saímos de um espetáculo, ficamos com a impressão de que estava faltando algo ou que tinha alguma coisa a mais. O sonoplasta pode mudar essa situação acrescentando ou tirando músicas e efeitos sonoros; pode ainda, com técnica e sensibilidade, mudar os rumos das apresentações, enfatizando ou suavizando traços da concepção artística. Fazer sonoplastia para teatro significa deixar a música entrar no espetáculo, compor uma criação artística de tal forma que ela penetre na cabeça e no coração do público sem que ele mesmo se dê conta disso. O sonoplasta desaparece e o espetáculo cresce. O público agradece.

---

\* **Raul Teixeira** - Há 10 anos sonoplasta do Grupo Macunaíma, dirigido por Antunes Filho, tem realizado trilhas sonoras de vários espetáculos. Coordena o curso de "Designer Sonoro - Sonoplastia para Teatro", realizado no CPT/SESC (Centro de Pesquisa Teatral). Trabalhou como sonoplasta ao lado de artistas como: Fernanda Montenegro, Paulo Autran, Marco Nanini, Marieta Severo, Andrea Beltrão, Edson Celulari, Luis Melo, entre outros; e também com os diretores Fauzi Arap, Aderbal Freire Filho, João Falcão, Roberto Lage, etc.



# LIVROS

## PRÁTICAS TEATRAIS E OUTRAS PRÁTICAS

Introdução ao universo artístico por meio de exercícios criativos que envolvem práticas relacionadas ao teatro, a música e a artes plásticas

**Práticas teatrais e outras práticas**, de Sandra Chacra, da ABNL Editora, 136 págs.

Recém lançado, o livro é dirigido a professores de teatro ou de educação artística, psicodramatistas e a todos que trabalham com grupos. Longe de ser uma metodologia, o livro é extremamente prático porque apresenta situações vivenciadas pela autora em vinte anos de trabalho com os mais diferentes grupos etários que variavam de crianças a jovens e até mesmo idosos. Segundo Sandra Chacra, a obra não pretende ser um formulário de "receitas"

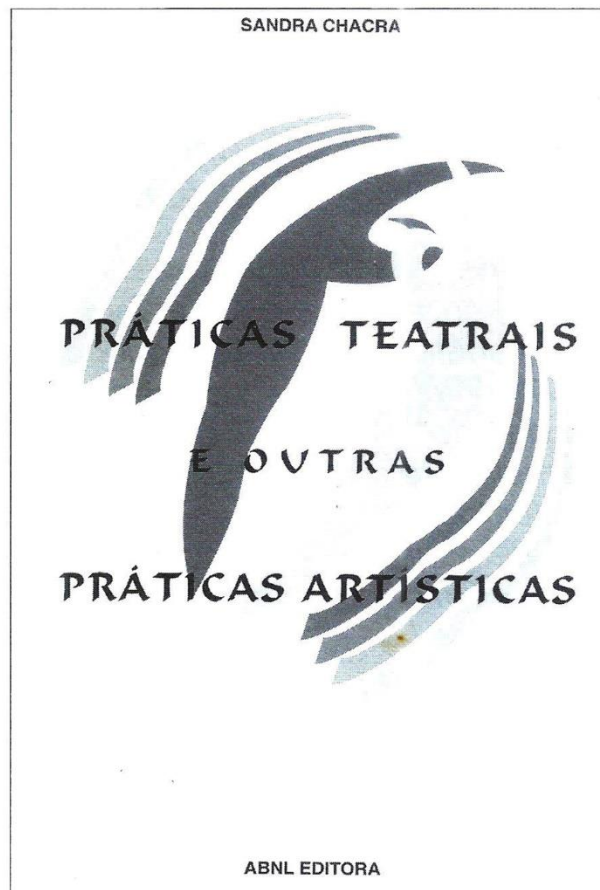
experimentais e testadas, mas sim motivo de 'inspiração' para

professores de teatro ou orientadores de grupo na preparação de sua aula.

As práticas são todas descritas; ora como aula, ora num relato de pesquisa ou como lembrança de um passado escolar. Didático, também apresenta teorias adaptadas a faixa etária do aluno.

**Sandra Chacra** é formada em Pedagogia e Artes Cênicas pela Escola de Arte Dramática da USP. O livro é o resultado dos mais

diferentes grupos etários (crianças, adolescentes, jovens e idosos) e com diferentes finalidades. Ora os objetivos eram artísticos, ora terapêuticos.



## Trechos do livro

"O grupo todo se divide em duplas. Um de costas para o outro, entrelaçam os braços e começam a dançar ao som da música. De preferência, marcha. Pode ser "Ó abre alas", de Chiquinha Gonzaga, e "Rouxinóis", de Lamartine Babo. Ou qualquer outra de escolha do orientador."

"É bom deixar que cada grupo expresse o que desejar: carro, moto, batedeira de bolo, relógio, máquina de costura, etc. Deixar que o grupo pense. Se houver dificuldade, então haverá sugestões. O grupo também poderá ser solicitado para que invente uma máquina e apresente sua finalidade."

"Todos nós temos inteligência artística. Há diferenças de grau, na qualidade de um produto artístico de um artista e de um não-artista. E só existe um 'fazedor de Arte', porque existe um seu semelhante, 'o apreciador'. (...) Debater, fazer o grupo pensar... E voltar a pergunta de início: 'O artista nasce com a marca na testa?'. Os alunos deverão Ter lido, previamente, para essa aula, o livro de Thomas Mann, 'Tonio Kröger'."

"Despertar pessoas para apreciação do teatro, como fonte de cultura e de conhecimento, por meio do lazer, é um dos objetivos que qualquer 'líder teatral' não pode deixar de ter em mente. (...) Mas é necessário cuidado. Pessoas

iniciantes, sejam crianças, jovens ou adultos, desanimam em dar continuidade ao seu projeto de 'expectador', se as primeiras experiências não forem gratificantes."

"... Quando vi as crianças com a respiração presa, olhos atentos e o silêncio total (somente ouvia-se o chilrear dos pássaros), de tão absortas que estavam... Aprendi que muitas vezes a preparação artística é mais importante que o resultado."

"Teatro Grego para adolescentes? Com a história escabrosa de Édipo para eles? Sim, para eles se sentirem valorizados. Mais do que dar unicamente aqueles joguinhos (...) implantando o retorno ao jardim da infância."

"Com uma caneta, lápis ou qualquer outro objeto, o orientador começa a bater sobre a mesa ou qualquer superfície em ritmo rápido, tão logo o estudante começa a falar. (...) O tema poderá ser dado pelo orientador ou por um aluno."

"O velho Shakespeare é sempre atual. Ele tem muito o que nos falar sobre o amor. É na adolescência e na juventude que esse sentimento desperta no homem e na mulher. Nada melhor do que preparar atividades artísticas com o tema: o amor. Em tempo de aids-camisinha, há de se falar de amor. Shakespeare será o nosso condutor."



# Infantil

**Os Magos de Belém.**

Gilda Vandenbrande

**Apolo & As super-gatinhas**

Hermes Altemani & Nery Gomide



# OS MAGOS DE BELÉM

Gilda Vandenbrande

## PERSONAGENS

---

Herodes  
Os três Reis Magos  
Arauto  
Escriba  
Mensageiro  
Guardiões  
Três anjos  
Dois pastores  
A vaca  
O burro  
O camelo  
Maria  
José

### CENA 1 No Palácio de Herodes

*(Herodes está em seu trono e está acontecendo uma enorme festa. Existem alguns guardiões ao lado de Herodes. No meio dos festejos entra um arauto anunciando a chegada dos três Reis Magos.)*

**ARAUTO:** Diretamente do Oriente os três Reis Magos.

*(A festa pára. Entram os três.)*

**MAGO 3:** Viemos do Oriente, Herodes, de bem longe.

**HERODES:** Por que vieram de tão longe, meus caros sábios?

**MAGO 1:** Porque recebemos o aviso.

**HERODES:** Que aviso?

**MAGO 2:** O brilho da Grande-Estrela!

**HERODES:** E o que diz o brilho da Grande-Estrela?

**MAGO 3:** Diz que já nasceu o Rei dos judeus, em Belém, na terra de Judá. Ele será o Rei dos reis!

**MAGO 1:** O brilho da Grande-Estrela também diz que o senhor deverá procurá-lo e adorá-lo.

**HERODES:** Um momento. *(Herodes puxa o escriba de lado e comenta.)* O que você acha disso?

**ESCRIBA:** Se eu entendi, senhor, os magos querem que o senhor procure uma criança que acabou de nascer?

**HERODES:** É, mas não é uma criança qualquer... É um Rei! Um Rei como

eu!

**ESCRIBA:** Ah, agora entendi melhor!  
Eles querem que o senhor procure  
o próximo Rei!

**HERODES:** Como o próximo Rei? O  
próximo rei será o rei que eu  
quiser que seja rei!

**ESCRIBA:** E o que o senhor vai  
responder para os três Reis  
Magos? O senhor sabe que eles  
possuem grandes poderes, que lá  
no Oriente eles não gostam de  
serem desmentidos!

**HERODES:** Você tem razão. Vou mandá-  
los procurar a criança para mim,  
assim tenho tempo para pensar  
melhor no assunto.

*(Herodes volta a falar com os magos,  
dando ordens.)*

**HERODES:** Ide e perguntai  
diligentemente pelo menino e  
quando achardes, participai-me.

**MAGO 1:** Partiremos assim que a lua  
apontar.

**MAGO 2:** Assim que o manto da noite  
escurecer o azul.

**MAGO 3:** Assim que nossos camelos  
descansarem.

*(Os três reis saem. Um mensageiro  
aparece.)*

**MENSAGEIRO:** E assim, os três Reis  
Magos partiram seguindo a  
estrela. A noite estava clara, mas  
nem o brilho da lua apagava o  
brilho da Grande-Estrela. Os anjos  
estavam descendo à Terra para  
avisar os pastores que em vigília  
guardavam suas ovelhas.

## CENA II

### Aparição dos anjos

*(Os pastores estão guardando suas  
ovelhas quando aparecem os anjos.)*

**ANJO 1:** Não temais! Eis aqui que vos  
trago novas de grande alegria!  
*(Todos os pastores ficam estáticos de  
medo.)*

**ANJO 2:** Na cidade de David nasceu  
hoje o Salvador. Ele foi gerado  
pelo Espírito Santo e salvará o seu  
povo de seus pecados. Seu nome  
será Jesus, mas muitos o  
chamarão de Emanuel, que  
significa "Deus conosco". Agora o  
menino está envolto em panos,  
deitado numa manjedoura.

**ANJO 1:** Glória a Deus nas alturas...

**ANJO 2:** Paz na Terra aos homens de  
boa vontade!

*(Os anjos vão embora. Os pastores  
começam a se movimentar  
lentamente.)*

**PASTOR 1** *(esfregando os olhos):* Será  
que eu vi isso mesmo?

**PASTOR 2:** Viu o quê?

**PASTOR 1:** Não se faça de besta!

**PASTOR 2:** Você viu o que eu vi?

**PASTOR 1:** O que você viu?

**PASTOR 2:** Um homem com asas!

**PASTOR 1:** E um homem tem asas?

**PASTOR 2:** Não tem?

**PASTOR 1:** Não se faça de besta, por  
acaso você tem asas?

**PASTOR 2:** Pode ser que eu tenho e elas  
ainda não cresceram!

**PASTOR 1:** Realmente... O que ainda  
não cresceram foram suas  
orelhas... Orelhas de burro!

**PASTOR 2:** Está bem, o que eu vi não  
era um homem com asas, e sim  
umas asas colocadas num  
homem. Melhorou?

**PASTOR 1:** Muito! Agora criou asas na  
orelha de burro! Admite logo que  
nós vimos um anjo!

**PASTOR 2:** Não, nós não vimos um anjo!  
Nós vimos anjos! Quer dizer, dois

senhores anjos! E eles disseram coisas maravilhosas!

**PASTOR 1:** Muito bem, agora vamos indo.

**PASTOR 2:** Pra onde?

**PASTOR 1:** Procurar ver a verdade que os anjos disseram. Vamos seguir o brilho da Grande-Estrela.

**PASTOR 2:** E aonde será que ela vai nos levar?

**PASTOR 1:** Até a manjedoura, até Jesus. *(Os pastores avistam os Reis Magos seguindo a estrela. Os pastores seguem os magos.)*

### CENA III O nascimento

*(Num estábulo está a vaca e o burro. A vaca carrega um balde de leite, enquanto o burro descarrega feno.)*

**VACA:** Eu estou com um pressentimento!

**BURRO:** E eu estou é cansado. Carreguei muita carga hoje.

**VACA:** Eu estou achando que hoje vai acontecer uma coisa maravilhosa!

**BURRO:** A esta hora? O sol já se foi...

**VACA:** Mas a noite está clara. Até vi uma estrela cadente!

**BURRO:** Quando a gente vê uma estrela cadente pode fazer um pedido.

**VACA:** Eu sei, eu já fiz.

**BURRO:** E o que você pediu?

**VACA:** A gente não pode falar o pedido.

**BURRO:** Quem disse isso?

**VACA:** Dizem.

*(Vaca começa a arrumar uma cama com o feno.)*

**BURRO:** O que você está fazendo?

**VACA:** Não está vendo?

**BURRO:** Você não costuma fazer cama de capim!

**VACA:** É que eu estou com um pressentimento...

**BURRO:** Pressentimento ou é por causa do pedido?

**VACA:** Os dois. *(Pausa.)* Sabe, Damião, dizem que quando contamos ao nosso melhor amigo os nossos segredos, nada de mal pode acontecer.

**BURRO:** Eu acho que na verdade, você está louquinha para contar para alguém esse seu pedido para a estrela cadente e sobrou pra mim!

**VACA:** Que nada, Damião! Você é o meu melhor amigo. Eu estou com um pressentimento e preciso contar para o meu melhor amigo!

**BURRO:** Está bem, então conte.

**VACA:** Faz tempo que não aparece alguém por aqui pra visitar a gente. Então eu pedi para a estrela que anda que guiasse alguém até aqui, ainda hoje, alegrar esse nosso canto.

**BURRO:** Mas já é tarde, ninguém apareceu!

**VACA:** Mas o meu pressentimento diz que vai chegar.

*(Neste momento entra um camelo.)*

**CAMELO:** Boa madrugada!

*(O burro leva um susto e a vaca fica alegre.)*

**VACA:** Boa madrugada!

**CAMELO:** Se me permitem, trouxe uma encomenda para ser entregue aqui.

**BURRO:** Pra entregar pra quem? Pra mim ou pra ela?

**CAMELO:** Pra nenhum dos dois!

**VACA:** E o que é?

**CAMELO:** Incenso, mirra e ouro.

*(Neste momento entra no estábulo Maria, José e o Menino Jesus.)*

**JOSÉ:** Que bom acharmos este lugar, Maria! Tem até uma caminha pronta para deitarmos o menino!

**MARIA:** E temos leite! Olha só que vaquinha simpática!

**JOSÉ** *(olhando para o burro):* Eu tenho aqui algumas amêndoas para você.

*(O burro fica alegre.)*

**JOSÉ** *(olhando para o camelo):* E pra você também.

*(O camelo fica alegre. Neste momento entram os três Reis Magos – música de Natal: “Noite Feliz”.)*

**MAGO 1:** Viemos do Oriente e trazemos ouro...

**MAGO 2:** Incenso...

**MAGO 3:** Mirra.

**MAGO 1:** Viemos para saudar o menino, nosso Rei.

*(Entram os pastores. Cada um traz um*

*presente.)*

## **CENA IV** **O presépio**

*(Formar um presépio que pode ser tradicional ou não. Pode ser misturado com objetos e pessoas atuais. Quando a música termina, todos ficam imóveis.)*

**MENSAGEIRO** *(para a platéia):* Vocês prestem bem atenção neste presépio. É um presépio criado por nós, artistas, do nosso jeito. Porém, nós vamos apagar por segundos a luz *(ou fechar a cortina)* e vamos modificar sete detalhes.

*(Apaga e acende a luz.)*

**MENSAGEIRO:** Quem de vocês é capaz de apontar os sete erros do presépio?

*(Termina com a platéia se manifestando.)*

**FIM**

# APOLO & AS SUPER-GATINHAS

Comédia infantil em um ato  
de Hermes Altemani & Nery Gomide

## PERSONAGENS

---

**Teca** – a gata tropical.

**Natacha** – a gata do interior

**Magali** – a gata ninja

**Apolo** – o gato voador

*(Terraço de um prédio no último andar.  
Época atual.)*

**NATACHA** *(se espreguiça)*: Que milagre. Estamos tendo uma tarde até que bem calma hoje.

**TECA**: Nem me fale, Natacha.

**NATACHA**: Também é feriado, Teca.

**TECA**: Adoro feriados e domingos, Natacha. São compridos, sem movimento.

**NATACHA**: Mais da metade dos moradores do prédio estão viajando, Teca.

**TECA**: Graças a Deus.

**NATACHA**: Por isso esse silêncio. Esta tranquilidade. Essa pasmaceira...

**TECA**: E não está ótimo Natacha? Antes todos os dias fossem assim.

**NATACHA**: Ah, eu gosto de novidades, de variar. O melhor de tudo é que não tem um dia igual ao outro. Ontem foi uma agitação danada.

**TECA**: Um falatório...

**NATACHA**: Um entra-e-sai de gente.

**TECA**: Como gente faz barulho, não?

**NATACHA**: E a gritaria?

**TECA**: O pior foi a choradeira depois.

**NATACHA**: E era apenas um almoço de família no apartamento ao lado.

**TECA**: E a pancadaria no apartamento de cima?

**NATACHA**: Sabe que me deu dor de cabeça?

**TECA**: Eu já me acostumei. O Zé bebe e quebra todo o apartamento.

**NATACHA**: Que língua a sua, hein Teca?

**TECA**: E por acaso estou falando alguma mentira?

**NATACHA**: Não sei como nosso dono não reclama.

**TECA**: Também ele não pára em casa.

**NATACHA**: Ultimamente nosso dono assobia, vive cantarolando.

**TECA**: Diz que está de bem com a vida.

**NATACHA**: Aí tem coisa, e eu vou descobrir o que é. Ah, se vou. Ou não me chamo Natacha.

**TECA**: Nosso dono tem caprichado tanto na nossa comida.

**NATACHA:** E ele não foi promovido no emprego nem recebeu aumento.

**TECA:** Ele tem nos servido cada dia um prato diferente.

**NATACHA:** Ele não ganhou na loteria nem nada.

**TECA:** Cada petisco delicioso.

**NATACHA:** Ah, mas eu vou descobrir Teca. Deixa estar.

**TECA:** Reparou como ele demora escovando o nosso pelo?

**NATACHA:** Adoro ser escovada. Meu pelo fica tão macio.

**TECA:** Nosso dono tem nos agradado tanto. Merece os parabéns, Natacha.

**NATACHA:** Por que será, hein Teca?

**TECA:** Você ainda não desconfiou, Natacha?

**NATACHA:** Este mistério tem me encaiffado. Mas eu descubro Teca, pode deixar eu descubro. Deixa comigo.

**TECA:** Eu sei a razão.

**NATACHA:** Sabe?

**TECA:** Está na cara.

**NATACHA:** Nosso dono disse alguma coisa pra você?

**TECA:** Nada. Nadinha.

**NATACHA:** Então como foi que você descobriu?

**TECA:** Descobrimdo, ué.

**NATACHA:** Me conta vai Teca, me conta.

**TECA:** Eu não. Depois você vai falar que eu tenho língua de trapo.

**NATACHA:** Conta vai, conta. Como foi que você descobriu, Teca?

**TECA:** Foi simples demais. Descobri que o nosso dono estava diferente pelo olhar dele.

**NATACHA:** É? Pelo olhar? Foi?

**TECA:** O olhar diz muito.

**NATACHA:** E daí?

**TECA:** Nosso dono arrumou um novo amor.

**NATACHA:** Sêrio?

**TECA:** Só pode ser isso. Não acha ótimo?

**NATACHA:** Tomara que dure bastante. Nossa vida está ótima. Lar, doce lar.

**TECA:** Arre que hoje estamos livres daquelas crianças infernais aqui do prédio que vivem pisando no nosso rabo. Elas nunca olham direito onde pisam ou fazem de propósito, só pra chatear.

**NATACHA:** Não é nada não mas o que mais me agradou ultimamente foi terem desativado a piscina aqui do terraço. Antes eu não vinha aqui nem amarrada.

**TECA:** Nem eu.

**NATACHA:** Hoje é o lugar que eu mais gosto. Depois do sofá na frente da televisão, é claro.

**TECA:** É, realmente foi uma benção. Não consigo imaginar como é que os humanos podem gostar de entrar dentro de uma piscina, e ainda por cima cheia d'água? Argh! Só de lembrar, me dá arrepios. Odeio água.

**NATACHA:** Agora sim, Teca, está um ambiente civilizado, decente. Eles encheram de terra a piscina.

**TECA:** Eu mesma, Natacha, venho várias vezes ao dia rolar na areia. Isso sim que é vida, o resto é besteira.

**NATACHA:** Sem contar na vantagem de que já que ninguém mais sobe aqui, eles estão começando a largar móveis aqui. Esse banco é ótimo.

**TECA:** É mesmo. Eu já não agüentava mais disputar a poltrona da sala



com o meu dono. Sempre após o almoço, quando eu ia tirar a minha soneca, lá vinha ele também, que chato, bem no meu sofá, ora bolas. Por que ele não ia dormir lá na cama dele, que é o seu lugar? Me dava uma antipatia de morte. Nem podia olhar na cara do meu dono.

**NATACHA:** Conseguimos enfim esta área de lazer graças à crise econômica por que passamos.

**TECA:** Agora, Natacha, você falou igual nosso dono.

**NATACHA:** Pelo menos alguma coisa boa aconteceu graças à tal crise.

**TECA:** Tem muita gente desempregada no prédio. Por isso tanta economia.

**NATACHA:** Já pensou quanto custaria pra encher esta piscina de água?

**TECA:** Os jardins do condomínio eles pararam de cuidar pelo mesmo motivo.

**NATACHA:** E as plantas morreram todas porque ninguém lembrou de aguar.

**TECA:** Judiação. Era tão bonito. Só restou a grama seca. Vamos ver se reanima com uma chuvinha.

**NATACHA:** A que ponto este prédio chegou. Quem diria.

**TECA:** Desligaram o porteiro eletrônico pra economizar luz.

**NATACHA:** Só um elevador funciona.

**TECA:** Os corredores vivem escuros.

**NATACHA:** A portaria também. Ainda bem que nós gatos enxergamos de noite, não fosse isso, não sei não. Já pensou se aparece de repente um tarado?

**TECA** (*agarra Natacha*): E te agarra!

**NATACHA:** Aiii... Que susto Teca.

**TECA** (*fazendo voz de terror*): Natacha,

eu vim te pegar e te colocar no saco. Vou te levar embora. Você está bem gordinha, bonitinha, carnudinha, cheia de gordurinha, bem apetitosa. Olhem só: imaginem Natacha com uma maçã na boca, que assado e tanto não daria.

**NATACHA:** Pare já com isso que eu já estou ficando com medo.

**TECA:** Vejamos o livro de receitas dos humanos: "Natacha à milanesa", "Natacha à parmegiana", "Ensopado de Natacha", argh, credo!

**NATACHA:** Esses humanos são todos esquisitos mesmo. Têm usos e costumes tão estranhos. Apesar que eles têm seu lado bom. Tem sempre na geladeira algum bicho morto para nos dar de comer.

**TECA:** É verdade, Natacha. Esse lado deles adoro. Apesar de que um dia, você ainda não tinha vindo morar conosco, meu dono inventou de querer me dar comida de caixinha.

**NATACHA:** Comida de caixinha Teca? Como é isso?

**TECA:** Ração.

**NATACHA:** Já ouvi falar de ração.

**TECA:** Ele me disse que era comida de gato mesmo.

**NATACHA:** E que tal?

**TECA:** Uma droga. Coisa de americano. Parecia bolacha, tinha cheiro de fígado, mas era bolacha. Me recusei. Comi uma semana no vizinho, até que ele foi me buscar e se desculpou.

**NATACHA:** E como foi que ele convenceu você a voltar Teca?

**TECA:** Me deu uma bela duma sardinha, e nós fizemos as pazes.

**NATACHA:** Ah, uma coisa que eu sinto saudades mesmo é da época que eu morava no interior. Lá sim a vida era boa, muito melhor do que aqui na cidade grande, mais calma. Eu vivia caçando ratos, que é a carne mais gostosa que eu já comi. Além da emoção da caçada. Eu sempre brincava com eles antes de comê-los. Ah, que saudades. Só de lembrar me dá água na boca.

**TECA:** Este assunto está me abrindo o apetite, Natacha.

**NATACHA:** No interior tinha também muitos passarinhos, andorinhas. Me lembro de uma época num verão que apareceu tanta andorinha por lá, mas tanta andorinha, que os homens andavam de guarda-chuva aberto durante o dia para se proteger das cagadas delas. Nunca comi tanta andorinha como aquele ano. Eu deitava no chão e fingia que era uma estátua. O passarinho bobeava, se distraía, e eu zás-trás, papava o bicho.

**TECA:** Ora, mais aqui tem pombos. Por que você não come pombo?

**NATACHA:** E eu sou louca? Esses pombos daqui tomam água das sarjetas, que nojo. Estão todos contaminados devido à água suja.

**TECA:** Isso lá é verdade. E comem qualquer porcaria.

**NATACHA:** Só uma vez comi um pombo. Fiquei uma semana com uma bruta de uma disenteria. Uma dor de barriga danada, nunca mais, me serviu de lição.

**TECA:** Não sei por que, mas toda

cidade grande me disseram ser poluída. Os homens ao invés de aproveitarem a natureza estragaram tudo.

**NATACHA:** E digo mais: até os ratos daqui não são iguais aos do campo. São ratos de esgoto. São de outra espécie, outra raça, sei lá. Outro dia eu cruzei com um na rua que era maior do que eu.

**TECA:** Que horror!

**NATACHA:** Ameacei ir pra cima dele mas ele rosnou mais grosso. Tão grosso que eu sai correndo. Deus me livre, que ratazana! Só faltou latir. E você Teca, já comeu rato alguma vez na vida?

**TECA:** Uma vez um entrou na minha boca. Acho que era muito novinho, estava aprendendo a andar ainda. Gostei, mas nem tanto. Eu gosto mesmo é de peixe. Frango, hambúrguer sem tempero. Um trivial simples. Acho rato coisa do passado.

**NATACHA:** Isso é porque você nunca saiu dessa cidade de loucos. Meu dono veio para cá e me trouxe com ele. Veio atrás de um trabalho melhor. Foi ambicioso e bobo. Estava tão bem no interior. Se iludiu em vir pra Capital. Foi morar numa vaga em quarto de pensão. A dona já foi avisando logo de cara: "Gato??? De jeito nenhum, que esse bicho é traiçoeiro, tem parte com o demo, cruz-credo!!!" Naquele mesmo dia mudei de dono e conheci você.

**TECA:** Meu dono, aquele santo, adotou você. Eu nasci aqui no Bexiga. Ainda não tive o prazer de conhecer as delícias do mundo rural. Em compensação os gatos

vadios aqui do bairro não se aventuram comigo. Sou respeitada aqui na Bela Vista. Facilitou, apanhou.

**NATACHA:** Quer dizer que você nunca teve problemas com eles?

**TECA:** Por falar em problema, foi bom você me lembrar.

**NATACHA:** Que foi?

**TECA:** Falamos no diabo e aparece o rabo dele.

**NATACHA:** Ai, que medo. Onde?

**TECA:** E dizer que esse paraíso poderá ter um fim.

**NATACHA:** Ter um fim? O que você quer dizer com isso?

**TECA:** Tudo tem um fim.

**NATACHA:** Quanto mistério, colega.

**TECA:** O que começa, acaba. Não acaba?

**NATACHA:** Vamos lá Teca, sua espertalhona, desembuche logo. O que é que a doutora sabe-tudo sabe e não quer me contar?

**TECA:** Você nem imagina, Natacha. Nem de longe passa pelo seu pensamento.

**NATACHA:** Sabia que tinha novidade.

**TECA:** E das grandes. Sente-se pra não cair de costas, e se prepare que lá vai: nosso dono acabou de comprar numa loja uma gata de raça.

**NATACHA:** Não! Não acredito no que acabo de ouvir.

**TECA:** É a pura verdade, Natacha. A gata come mamão, toma banho, vive perfumada, só vendo a pose dela.

**NATACHA:** Ai credo, dá licença. Vai ver que só mia em francês.

**TECA:** Minhom, minhom, minhom... Ela é fina.

**NATACHA:** É demais pra minha

cabeça. Mas ela não perde por esperar.

**TECA:** Querida, vamos lamber ferida?

**NATACHA:** Ferida não me seduz, prefiro um copo de pus.

**TECA:** O que faremos Natacha?

**NATACHA:** Que remédio teremos que aceitá-la. Se é que o nosso dono quer. É lógico que vamos mordê-la, unhá-la, surrá-la...

**TECA:** As escondidas, lógico.

**NATACHA:** Na frente do nosso querido dono vamos lambê-la.

**TECA:** E agradá-la de mil maneiras. Por trás, zás!

**NATACHA:** Trás!

**AS DUAS:** Vamos fazê-la em pe-da-cinhos! Miau, miau, miau...

**MAGALI** (*entrando*): Alto lá, iá!  
(*Fazendo gestos de karatê.*) Vim preparada, iá! (*Faz gestos de karatê.*) Violência não, iá. (*Faz gestos de karatê.*) Comigo não, violão!

**NATACHA:** Quem é essa sirigaita? Que exibida!

**TECA:** Seja superior Natacha, não dê confiança. Não falamos com gata desconhecida. Nós temos classe.

**NATACHA:** Mas que audácia a dela de querer se enturmar com a gente. Nunca vimos esta figura. Não te conhecemos, ó estrupício.

**MAGALI:** Por isso não: meu nome é Magali, a gata ninja. (*Faz gesto.*) lá! (*Faz gesto.*) lá! (*Faz gesto.*) lá! Agora já sabem quem sou. Sou perigosa, já vou avisando. Comigo ninguém brinca.

**NATACHA:** Magali? A gata ninja?

**TECA:** É a nova gata que o nosso dono comprou.

**MAGALI:** Adivinhona.

**NATACHA:** Ah, é você, é?

**MAGALI:** Eu mesma. Ao vivo e em cores.

**TECA:** Eu sou a Teca e essa é a Natacha. Seja bem vinda amiga.

**MAGALI:** Chiii... Isto está me cheirando a falsidade.

**NATACHA:** A gente quer que você se sinta em casa.

*(Agarra Magali.)*

**MAGALI:** Me solta.

**TECA:** A gente vai fazer você gostar muito daqui.

**MAGALI:** Duas contra uma não vale, é covardia. Pára com isso.

**NATACHA:** Você é novata. Vamos batizar a caloura.

**MAGALI:** Me solta por bem. Estou avisando. Quem avisa, amigo é.

**TECA:** Você vai acabar gostando de nós.

**MAGALI:** Vê se me esquece.

**NATACHA:** É só nos obedecer cegamente.

**MAGALI:** Não gosto de brincadeira de mão comigo.

**TECA:** É só você fazer tudo o que a gente mandar.

**MAGALI:** Me solta.

**NATACHA:** Nós não somos tão ruins como parecemos.

**TECA:** Somos péssimas. Você vai ver.

**NATACHA:** Vamos te dar um banho. Você não gosta de banho?

**TECA:** Gosta sim. Ela adora.

**MAGALI:** Odeio água.

**TECA:** Ou você odeia seu dono?

**NATACHA:** Meu amor de Magali.

**TECA:** Lindinha da mamãe.

**NATACHA:** Pensa que vai aonde?

**TECA:** Bilu, bilu. Vamos para o banho.

**NATACHA:** De água gelada, geladinha.

**TECA:** Que tal jogá-la dentro da caixa d'água do prédio?

**NATACHA:** Sabe nadar gracinha?

**MAGALI:** Vocês estão passando dos limites.

**TECA:** Imagine, meu bem. Mal começamos.

**NATACHA:** Magali vai ficar cheirosa.

**TECA:** Gostosa.

**NATACHA:** Que nem uma Miss Brasil.

**TECA:** Vai arrumar um namorado rico e casar.

**NATACHA:** O que é isso na cabeça dela?

**TECA:** Quieta que eu vi uma pulga.

**MAGALI:** Me soltem. Último aviso. Depois não se queixem.

**TECA:** Segura firme a fera, Natacha.

**NATACHA:** Pode deixar, Teca. É pra já. Pegou a pulga?

**TECA:** Ai, perdi. Cadê a pulga? Ai, acho que passou pra mim.

**NATACHA:** Pulou em mim. Ai, que aflição. Que coceira danada.

**TECA:** Mordeu a minha bunda. Aiii...

**MAGALI:** Bem feito. Eu bem que avisei. Bem feito!

**NATACHA:** Seu nariz tem defeito do lado direito. Ai, ai, ai, que coceira infernal. Ai, não faz cócegas, ai que eu não agüento mais.

**TECA:** Ai, que coceirinha mais gostosa. Coça mais pra direita, vai. Ai, não morde. Ai, ai, socorro, me ajudem.

**MAGALI:** De joelhos, Teca, e você também, Natacha, se quiser que eu ajude. Ginger, Fred, chega, já basta. Elas já foram castigadas o suficiente pra aprenderem a não se meter a valentonas comigo.

**TECA:** Ginger?

**NATACHA:** E Fred??

**MAGALI:** São minhas pulgas amestradas. Querem ver só uma coisa? Maestro, por favor, música! Acompanhem com o olhar esse

lindo número musical. *(As três assistem à dança com os olhos.)*  
Uma salva de palmas para Ginger e Fred, que eles merecem. Eles não são ótimos?

**TECA:** Não acredito no que meus olhos vêem.

**NATACHA:** Essa foi demais da conta.

**MAGALI:** Vamos dançar, queridas amigas? Mostre uns passos pra elas verem como é que se dança, Ginger. Esta música está perfeita, Fred. Por favor, maestro, vamos recomeçar do princípio. É um e dois e três e quatro. *(As três dançam após o número.)* Então o que acharam de dançar com Ginger e Fred?

**NATACHA:** Adorei.

**TECA:** E eu quero mais. Pensamos que por você ser gata de raça você seria antipática, cheia de frescuras.

**NATACHA:** Tipo gata de primeiro mundo.

**MAGALI:** Que bobagem. Eu sou tão simplezinha.

**TECA:** Eu já sou bem tropical. Teca peteca, nariz de boneca, toda sapeca, levada da breca.

**NATACHA:** Mas viu preta, por falar em orgulho da raça, esse ano você vai dar nas cadeiras e cair no samba da avenida?

**TECA:** Não sei, depende.

**MAGALI:** Depende? Do quê?

**TECA:** Do meu bem.

**NATACHA:** Ele é que manda, é?

**TECA:** Miau!

**MAGALI:** E a sua vontade não pesa nada na hora da decisão?

**TECA:** Miau!

**NATACHA:** E ainda por cima você é feliz assim mesmo?

**TECA:** Miau!

**MAGALI:** Não, assim não dá. Você é o que podemos chamar de gata objeto.

**TECA:** Miau!

**NATACHA:** Magali, você não sabe de nada. Quando a Teca entra no cio, vem gato de longe, de todas as partes pra rodeá-la.

**TECA:** Miau!

**MAGALI:** É mesmo?

**NATACHA:** É uma miação danada. A vizinhança joga água, xinga.

**TECA:** Miauuu!

**MAGALI:** E daí? Me conta, Natacha.

**NATACHA:** Os gatos se enfrentam numa briga danada, disputando a Teca.

**MAGALI:** Pra valer?

**TECA:** Mi-au!

**NATACHA:** Viram uma bola de pelo no chão, levanta até poeira do chão. Sai patada!

**TECA:** Miau! Miau!

**NATACHA:** Unhada!

**TECA:** Miau! Miau! Miau!

**NATACHA:** Dentada!

**TECA:** Miau! Miau! Miau! Miau!

**MAGALI:** Que horror! Que selvageria! Em que mundo estamos.

**NATACHA:** Nisso todos os gatos correm, menos um.

**MAGALI:** Quem fica Natacha? O campeão?

**NATACHA:** O mais forte.

**TECA:** Miau!

**NATACHA:** O número um.

**TECA:** Miau!

**MAGALI:** E depois, o que acontece?

**NATACHA:** O vencedor ganha como prêmio o coração da Teca.

**TECA:** Miau! Viram como faço sucesso nas redondezas?

**NATACHA:** Sai, pulguenta.

**MAGALI:** Convencida.

**TECA:** Acontece, meus amores, que eu tenho o sangue quente.

**MAGALI:** Estou vendo mesmo.

**TECA:** Mudando de assunto, colega. Olha só quem está lá na esquina.

**NATACHA:** Ela não conhece. É o cão Rex. Está atrás de você, Teca.

**TECA:** Vários gatos também, querida Natacha.

**NATACHA:** Não seja convencida que é feio. Veja Magali como tem classe, berço.

**TECA:** Que pena.

**MAGALI:** Pena do quê?

**TECA:** Se ele fosse gato.

**NATACHA:** Quem? O cão Rex?

**TECA:** Ele tem uma pose.

**MAGALI:** Sei.

**TECA:** Um andar.

**NATACHA:** Sei.

**TECA:** Um jeito de olhar. Não sei não, mas qualquer hora desta eu faço uma loucura.

**MAGALI:** Chega, que horror, se controle, Teca.

**NATACHA:** Daqui a pouco, Teca, você vai querer contar com detalhes tintin por tintin tudo o que sente quando está no cio.

**TECA:** Cio?

**NATACHA:** Fala baixo, olha a postura, tem criança na platéia.

**TECA:** E daí? Criança não deve saber que as plantas se reproduzem em mais plantas? Os bichos no cio se acasalam, o macho com a fêmea, se cruzam. E sabem pra quê? Pra logo, logo dar cria a mais bichos. Assim como o homem. Viram como é simples? Não é nenhum bicho de sete cabeças. As coisas hoje em dia

tem que ser as claras, transparentes. Já se foi o tempo que tudo era proibido e escondido. Pra que mentir criança? Criança também tem o direito de saber, ué.

**MAGALI:** Você anda indo muito em passeata ultimamente, Teca.

**NATACHA:** Ela tem razão, Magali.

Castraram o gato do prédio ao lado. A dona dele fez isso pra ele engordar. E pra ele parar de miar querendo gata. Pra ela era mais prático. Pode a ignorância? Coitado do animal. Condenado a nunca mais poder namorar. Vai ver agora ele vai engordar bastante de desgosto. É por isso, Magali, que a Teca está tão revoltada.

**TECA:** Numa cria nascem em média um gato e três gatas. E eles, os donos, ainda por cima, castram os poucos gatos que nascem? Assim já é demais. Gato é um ser vivo, não é um bibelô de porcelana. Deste jeito que a coisa vai, corremos o risco de ficarmos todas pra titia!

**NATACHA:** Que horror, credo!

**MAGALI:** Deus me livre! Vire essa boca pra lá.

**TECA:** E tem mais: ninguém quer saber de gatas. Somos discriminadas, pois acham indecente a gente ter cio. Como se o cio não fosse uma coisa da natureza. O homem sente é inveja da nossa liberdade.

**MAGALI:** Nesse ponto também acho. O cachorro é puxa-saco, adula o dono por obrigação. Nós gatos só quando gostamos mesmo de uma pessoa fazemos um carinho. Somos sinceros. E temos

personalidade. Ninguém consegue obrigar um gato a fazer nada. Ainda bem que é assim.

**TECA:** E os nossos donos pensam que podem nos dominar. Que burrice.

**NATACHA:** Não vamos cometer uma injustiça com o nosso dono. Ele cuida de nós como pode. Se ele não é tão inteligente como nós, fazer o quê?

**MAGALI:** Pensando bem, é conversando que a gente se entende. Agora que conheci melhor, vocês estão gostando de estar aqui. Achei que seria horrível, que nunca eu iria me acostumar.

**TECA:** Como era o lugar da onde você veio Magali?

**MAGALI:** Um lugar enorme, lindo, com muito espaço e muitos esconderijos para a gente brincar. Eu e meus irmãozinhos. Era tudo muito bom.

**NATACHA:** Imagino que o ninho onde você dormia devia ser do outro mundo.

**MAGALI:** Eu estou acostumada a dormir na casa do meu dono. Desde pequena que sempre foi assim.

**NATACHA:** É, mas isto agora vai mudar.

**TECA:** Se vai. Trate de se acostumar, Magali.

**NATACHA:** Aqui as normas da casa são outras.

**TECA:** Aqui gatos são apenas bichos, nada mais.

**NATACHA:** Dormem em caixotes de papelão.

**TECA:** E no quarto da empregada.

**MAGALI:** No quarto da empregada?

**TECA:** É.

**NATACHA:** Que não passa de um quartinho de despejo.

**MAGALI:** Dormir em caixote de papelão no quarto de despejo?

**NATACHA:** Hum, hum...

**MAGALI:** Mas o que é que é isso? Gato é bicho?

**TECA:** É?

**NATACHA:** Ou não é?

**MAGALI:** E eu vou ter que me sujeitar às normas da casa?

**TECA:** Sim, senhora. Que remédio?

**MAGALI:** Ah, não vou não. Mas não vou mesmo.

**NATACHA:** Não?

**MAGALI:** Vocês vão ver só uma coisa. *(Sai; barulhos, gritos, miados; Teca e Natacha tapam os ouvidos; Magali entra cambaleante.)* Ai, ai, miau, miau...

**NATACHA:** Que foi? O que aconteceu?

**TECA:** Você está bem?

**NATACHA:** Eu bem que avisei.

**MAGALI:** Ai, foi o chinelo que me bateu, o malvado.

**NATACHA:** O chinelo te bateu, Magali?

**TECA:** Essa é boa. O chinelo?

**MAGALI:** Foi o chinelo, sim. O malvado me bateu no focinho, na cabeça e na bunda.

**TECA:** Não foi o chinelo, Magali.

**MAGALI:** Não? Como é que você sabe, Teca?

**NATACHA:** Lógico que não foi. Chinelo não tem vida, Magali.

**TECA:** Não é gente nem bicho.

**NATACHA:** Não é planta do mundo vegetal.

**TECA:** Nem pedra do reino mineral.

**NATACHA:** Tão pouco ser do reino animal.

**MAGALI:** Não? O que é um chinelo então?

**TECA:** Um objeto sem vida, inanimado.

**NATACHA:** Que não tem movimento próprio. É uma coisa.

**TECA:** É só um chinelo.

**MAGALI:** E quem me bateu então?

**TECA:** Nosso dono. É claro. Quem mais podia ser?

**NATACHA:** Com o chinelo. A mesma mão que agrada, bate.

**MAGALI:** Não acredito. Por que ele faria isso?

**TECA:** Pra você aprender a não ser malcriada. Você é nova na casa.

**NATACHA:** Aliás, apartamento.

**TECA:** Todas nós apanhamos logo que chegamos. São as regras daqui.

**NATACHA:** Não se pode miar de madrugada. Nosso dono não quer saber de reclamação nem de amolação de vizinho.

**TECA:** Não pode também ficar feito doida pulando e correndo que atormenta.

**NATACHA:** Quebrar ou estragar as coisas do nosso dono também não pode.

**MAGALI:** Ainda não acredito que foi quem me bateu. Ele gosta mais de mim.

**TECA:** É mesmo? Tem certeza, Magali?

**MAGALI:** Sou a gata caçula, seu xodó.

**NATACHA:** Acha isso? Pois está redondamente enganada.

**TECA:** Magali pensa que é a única gata do pedaço.

**NATACHA:** Com certeza ela se sente o centro do universo. Que tudo gira em torno dela, coitada.

**TECA:** Olha que aqui na área eu sou a famosa Teca. Sou disputadíssima.

**NATACHA:** E eu a bela Natacha. Todos os gatos crescem os olhos em mim quando eu passo linda e indiferente. Não seja petulante, Magali.

**TECA:** Coitada dela. Vai demorar pra formar o seu fã clube.

**NATACHA:** Como rivais suas, somos poderosas.

**MAGALI:** Só posso estar tendo um pesadelo daqueles. Acho que foi muita sardinha que eu comi. Fui gulosa, devia ter comido só a ração. Isto que está acontecendo comigo só pode ser um sonho mau.

**TECA:** Sai da frente, Natacha. Parece espelho sem aço.

**NATACHA:** Espelho sem aço é a mãe.

**MAGALI:** Preciso acordar. Não pode ser verdade. Ai, estou passando mal. Acho que eu vou desmaiar. Me segura que eu vou ter um troço.

**TECA:** Em cima de mim não.

**NATACHA:** Sai pra lá. Trate de melhorar rápido. Caia na real, Magali. Olhem!

**TECA:** Já, já vai anoitecer, e quando acaba o dia eu esqueço tudo e me preparo para viver a noite. Miau.

**NATACHA:** Eu também. Gatos são animais noturnos. Miau.

**MAGALI:** Miau. E eu até sarei. Estou pronta pra noite. Miau.

**TECA:** Natacha e Magali não se esqueçam que eu sou Teca, a primeira gata. Vocês vieram depois de mim pra cá. Portanto quando vier a comida eu me sirvo primeiro, ouviram bem? O colo do meu dono a primeira opção é minha, o sofá da sala idem, o sofá em frente da televisão também.

**NATACHA:** Até o sofá da TV, Teca?

**TECA:** Tudo o que eu não quiser pode ficar pra vocês duas. Viram como eu sou boazinha? Um amor? Sejam agradecidas, meninas.

**MAGALI:** O que você acha disso,



Natacha?

**NATACHA:** Por essa eu não esperava. Estou sem palavras, Magali.

**TECA:** Concordam comigo ou vou ter que usar a força? Escolham.

**MAGALI:** Vai depender de Ginger e Fred. O que vocês acham?

**TECA:** Melhor deixar as pulgas amestradas de fora. Que se calem.

**NATACHA:** Elas também são filhas de Deus. Cala a boca já morreu. Foi-se o tempo.

**MAGALI:** Hei? Ginger quer decidir a questão no voto. Democraticamente.

**TECA:** Vamos decidir isso entre gatos, sem pulgas no meio.

**MAGALI:** Que foi Fred? Você não concorda? Você também vota contra?

**NATACHA:** Eu também quero decidir é no voto. Abaixo a ditadura da Teca.

**MAGALI:** Bem, acho que somos quatro votos contra um. Vencemos. O que me diz?

**TECA:** Olha gente, me desculpem eu me excedi, não sei o que deu em mim. Vamos voltar à democracia. Comemos juntas e dividimos o colo e o sofá do nosso dono. Está bom assim, maninhas?

**MAGALI:** E viva a democracia.

**NATACHA:** Viva ...

*(Cutuca Teca que dá um viva atrasado.)*

**MAGALI:** Teca, como foi que você veio morar aqui?

**TECA:** Por duas razões: por ser mestiça de angorá com vira-lata de rua e por ser gata fêmea. Quem quer ficar com uma gata de raça indefinida? Nem que fosse raça

pura. Gata? Fêmea? Deus me livre, nem de graça. Elas entram no cio pra cruzar etc. e tal. E por aí vai. Me jogaram filhote na rua, mal e mal desmamada.

**MAGALI:** E como chegou até aqui?  
*(Música melosa de drama.)*

**TECA:** Ensopada d'água num dia de chuva, morrendo de fome, tremendo de frio. Oh, que mundo mais cruel. Abandonada na selva da cidade grande.

**MAGALI:** Essa não. Para Teca que vou chorar.

**NATACHA:** Golpe antigo esse.  
*(Música pára.)*

**TECA:** Ainda bem que funcionou com o nosso dono. E olha que tive sorte. O nosso dono, naquela época, morava em casa. Foi a quinta casa que eu apareci toda molhada e me tocavam no temporal. Não agüentava mais. Dei sorte.

**NATACHA:** A mesma coisa acontece com os filhotes da Teca. Isto quando nosso dono esquece de dar uma injeção nela para evitar cria.

**MAGALI:** Nosso dono põe na rua os gatinhos?

**TECA:** Assim que deixam de mamar. Coloca num caixote e tchau e benção.

**MAGALI:** Que horror. E o que acontece com eles?

**TECA:** Se derem sorte como eu são adotados. Se não ficam pela rua.

**NATACHA:** Não haveria espaço pra tantos gatos num apartamento.

**MAGALI:** Você também pensa assim Teca?

**TECA:** Sou um animal irracional. Dizem que não tenho razão, memória

nem emoção. A vida é assim.  
(*Apolo entra e faz xixi num espelho velho.*)

**NATACHA:** Que é isso Apolo? Pára de fazer xixi nesse espelho velho. Que coisa.

**APOLO:** É pra aquele gato persa azul não vir pro lado de cá. Nem aquele gato amarelo. Saiba que gato amarelo é do Afeganistão? Sabia?

**TECA:** Você é um crânio Apolo.

**NATACHA:** Você sabe tudo. Como consegue?

**MAGALI:** Esse espelho velho nem reflete mais tanto xixi. O Apolo já fez xixi.

**APOLO:** Faço xixi para marcar o meu território. Aqui. (*Faz xixi.*) Aqui. (*Faz xixi.*) Aqui é meu território.

(*Sai.*)

**MAGALI:** O que foi isso?

**NATACHA:** Parece o ronco de uma motocicleta.

**MAGALI:** Será que seremos vítima da juventude transviada?

**TECA:** Se ao menos o gato Apolo estivesse aqui para nos proteger.

**APOLO** (*entra montado numa vassoura e anda em círculos fazendo barulho de motor de motocicleta com a boca*): Ouvi o meu nome. Me chamaram gatinhas? Miauuuu...

**NATACHA:** Apolo querido.

**TECA:** Apolo meu herói.

**APOLO:** Hum, vejo que temos aqui uma gatinha nova no pedaço. E é cheirozinha.

**MAGALI:** Meu nome é Magali. Prazer em conhecê-lo, Apolo.

**NATACHA:** Olha só como ela é assanhada.

**APOLO** (*beija a mão da Magali*): Estou encantado. Você é simplesmente

linda.

**TECA:** Além de assanhada, exibida.

**MAGALI:** Você é muito gentil, Apolo.

**NATACHA:** Vou já dar um jeito nisso.

Apolo, meu bem querer, vem cá.

**APOLO:** Sou todo seu Natacha.

**TECA:** Apolo, meu amor, vamos dar um passeio atrás da caixa d'água?

**APOLO:** Você sabe, Teca, que eu faço tudo o que você quiser.

**MAGALI:** Pelo visto você é um gato muito ocupado, Apolo.

**APOLO:** Mas sem dúvida terei um tempinho pra você doçura.

**NATACHA:** Deixe essa lambisgôia pra lá, Apolo.

**APOLO:** Natacha, não seja ciumenta.

**TECA:** Apolo, você vai ter que escolher. Ou nós ou ela.

**NATACHA:** Isso mesmo.

**APOLO:** Pra que tenho que escolher se posso ter as três.

**MAGALI:** Apolo, você é um galã incorrigível.

**NATACHA:** Apolo é um atleta.

**TECA:** Apolo é um gato nota dez.

**APOLO:** Eu não sou nada, não sou ninguém. Vocês sim são supergatinhas. No sábado vou levar as três numa festinha.

**TECA:** Adoro dançar, Apolo. E você é o meu par perfeito. Por favor, maestro, um tema para apaixonados.

(*Os dois dançam alguns passos.*)

**NATACHA:** Com licença querida Teca, por alguns instantes agora Apolo será só meu.

(*Os dois dançam alguns passos.*)

**MAGALI:** Natacha, meu bem, chegou minha vez de bailar nos braços do Apolo.

(*Os dois terminam a dança.*)

**TECA:** Agora é a minha vez.

**NATACHA:** Não dancei quase com o Apolo.

**MAGALI:** Dança comigo, vai Apolo.

**APOLO:** Calma, eu chego pra todas. Já não está quase na hora do jantar de vocês?

**TECA:** Já, já nosso dono vai nos chamar.

**APOLO:** Será que posso fazer uma boquinha com vocês? Gosto de variar o cardápio, pra não enjoar. O dono de vocês não vai se aborrecer?

**NATACHA:** De jeito nenhum. Nosso dono adora você.

**APOLO:** Ele é gente fina.

**MAGALI:** Quer dizer que você vai ficar pra jantar com a gente, Apolo?

**APOLO:** Alguém já lhe disse, Magali, que você é simplesmente um estouro?

**TECA:** Este é o Apolo, o famoso gato voador.

**MAGALI:** Você é de circo, Apolo?

**APOLO:** Não. Mas já pensei em ir embora, fugir com um circo por aí sem destino. Cair neste mundão a fora, conhecer lugares novos. Gatópolis, Gatolândia, Gatífera, Terra do Miau, Gatoburgo, Gatófilo, Miaupólis, Gatológica, Miaulândia, Gatolino, Gato City e talvez até Ciudad del Gato.

**TECA:** Que romântico! Seria uma aventura e tanto.

**NATACHA:** Um dia aqui, outro ali. Já pensou? Tanta coisa nova a conhecer.

**MAGALI:** E em todos os lugares uma faixa bem grande aonde acampasse o circo "Apolo, o gato voador"! Em letras garrafais.

**TECA:** Sessão especial hoje!

**NATACHA:** Seria o máximo!

**MAGALI:** A consagração!

**TECA:** O país todo a seus pés!

**NATACHA:** Todos os gatos te imitando!

**MAGALI:** Apolo lançando moda!

**TECA:** Apolo no topo do sucesso!

**NATACHA:** Não resisto. Apolo, me dá um autógrafo antes de você partir?

**APOLO:** Desisti de acompanhar o circo. Se fosse só por uns dias seria divertido. Mas eu pensei bem e não pretendo largar o vidão que eu tenho aqui neste prédio ao lado de vocês. E nem vou abrir mão dos mimos e carinhos do meu dono. Quem sabe noutra ocasião.

**MAGALI:** A vida dos gatos em prédio de apartamentos até que é boa.

**APOLO:** Sabe que um vizinho que mora no meu andar numa porta em frente a minha disse? Que os gatos acham que são os donos dos seres humanos.

**TECA:** E não é mesmo assim?

**NATACHA:** Eu sempre pensei que fosse.

**MAGALI:** Eu também.

**APOLO:** Absolutamente. Ele disse que de jeito nenhum. Gato é animal e animal é um ser inferior. Não possui nem alma.

**TECA:** Que absurdo! Deus criou nossos donos pra nos servir.

**NATACHA:** Pra nos escovar o pelo, fazer carinho, dar comida gostosa.

**MAGALI:** Afinal somos ou não animais de estimação?

*(Todos miam.)*

**TECA:** Conta pra Magali como foi que você voou, Apolo.

**APOLO:** Ora Teca, foi sem querer.

**NATACHA:** Ele pulou do sétimo andar do prédio e não morreu.

**APOLO:** Na verdade eu estava no

peitoril da janela, fui me coçar, perdi o equilíbrio.

**MAGALI:** É mesmo? Que horror, que perigo!

**APOLO:** Gato tem sete vidas, não sabia?

**MAGALI:** Mas você se quebrou todo? Não sofreu nenhum arranhão?

**APOLO:** Pra dizer a verdade fiquei descadeirado, mancando uma semana.

**MAGALI:** Imagino. Você deve ter ficado com o corpo todo dolorido da queda.

**APOLO:** Mas já me recuperei bem e estou pronto pra outra.

**MAGALI:** Cuidado, Apolo, com a sorte não se brinca. Você pode morrer.

**TECA:** O pior foi o rombo enorme que ele fez no telhado do bar de baixo.

**APOLO:** Foi o que amorteceu minha queda. Se em vez de cair em cima do telhado eu tivesse caído no cimento duro, babau! Era uma vez Apolo.

**MAGALI:** Nem diga uma coisa dessas.

**NATACHA:** E se o telhado do bar não tivesse forro o Apolo tinha despencado no meio das mesinhas e cadeiras, bem em cima da freguesia.

**TECA:** Apolo é gato voador de família.

**NATACHA:** A tia dele, a mãe da Lili Marlene, foi quem saltou primeiro do sétimo andar. A família do Apolo faria sucesso num circo.

**TECA:** Sua tia caiu ou saltou? Como foi que aconteceu?

**APOLO:** Não sei, não era nascido ainda, mas parece que ela queria saltar de uma janela pra outra e acabou mergulhando no vazio.

**MAGALI:** Que perigo. Isso não se faz.

Saltar de uma janela pra outra no sétimo andar? Fico arrepiada de pavor. Já pensou se esborrachar no chão?

**APOLO:** É, foi por pura sorte minha tia e eu termos escapado. Azar quem teve foi meu dono. Por duas vezes teve que mandar consertar o telhado do bar.

**TECA:** Vamos dançar Apolo? Estava tão bom.

**NATACHA:** Isso mesmo, vamos.

**APOLO:** Já sei. Um pouco de exercício antes da refeição para abrir o apetite. Dançamos todos juntos desta vez.

**TECA:** De que jeito?

**NATACHA:** Assim não gosto.

**MAGALI:** Não tem graça Apolo.

**APOLO:** Vocês estão chiando e nem sabem como é. Vamos fazer aeróbica. É só me imitar. E um e dois e três e já.

*(Eles fazem número de aeróbica.)*

**TECA (após o número):** Puxa, que legal!

**APOLO:** Nada como ficar em dia mantendo a forma.

**NATACHA:** Estou exausta. Ufa.

**TECA:** Não seja pamonha, Natacha.

**APOLO:** É bom pra queimar aquelas gordurinhas a mais.

**MAGALI:** Eu achei o máximo, Apolo. Só você mesmo pra ter essas idéias.

**APOLO:** Você ainda não viu nada, meu docinho de coco. E agora que estamos a mil por hora, vamos todos brincar de inimigo oculto.

**TECA:** Inimigo oculto?

**NATACHA:** Onde?

**APOLO:** Vai saber. Por aí.

**MAGALI:** Nunca ouvi falar de inimigo oculto.

**APOLO:** Um inimigo oculto é sempre muito perigoso.

**TECA:** Ai, não fala assim, Apolo.

**NATACHA:** Tenho medo.

**APOLO:** Calma meninas. Vocês não estão sozinhas. Super Apolo tudo fará para protegê-las. Darei minha vida se necessário for.

**MAGALI:** Vamos nos esconder.

**TECA:** Onde?

**NATACHA:** Por aqui?

**MAGALI:** Por ali?

**APOLO:** Rápido, vamos para o futuro.  
(*Música.*)

**NATACHA:** Eu preferia ir para o passado.

**TECA:** De novo? Ontem já estivemos no passado.

**MAGALI:** Passado passou. Você tem cada idéia, Natacha.

**APOLO:** Concentrem-se na música, gatinhas. A música é que vai nos transportar até o futuro.

**NATACHA:** O passado é muito mais romântico.

**TECA:** Viver tudo de novo no passado?

**MAGALI:** Bem de longe daqui aqui mesmo?

**APOLO:** A luz vai nos transportar. Olhem. Perigo à vista.

**TECA:** O caso é sério Apolo?

**APOLO:** Ouçam a fita que o nosso serviço de contra-espionagem conseguiu.

**NATACHA:** De quem é chefe?

**APOLO:** Comando de caça aos gatos.

**MAGALI:** Malditos nazistas. Estão de volta.

**TECA:** Estamos perdidos.

**APOLO:** E eles não estão sós. O comando de caça aos gatos se associou à liga da decência e da moral das senhoras de Santana.

**TECA:** Bruxas!

**NATACHA:** Sai, sai, xô, xô...

**MAGALI:** Abaixo as peruas!

**APOLO** (*coloca uma máscara e sobe num banco*): Quem vos fala é Ramão Mamão, queridas ouvintes. Tenho uma missão sagrada pra todas vocês: acabar de vez com essa miação imoral nos nossos telhados. Vamos colocar caco de vidro nos nossos muros, cerca eletrificada de arame farpado nos nossos telhados. Belas armadilhas pra esses animais que vivem fazendo poses indecentes na frente de nossas famílias. Vamos rechear bolas de carne com veneno ou caco de vidro moído pra acabar com esses bichanos. Proponho de uma vez por todas que a gataiada fique pra sempre presa num gatil. Podíamos até aproveitar esses gatos, que com certeza não foram feitos por Deus e sim pelo demônio, para fazer sabão com eles. E na calada da

**TECA:** Que horror. Olha gente como estou toda arrepiada.

**NATACHA:** Os nazistas vão picar a gente em pedacinho.

**MAGALI:** Sai pra lá Natacha. Eu não vou virar picadinho, muito menos churrasquinho de ninguém. Muito menos desses nazistas.

**APOLO:** Estamos em perigo. Alerta vermelho, repito: alerta vermelho! A ordem é atacar já, imediatamente o inimigo. Quero

esclarecer que essa missão é praticamente sem volta. As chances são de apenas uma em um milhão. Não posso obrigar a ninguém a aceitar essa missão. Preciso de uma voluntária para enfrentar os nazistas.

**MAGALI:** Pode contar comigo, Apolo. Odeio injustiças.

**TECA:** Meus parabéns, Magali.

**NATACHA:** Como você é corajosa, Magali.

**APOLO:** Magali, você está ciente que se cair nas mãos dos nazistas não poderemos fazer absolutamente nada por você?

**MAGALI:** Sei disso, Apolo.

**TECA:** Vamos negar conhecê-la.

**NATACHA:** É preferível morrer a cair nas mãos deles.

**MAGALI:** Estou por dentro.

**APOLO:** Talvez nós não nos vejamos mais.

**MAGALI:** Quem sabe?

**TECA:** Se isso acontecer, jamais nos esqueceremos de vocês, Magali.

**NATACHA:** Boa sorte.

**APOLO:** Estamos torcendo por você, Magali.

**MAGALI:** Até breve ou até nunca mais. *(Sai.)*

**TECA:** Será que ela consegue?

**APOLO:** Será que ela escapa desta?

**NATACHA:** Será que ela vai voltar?

**APOLO:** Natacha, onde foi vista pela última vez a nave de Magali?

**NATACHA:** Magali acaba de sair do nosso sistema estelar.

**TECA:** Pobre Magali.

**APOLO:** Sentiremos saudades.

**NATACHA:** A torre captou mensagens de vários sistemas estelares.

**TECA:** Os mapas chegam a todo instante.

**NATACHA:** Nem sinal dela.

**APOLO:** O radar intergalático conseguiu enfim captar o sinal de Magali.

**TECA:** Alô, alô...

**NATACHA:** Tem muitas interferências na linha.

**APOLO:** Alô. Finalmente consegui contato. O quê? Encontraram os destroços da nave deserta de Magali vagando no espaço.

**TECA:** Ah, meu Deus.

**NATACHA:** Não pode ser possível.

**APOLO:** Não há mais sombra de dúvida. A nave de Magali foi destruída pelos nazistas. Foi derrubada.

**MAGALI (de fora):** Miau.

**TECA:** Não é possível.

**NATACHA:** Não pode ser.

**TECA:** O miado é dela. Eu nunca iria esquecer essa voz suave.

**MAGALI (aparece):** Sou eu mesma, Apolo. Magali em carne e osso.

**APOLO:** Não acredito no que meus olhos vêem.

**TECA:** Nada é impossível para Magali, a gata ninja.

**NATACHA:** Como você escapou dos nazistas? Afinal, você estava perdida?

**APOLO:** E Ramão Mamão? O que houve? Queremos saber detalhes.

**MAGALI:** Isso vocês só vão saber quando eu me lançar em quadrinhos: "Magali no planeta Mongo". Tendo como galã ao meu lado o sempre charmoso Apolo.

**APOLO:** Pode contar comigo Magali para o que der e vier.

**TECA:** E nós? Vamos ficar olhando e chupando o dedo?

**NATACHA:** Ficamos de fora? Assim não

vale.

**APOLO:** Calma gatinhas, tenham calma.

**MAGALI:** E como não poderiam faltar, minhas queridíssimas e lindíssimas amigas Teca e Natacha farão uma participação na história pra lá de especial.

**TECA e NATACHA:** Viva!

**APOLO:** E agora chegou a hora de nos despedirmos desta querida platéia.

**TECA:** Ah, já?

**NATACHA:** Vamos ficar mais um pouco,

vai.

**MAGALI:** Temos mesmo que nos despedir Apolo? Eu por mim ficava aqui pra sempre.

**TECA:** Por que temos que ir embora Apolo?

**NATACHA:** Isso mesmo, por quê?

**MAGALI:** Nos explique isso já e direitinho.

**APOLO:** É que estou sentindo no ar o cheiro dos petiscos que o dono de vocês colocou na mesa. Vamos nos deliciar.

**TODOS:** Oba! Miau, miau, miau...

**FIM**





# Adolescente/ Adulto

**Pedro Mico**

Antonio Callado

**Você tem medo do ridículo Clark  
Gable? ou Somos o que fomos**

Analy A. Pinto

**Novo Othelo**

Joaquim Manoel de Macedo



# PEDRO MICO

Antonio Callado

## PERSONAGENS

---

**Pedro Mico** – malandro de morro, vinte a trinta anos

**Aparecida** – mulher branca, mesma idade, maltratada

**Melize** – menina vizinha, mulata

**Zemélio** – irmão de Melize, menino, mulato claro

**Três investigadores**

## ATO ÚNICO

*(Representação externa e interna de um barracão no morro da Catacumba, à beira da lagoa Rodrigo de Freitas. O barracão se ergue encravado no barro, reforçado por estacas, como uma casa lacustre. No primeiro plano e pela direita, um caminho de barro circunda a casa. No interior do barracão, único cômodo, naturalmente, todo o mobiliário de uma favela está acumulado: a lata de gasolina de carregar água, cama, fogão, mesa de pau com bancos. No canto do fogão, prateleiras com louças etc. Mas se sente que o dono da casa é um "dandy" e um grande leitor de jornais. Os jornais estão por toda parte. Na parede há um grande espelho e numa prateleira ao pé do espelho há dois pentes, brilhantina, escova e pasta, água de colônia. Num armário feito de caixote penduram-se uma roupa de panamá branco, outra de brim claro, um terno de sarjão azul-marinho, e, num barbante que passa diante das*

*roupas, muitas gravatas, todas em cetim lustroso e cores vivas. O armário não tem porta. No chão do armário estão três pares de sapato, de bico exageradamente longo, um vermelho, um bicolor e um de couro de boi, marrom e branco. A porta da rua é na parede do fundo, mais à direita. Na parede da esquerda, bem visível, há uma janela fechada com uma tranca de madeira. Quando o pano se ergue, o espectador vê toda a cena em silhueta contra um céu claro, de noite de lua e estrelas. Uma mulher e um homem vêm de braços dados pela esquerda, passam pela frente do palco e sobem o caminho à direita. Ouve-se a porta de pau abrir, ilumina-se o barracão. A luz é de um lampião de querosene em cima da mesa. Melize está adormecida, sentada à mesa, um livro diante dela. Entram Aparecida e Pedro Mico.)*

**APARECIDA:** Você me disse que não morava com mulher.

**PEDRO MICO** *(fechando a porta):* Isto não é mulher. É uma franga aí da

vizinha. Está doida para conhecer homem, mas não há de ser comigo não.

**APARECIDA:** Tadinha, vai ver que ela gosta de ti mesmo.

**PEDRO MICO:** Ah, que gosta, gosta. Mas isto não é vantagem não.

**APARECIDA:** Ué...

**PEDRO MICO** *(que tira o paletó branco e comprido e fica de blusão e calça de cintura alta e boca estreita, exagerando mais ainda o comprimento do sapato de bico fino):* É isto mesmo, mulher. Tem vantagem não. Dona que chega aqui perto do degas perde logo a autonomia. Não digo isso de besta não. Até que dar sorte assim às vezes enche. Mulher muito apaixonada enche. Mas que é que a gente vai fazer!...

**APARECIDA:** Pretensão e água benta...

**PEDRO MICO:** Como é o negócio?

**APARECIDA:** Minha mãe sempre dizia isto quando a gente ficava presumida; pretensão e água benta cada um toma a que quer.

**PEDRO MICO:** Hum... Quer dizer que é só meter a mão na pia e enxaguar a cara.

**APARECIDA:** Não é o que você está fazendo, bem?

**PEDRO MICO** *(dando de ombros):* Fica nas minhas redondezas e você vai ver. É fêmea que parece mato. Eu estou neste morro da Catacumba não tem dois meses e umas seis cabrochas já fizeram ranger as tábuas daquela cama ali.

*(Mostra com o beíço.)*

**APARECIDA** *(petulante):* Mas você parou na praia de Ipanema e veio me buscar. E já tinha muitos

dias que você aparecia lá e ficava me manjando, não é mesmo?

**PEDRO MICO:** É que eu ando mesmo com saudade da vida de casado e queria uma mulher para viver junto. Mas aqui neste morro tudo quanto é mulher é analfa de pai e mãe! Eu vi logo que tu tinha pinta de saber ler.

**APARECIDA** *(rindo):* Você me deu um espanto! Nunca ninguém me abarracou perguntando se eu sabia ler, ora veja.

**PEDRO MICO:** Da primeira vez que eu vi você lá na praia, assobiando pros homens de automóvel, tive vontade de te trazer pra uma experiência. Mas mulher analfabeta comigo não vai, não. Você disse que sabia ler bem à beça. *(Pega um jornal em cima da mesa.)* Lê um troço aí.

**APARECIDA** *(lendo fluentemente, mas sem parecer entender muito):* "Os radicais-socialistas, liderados pelo ex-Premier Mendès-France, uniram-se aos socialistas para pedir que o futuro governo da França seja formado por elementos dos dois partidos que concorreram às recentes eleições gerais sob a legenda da Frente Republicana..."

**PEDRO MICO:** Chega.

**APARECIDA** *(demasiada concentrada na leitura para ouvi-lo):* "Por sua parte Pierre Poujade, líder do movimento contra os impostos, declarou que procurará aumentar..."

**PEDRO MICO:** Está muito chato.

**APARECIDA:** "...o número de filiados à sua organização e que talvez até

tenham candidato próprio”.

**PEDRO MICO** (*gritando*): O mulher, como é que a gente te desliga? Vôte!

**APARECIDA**: Ué...! Não estava direito, seu professor?...

**PEDRO MICO**: Estava, estava. Mas esse lero aí não resolve. (*Vira páginas do jornal.*) Aqui é que tem as coisas que interessam. Mete lá uma lida.

**APARECIDA**: “De estarrecer as declarações da esquitejadora”.

**PEDRO MICO**: Vê lá se já tem notícia da cabeça. Cabra dos infernos esta Maria da Penha.

**APARECIDA**: Deixa ver. “Não houve nada de mais! O que está feito está feito”. (*Para Pedro.*) Cruzes! Corta o cara em pedaços, depois ainda diz que não houve nada de mais...

**PEDRO MICO**: Anda, vê lá a cabeça.

**APARECIDA**: ... “O esquitejamento e o despacho” ... “Esconderia alguém?” ... Ah, está aqui: “Em seu primeiro relato Maria da Penha Pereira deu a versão de que colocara a cabeça da vítima dentro da mala e deixara na Praia de Sepetiba. Ontem, ao prestar seu depoimento na Divisão de Polícia Técnica, esclareceu o fato, dizendo que a jogara no mar naquela praia. As buscas efetuadas pela Polícia, porém, foram até o momento infrutíferas e” ...

**PEDRO MICO**: Levanta a agulha aí. Senão a gente só lê esta danada desta Maria da Penha. (*Rindo.*) Eta crioulinha enfezada! Vai em frente.

**APARECIDA**: Você ainda pensa que eu

sou analfa, puxa?

**PEDRO MICO**: Vamos lá. Vai lendo aí os títulos.

**APARECIDA**: “Baleado, morreu no Pronto-Socorro

**PEDRO MICO**: Quem é o cara?

**APARECIDA**: Um tal de... “José Leite, malandro de 21 anos, solteiro, morador na Rua Araújo Leitão, 839, no Grajaú”.

**PEDRO MICO**: E que mais?

**APARECIDA**: “Incríveis façanhas do cabo Chico da Caru. Interpretando a seu modo o estado de sítio prendeu inúmeras pessoas”. “Assassinou o tio com dez canivetadas”. “Caiu no conto do engenheiro”. “Denunciado Russo do Norte”. “Abatida pela própria irmã”. “More no que é seu. Até muito pouco tempo isto não passava de um sonho”. Ah, não, isto é anúncio de apartamento.

**PEDRO MICO**: Aí não tem título sobre batidas de Polícia em morro, tem?

**APARECIDA** (*esquadrinhando a página*): Não vejo nada disto não.

**PEDRO MICO** (*esfregando as mãos e batendo palma, satisfeito*): Eu não digo. Uns ceguinhos. A gente vem pra zona sul e nem nada.

(*Bate com mais força.*)

**MELIZE** (*acordando*): O quê?... Pedro Mico?... Não!

**PEDRO MICO** (*amolado*): Pronto! Acordou o broto.

**MELIZE**: Quem é essa dona?

**PEDRO MICO**: Não é da tua conta. Que é que tu está fazendo aí?

**MELIZE** (*puxando o livro que tinha diante de si para o colo*): Eu... Estava aqui esperando acender a lamparina...

**APARECIDA** (*tentando fazer camaradagem*): Que livro é esse aí, filhinha?

**MELIZE** (*puxando mais o livro contra si mesma*): Não é da sua conta, não, sua xereta.

**PEDRO MICO** (*tirando o livro de Melize e passando-o a Aparecida*): É a cartilha dela. O bê-á-bá.

**APARECIDA**: É isto mesmo. "Primeiro Livro de Leitura".

**PEDRO MICO**: Está seca pra aprender a ler pra ver se vem morar comigo. (*Rindo e beliscando o rosto de Melize.*) Tu dava tudo pra ninar aqui o papai todas as noites, hein!

**MELIZE** (*retirando o rosto*): Pega meu livro aí com essa...

**PEDRO MICO**: Psiu! Luz vermelha nessa língua de jararaca!

**MELIZE**: ... essa vagabunda!

**PEDRO MICO** (*levando a mão, sem bater*): Olha que eu te dou a bênção! Mulher que eu trago aqui pra dentro é mulher de Pedro Mico, hein! Eu vou dizer a tua mãe que você agora passa as noites aqui me escorando. Um dia desses eu entro aqui meio agitado com a uca, te estranho e depois vão me chamar de infanticida e papa-broto.

**MELIZE**: Você fala muito mas não resolve nada.

**PEDRO MICO** (*rindo*): Qual, esta moçada de hoje é de amargar. Vai, sua sem-vergonha, vai dormir na tua casa.

**MELIZE**: Hoje você tem a velhota aí para fazer o café, não é?

**APARECIDA** (*sem ligar às piadas*): Você vem me mostrar onde estão as coisas, o bule, pó, o saco, o açúcar... Não sei onde está nada.

**MELIZE** (*correndo para a porta*): Quem pega o homem descasca o abacaxi todo. Daqui a pouco você quer que eu faça a cama pra vocês depois deitarem.

(*Melize sai batendo a porta.*)

**PEDRO MICO** (*para Aparecida*): Não te emagreças por isto não. Daqui a pouco a peste está aí de volta. E o irmão dela também não custa a estourar por aí. Ele me compra todos os jornais da manhã bem cedinho.

(*Aparecida andando para o canto do fogão.*)

**APARECIDA**: Vou fazer um cafezinho quente pra nós. E agora que você já me examinou à vontade você podia ler a história da esquetejadora enquanto eu faço o café.

**PEDRO MICO**: Olha a gracinha. Eu perguntei logo se tu sabia ler porque eu queria ver se tu servia pra morar comigo e eu sei muito que dois cegos só podem é dar com a testa no muro. Comigo não tem negócio de ler não.

**APARECIDA** (*confusa*): Ah... Eu... eu não sabia. Você é tão inteligente, tão despachado, sei lá. Pensei que você tinha aprendido a ler.

**PEDRO MICO**: Eu não ia perder tempo com essa papagaiada. É muito mais fácil arranjar mulher que sabe ler do que encher o crânio de letras com traço, com chapéuzinho, coma bolinha, com tudo quanto é raio de besteira. Toca o café pra frente. Daqui a pouco estão aí os jornais do dia. É tempo da gente engolir o café e meter um berço.

(*Pedro vai até o fogão, põe a mão*

numa panelinha e a retira rápido, como quem se queimou. Abre a porfinhola de ferro do fogão e aviva as brasas.)

**PEDRO MICO:** A Melize deixou a água num foguinho mole. Isto ferve num instante. O pó está ali na lata azul. *(Pedro tira da prateleira e põe em cima do fogão o saco na sua armação de madeira. Aparecida vigia a água que ferve logo, mete uma colher de sopa na lata do café, mete duas colheres de pó na água fervendo, mexe um pouco, vira tudo dentro do saco, deixa escorrer o líquido para dentro do bule e finalmente espreme com a mão, como quem ordenha uma teta, o saco de café. Pedro continuou a falar.)*

**PEDRO MICO (continuando):** Esse negócio de ler é mesmo para mulher. Quando eu vejo um homem lendo um troço até me dá vontade de cuspir. *(Cospe para o lado.)* Homem tem é que fazer os troços pro jornal escrever. No dia em que homem aprender a ler, mulher só vai servir pra um troço mais e mulher só pra isto é falta de respeito. Afinal a mãe da gente também é mulher.

**APARECIDA:** Você é mesmo um homem esquisito. Não esqueço você me perguntando se eu sabia ler em vez de perguntar meu preço, como fazem os homens que me pegam na praia.

**PEDRO MICO:** Quem pergunta preço é porque quer pagar.

**APARECIDA (rindo):** Eu não achei mesmo que você tinha muita cara de pagar mulher, não, pra dizer a verdade.

**PEDRO MICO:** E eu vi logo, de longe,

bem uns dez dias atrás, que você devia saber ler que nem um "adevogado". Tu tem jeito de família. Quanto tempo tem que tu está na vida?

**APARECIDA (acanhada):** Pouco tempo. Eu não gosto de fazer a vida não.

**PEDRO MICO:** Ah, não vem com esse lero por minha causa não. Eu vou com a cara de uma sujeita não importa lá o que ela faz. O que ela precisa é andar feito uma santa enquanto estiver comigo. Mas pra que o lero? Tem muito ofício aí sem ser pegar homem.

**APARECIDA (viva):** Ah, isso tem. Mas pegar homem é melhor que pegar uma patroa atazanando a gente numa cozinha o dia inteiro, lá isso não tem dúvida. Eu me enchi de patroa, tá bem? E de tarde, quando eu ia tomar banho no Leblon, tanto branco grã-fino dava em cima de mim que eu comecei a marcar meus encontros lá mesmo.

**PEDRO MICO:** Isto! Eu gosto é de gente com iniciativa. Mas onde é que tu aprendeu a ler nessa disparada toda?

**APARECIDA (importante):** Ah. Minha mãe era professora em Santíssimo, que é que você pensa? Eu estudei Geografia, História, uma porção de coisas. Depois fiz a besteira de vir cá pra cidade.

**PEDRO MICO:** Besteira nada, menina. Você agora comigo está bem, se andar na linha. Eu fui mesmo com a tua cara. Que tempo que eu não topo com uma cara assim. *(Aparecida sorri, lisonjeada.)* Subúrbio é lugar pra grilo e pingente. Subúrbio só tem um: a

Mangueira. O resto é demagogia.

**APARECIDA:** Ah, Santíssimo é bom.

Madureira, então! Você sabe que tem uns dois anos eu fui porta-estandarte do Império Serrano?

**PEDRO MICO:** É, Madureira também vai.

Mas mesmo em negócio de música Mangueira é o tal.

**APARECIDA:** O café está pronto, Pedro...

**PEDRO MICO:** É a primeira vez que tu me chama de Pedro.

**APARECIDA:** É mesmo. E eu ia mesmo te perguntar. A Melize te chamou o quê? Pedro Mico, não foi?

*(Ela tira uma bandeja da prateleira atrás do fogão, arruma o açucareiro.)*

**PEDRO MICO (orgulhoso):** Coisas desses repórteres de jornal. Bons meninos. Um deles sempre me chama de Pedro Escada, em vez de Pedro Mico. O negócio é que eu subo em qualquer morro, em qualquer parede. Entro num terceiro andar de edifício como se estivesse passando a perna num muro de quintal. Pulo ventana mas bem no alto das paredes.

**APARECIDA (estendendo-lhe uma xícara de café):** Mas você... Você tem mesmo aparecido nos jornais?

**PEDRO MICO:** Você pensa que eu boto as mulheres para ler os coitadinhos pra quê? De vez em quando lá vem notícia do degas. E notícia do que a polícia está querendo fazer com o degas, o que é mais importante ainda.

*(Os dois bebem café. De repente Aparecida põe a xícara na mesa e bota as mãos na boca aberta.)*

**APARECIDA:** Ah!... Agora estou me lembrando. Pedro Mico! Você foi o

cara que entrou naquele edifício de escritórios lá na cidade... Lá na rua Álvaro Alvim. O tal do "Roubo do Marinheiro".

**PEDRO MICO (ar superior, mas modesto):** Foi o papai. Pensaram que era coisa de marinheiro por causa da minha corda de nós, com gancho na ponta. Bobagem. Comprei tudo ali no mercado.

**APARECIDA:** Mas como é que você conseguiu prender o gancho do meio da rua lá pra cima?

**PEDRO MICO:** Ora, que pra cima que nada! Uma ruinha estreita daquela. Eu subi no prédio do outro lado da rua, subi direitinho de elevador e fiquei esperando até a noite. Dali atirei o gancho na janela defronte, pelo vidro. Quando vi que ele estava bem preso, joguei a corda na rua, desci e aí é que eu subi pra cima pela corda feito um naval.

**APARECIDA:** Cruzes! Eu só de pensar fico tonta. Não posso com altura. Sinto um enjôo de morte e se não me agarro caio logo.

**PEDRO MICO:** Tem disso: comigo não. Me dê uma cordinha, três lençóis amarrados, uma percha, qualquer escada de pano e eu sou homem pra qualquer travessura.

**APARECIDA:** Agora eu estou me lembrando de outras histórias de Pedro Mico. Não foi você que entrou de noite dentro de uma delegacia para ver se soltava um cara de lá? Você tem dado trabalho à polícia, hein rapaz?

**PEDRO MICO:** Qual o quê! Até que não é tanto assim. Esse troço de delegacia foi lá no 19º distrito. Só que eu não fui ver se soltava o



cara. Soltei mesmo. A polícia é que enrustiu a história.

**APARECIDA** (*temerosa*): Mas os tiras estão na tua pista, não estão?

**PEDRO MICO**: É, mas não me acham nunca. Em todo o caso vou voltar amanhã pra Mangueira. Lá eles estão sempre atrás da gente mas lá a gente tem amigo de pagode.

**APARECIDA**: Mas eles não sabem que você está aqui?

**PEDRO MICO**: Parece que agora tem um cara de bigodinho rondando aí o morro mas acho que não é tira não.

**APARECIDA**: Vai ver que é, Pedro Mico. Cuidado. Quanto tempo tem que você saiu da Mangueira?

**PEDRO MICO**: Ah, isso tem muito tempo. Tenho rodado um bocado por aí. Da Mangueira eu saí em setembro de 1953. Quando prenderam o Mauro Guerra. Eu trabalhava com ele.

**APARECIDA**: Ih, aquele que foi cercado e encanado? Mas você com aquele cara, Pedro? Ele tinha até matado uma porção de gente.

**PEDRO MICO**: Qual, não foi tanta gente assim não. E era gente que não prestava. Uns moleques desabusados, uns donos de boteco que não fiam nem pras mães deles, tudo cara assim.

**APARECIDA**: E a Polícia tem andado na tua pista desde aquele tempo?

**PEDRO MICO**: Tem, mas cada vez me encontra menos.

*(Batem à porta. Aparecida se levanta assustada.)*

**PEDRO MICO** (*chegando bem junto da porta*): Quem é?

**ZEMÉLIO** (*fora*): Eu, Zemélio.

**PEDRO MICO** (*abrindo a porta*): Que é isto? Não vai me dizer que já saíram os jornais.

**ZEMÉLIO**: Não Pedro Mico, mas eu já andava lá por baixo, no jornaleiro da Fonte da Saudade, quando vi outra vez o tal do sujeito...

**PEDRO MICO**: Já sei, já sei seu bobo. O tal cara do bigodinho que anda te tirando o sono.

**ZEMÉLIO**: Pedro Mico, tu nunca viu pinta de tira assim. Tu pode enfiar aquele cara numa procissão, de vela na mão, que a pinta não sai. No outro dia ele estava andando aí pela beira da Lagoa como que não queria nada mas de olho aceso cá pra cima e aí ele tirou...

*(Como se já tivesse feito o gesto antes. Pedro Mico vai falando ao mesmo tempo que Zemélio.)*

**PEDRO MICO**: Zemélio ... E aí ele tirou um binóculo do bolso e aí mirou bem cá pra cima.

**ZEMÉLIO**: Tu está aí zombando, Pedro Mico, mas hoje o mesmo cara do bigodinho estava no jornaleiro perguntando coisas aqui do morro.

**PEDRO MICO**: Que coisas, moleque Zemélio?

**ZEMÉLIO**: Ah, negócio aí de saber se muita gente entra e sai dos barracos daqui, quando é que veio gente de fora, se tem gente que aluga casa e não sei mais o que... Ele estava riscando num papel e perguntando quantas entradas tinha no Catacumba.

**PEDRO MICO**: Falou aqui no papai?

**ZEMÉLIO**: Não, mas perguntou o caminho pra casa do Juca Porco, que mora não tem dez minutos daqui. É pra marcar tua casa,

Pedro Mico!

**PEDRO MICO:** Isso dá até lá na Mangueira. De repente fica todo mundo enxergando tira até nas árvores. Quando acaba é algum cara da Prefeitura contando gente, vendo onde é que vão botar umas bicas que não chegam nunca ou uma xavecada assim. Tira vem é em carro da Patrulha e mete os peitos. Se não pegar ninguém não faz mal. A batida está feita. Ganharam o dia.

**ZEMÉLIO** (*olhando para Aparecida desconfiado*): Quem é a cara?

**PEDRO MICO:** Dona Maria Aparecida, Zemélio. Ela vai comigo pra Mangueira amanhã. Ela lê jornal melhor que tu carrega água na cabeça.

**ZEMÉLIO:** Você se lembra daquela história que o Mané Carpinteiro leu outro dia pra gente?

**PEDRO MICO:** Que história?

**ZEMÉLIO:** Das mulheres que a Polícia usa pra pegar bandido. Elas fingem de muito liga e de repente – pimba!: assobiam pros tiras e lá vem borracha e tiro.

**PEDRO MICO:** Ah, aquilo não era aqui no Brasil não. Era num raio dum país lá... (*Mesmo assim ele olha com estranheza para Aparecida.*) Mulher nenhuma tinha coragem de me fazer uma falseta dessas. Foi tem uns dez dias que eu te vi primeiro lá na praia. Tu nem me prestou atenção. Depois...

**APARECIDA** (*séria*): Por essa luz que me alumia, Pedro Mico, não tenho nem nunca tive nada que ver com tira na minha vida. Por essa luz que me alumia...

**ZEMÉLIO** (*sarcástico*): Luz de lampião!

**APARECIDA:** Pela luz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele que tire ela dos meus olhos se eu estiver mentindo.

**ZEMÉLIO** (*com nojo*): Ah, metendo essa parolagem de Nosso Senhor pra cima da gente e pegando homem na praia.

**PEDRO MICO** (*furioso, segurando o guri pelos cotovelos e jogando-o no chão, a um canto*): Escuta, ô guri, você e tua irmã passam a vida me aporrinhando aqui. Tu ainda enchia menos mas agora está de morte. Se tu solta um outro pio te esborracho o coco na parede.

(*Alisa a roupa, meio envergonhado do acesso de raiva.*) Ainda quer ir pra Mangueira. Chato não pega lá de jeito nenhum. Chato lá fica de raiz de fora até secar todo.

(*Zemélio levanta do chão sem saber pra onde olhar.*)

**APARECIDA:** Bom, o rapaz quer um café também. Onde é que tem outra xícara, Pedro Mico?

**PEDRO MICO** (*aliviado por ter alguma coisa que fazer*): Espera aí que eu apanho.

(*Pega a xícara e dá a Aparecida que a enche de café e leva a Zemélio.*)

**APARECIDA:** Tome o seu café, Zemélio. (*Zemélio senta, mexe o café, cabeça baixa.*)

**APARECIDA:** Zemélio é um nome bonito. Quem foi que escolheu o nome? Teu padrinho?

**ZEMÉLIO:** Sei não. Meu pai é que se chama José e minha mãe Amélia.

**APARECIDA:** Ah, sim, foi só juntar os dois nomes.

**ZEMÉLIO:** É. Feito Melize também.

**APARECIDA:** Ah, sim, Melize também é Amélia e José.

**ZEMÉLIO** (*bebendo o café depressa*): Bom, eu vou devagarinho buscar os jornais.

(*Sai Zemélio mas fica um pouco de constrangimento.*)

**PEDRO MICO:** Eu não gosto de bater em fedelho. Quando eu tinha a idade dele risquei de navalha um cara que me deu um tapa. Foi ele dar o tapa e a manhosa já estava cortando aquela fuça.

**APARECIDA** (*que se acerca de Pedro Mico e lhe afaga a cabeça*): O Zemélio é seu faixa. Ele sabe que você gosta dele.

**PEDRO MICO:** Ele só fica mesmo por conta do à toa quando eu digo que não vou levar ele pra Mangueira. (*Passa o braço pela cintura de Aparecida.*) Vamos descansar um pouco? Daqui a pouco é dia claro.

(*Pedro levanta, dá um beijo em Aparecida e os dois se encaminham para a cama. Começando a despir-se com naturalidade. Ele senta na beira da cama para tirar o sapato. Batem na porta. Aparecida estremece e baixa a saia que já tinha levantado sobre a combinação, para tirá-la pela cabeça.*)

**PEDRO MICO** (*indo à porta*): Quem é?

**MELIZE** (*fora*): Eu, Melize.

**PEDRO MICO** (*danado*): Vai-te embora, menina. Me deixa dormir um pouco. Já tive que dar um safanão no Zemélio ainda agorinha mesmo. Vai pro raio que te parta.

**MELIZE:** Abre, Pedro, pelo amor que tu tem a tua mãe. Eu tenho que te contar um troço sério.

**PEDRO MICO** (*abrindo a porta*): Arre, família dos infernos. Aposto que você também vem com conversa do homem do bigodinho.

**MELIZE:** Pedro Mico, não é conversa não. Eles estão querendo fazer com você aqui no Catacumba como fizeram com o teu cupincha lá na Mangueira. Eles andaram te acampanando o tempo todo e agora vão te botar a mão em cima.

**PEDRO MICO:** Te aquieta, broto. Pra pegarem o Mauro teve que até um tira morar lá no morro antes. O tira andou passando a grana pra uma porção de caras que viviam dando o serviço pra ele.

**MELIZE:** E como é que foi que tu sabes que eles não estão fazendo a mesma coisa aqui? Como é que tu sabe que esta dona aí não está com os tiras?

**PEDRO MICO:** Já vi tudo. Você andou conversando com aquele lafranhudo do teu irmão. Esta cara eu peguei – tá bem? Não foi ela que me gadanhou não.

**MELIZE:** E você acha mesmo que se ele é dos tiras ia gritar teu nome na rua e botar escudo da Polícia por cima dos peitos? Você vai ver que daqui a pouco ela some de mansinho e numa meia hora os tiras estão aí, batendo na porta de cabo do revólver.

**PEDRO MICO:** Cala esta boca de mau agouro, cruze! Você quando abre a goela só sai morcego. Sai, inhaca!

**MELIZE** (*ardente, segura Pedro*): Vai-te embora já, Pedro Mico. Vamos embora pra Mangueira. Eu vou com você pros infernos. Arruma a

trouxa e vamos.

**PEDRO MICO:** Eu marquei a viagem pra amanhã, quer dizer, pra logo mais depois do almoço. Não há de ser um broto oferecido que vai me mudar os horários. Quem marca o trem é o papai.

**MELIZE:** Até na hora do almoço eles podem muito bem cercar todas as saídas do Morro. E como é que você vai escapar? Não foi assim que eles encanaram teu amigo Mauro, não foi guardando as saídas e subindo depois pra casa dele feito um bando de formigas?

**PEDRO MICO:** É, mas sem aquele tira se plantando lá no morro antes eles não pegavam o Mauro assim sem dedo no gatilho não.

**MELIZE** (*histérica*): E essa vaca que está aí, essa vagabunda? Isto veio pra te azarar, Pedro. Aposto que ela te escorou na praia por conta dalgum cafetão da Polícia.

**PEDRO MICO:** Foi você que encheu teu irmão de besteira ou foi ele que andou te buzinando essas coisas? Esta mulher agora é minha. E vai comigo pra Mangueira.

**MELIZE:** Não, não vai. (*Chorando.*) Ela vai trazer os tiras pra cá. Sai comigo, Pedro Mico. Esta vagabunda é tua perdição. É capaz até de ter tira em volta da casa. Ela está te bigodando pros tiras, Pedro Mico.

**APARECIDA** (*nervosa*): Pedro Mico, será que eu vim mesmo te trazer azar? Você quer que eu vá embora? Afinal a gente só se encontrou na praia.

**MELIZE** (*feroz*): Está vendo, Pedro Mico? Ela já está ficando com medo que a gente marrete ela aqui,

antes de chegar o cafetão dela. Aposto que é o cara do bigodinho. Deixa ela ir mas enche ela de bofetada antes. Enche a lata desta pu...

(*Pedro Mico dá um tapa curto em Melize.*)

**PEDRO MICO:** Olha, mulher que estiver com Pedro Mico ninguém chama disto, não. Nem que ela tenha passado em revista todo o Corpo de Fuzileiros Navais. Nem que tenha sido do mangue no tempo do cincão. Pendurou no meu braço é moça donzela de novo.

(*Melize nem olha para Pedro Mico depois do tapa. Fita Aparecida com ódio e sai lentamente. Aparecida atira-se nos braços de Pedro Mico.*)

**APARECIDA:** Pedro Mico, meu bem, vamos embora já.

**PEDRO MICO** (*exasperado*): Virgem Maria! Você vai começar também? Eu enxoto a franga e a galinha começa a cacarejar!

**APARECIDA:** Vamos, Pedro Mico!

**PEDRO MICO:** Você está com medo dos tiras?

**APARECIDA** (*fitando-o bem nos olhos*): Não, Pedro Mico, eu estou com medo do amor de Melize. Do ciúme de Melize.

**PEDRO MICO:** A Melize diz que você é isca dos tiras e você diz que a Melize...

**APARECIDA:** ... que a Melize é capaz de fazer alguma besteira pra se vingar de mim... E de você, que gosta mais de mim do que dela.

**PEDRO MICO** (*segurando a cabeça com as mãos*): Escuta aqui, Aparecida, eu prefiro ver os tiras entrando por aquela porta ali do que ficar entre você e esta doida

da Melize. Vocês acabam metendo na minha cabeça que eu mesmo vou chamar os tiras.

**APARECIDA** (*patética*): Pedro Mico, bem, tu sabe o que é uma mulher com dor de corno, não sabe?

**PEDRO MICO**: Sei o que é um cara com dor de cabeça, lá isto sei. Raios partam tudo quanto é fêmea deste mundo. Se os tiras me pegam hoje e os jornais descobrem que você e Melize andaram batendo crista por minha causa, estou perdido. Em vez de valente macho como o Mauro Guerra vão é pensar que eu sou um Carne Seca qualquer, todo louro e pestanudo. Mulher é pra ler jornal e dormir com a gente, não é pra dar palpite em negócio de homem não. Tu vê o negócio do Mauro Guerra...

*(Vendo que ele não pára de tagarelar, Aparecida senta-se desanimada e põe a cabeça entre as mãos.)*

**PEDRO MICO**: O Mauro era homem de poucos amigos. Os cupinchas dele eram gente assim como o papai, que não mete opinião de mulher em negócio de homem.

**APARECIDA**: Adiantou muito! Ainda está em cana e tão cedo não dá as caras. E andou matando gente e tudo.

**PEDRO MICO**: Ah, minha nega, a gente não pode ficar com muito luxo quando quer viver bem assim, não. *(Pedro faz um gesto circular pelo barraco.)* Isto só se tem com tutano nos ossos e revólver na cinta. É isso aqui ou o Cais do Porto.

**APARECIDA** (*sem levantar a cabeça*): Você não olha, quando sobe pra

cá, as casas da Lagoa? Aquilo sim. O 78 então, aquela casa branca da esquina, com o pé de flor vermelha!...

**PEDRO MICO**: Ah, bom, aquilo é casa de doutor, de delegado. Ou então de americano ou inglês. Larga disso. E pra que é que a gente quer uma casa daquele tamanho, numa Lagoa besta dessa? O Carne Seca era homem de gostar daquilo, sei lá, mas aqui o degas não. O Mauro não ficava um dia numa grã-finagem besta daquela!

**APARECIDA**: Até me admiro um cara inteligente como você que só pensa em tiro e vida de morro!

**PEDRO MICO**: Você está me chacoalhando, mulher?

**APARECIDA**: Escuta aqui, Pedro Mico, eu estou contigo. Depois então do tabefe que você deu na coitada da Melize por minha causa fiquei embeijada de vez. Vou pra onde você for enquanto você quiser me levar. *(Resignada.)* Vou até levar umas mães-bentas pra você na prisão. *(Pedro vai responder mas ela prossegue enérgica.)* Mas escuta: você é coisa muito melhor que esses Zé da Ilha todos.

**PEDRO MICO**: E quem é que falou no Zé da Ilha? Aquele mereceu o chumbo e a ponta de faca que meteram no couro dele. Aquele era todo seco pela Alzira Diabo, andava numa amigação doida, deixava a Alzira se meter em tudo. Zé morreu nas mãos da turma dele mesmo, na macumba da Rua Abatiré. E tu sabe por quê?

*(Aparecida fez que não com a*

*cabeça, desinteressada.)*

**PEDRO MICO:** Por causa dessa mania de papar broto. Quando ele se meteu a pastar os brotos do morro dele mesmo, a turma resolveu pegar ele. A menina que ele desgraçou e que acabou de fazer a turma danar da vida era muito mais nova ainda que a Melize. Os seios dela ainda estavam mais feitos de muque, feito de menino, do que do filezinho macio que vem depois. Eu conheci aquele moleque bem; e não tinha medo dele não, veja bem. *(Sonhador.)* Ele sabia tirar uma navalha do bolso, isto sabia.

**APARECIDA:** Um desordeiro.

**PEDRO MICO** *(mesmo):* Lá no Jacarezinho uma noite saiu briga de criar bicho. Uns caras lá aproveitaram na saída pra ver se tiravam uma forra não sei de que em cima do Zé da Ilha. Pegaram ele sozinho, debaixo duns pés de limão, e entraram de pau nele. Menina! A navalha assobiou pra fora do bolso dele feito um raio de luar. *(Pedro assobiou.)* Fiu! Fiu! Fiu! Lanhou uma cara, um pescoço e um braço. O do pescoço cortado ficou de costas no chão, com duas bocas abertas assim *(Abre a boca.)* e cheias de luar: a boca dele mesmo e a que a navalha de Zé tinha rasgado no pescoço dele.

**APARECIDA:** E acabou como coisa ruim que era.

**PEDRO MICO:** Até que ele acabou bonito. A molecada que estava seca de sangue dele sabia que ele ia na macumba do Engenho Novo e disse: vai ser lá mesmo. Se

meteram no barraco do Pai Malaquias e quando ele já tinha mamado dois charutos e virado uma cuia de uca, aí então o Maneca Perna Fina, que estava perto do São Jorge, apagou a luz. Aí foi um tal de relâmpago e de estrondo de tiro que Exu deve ter baixado vivo no chão do Pai Malaquias. Nunca vi escarcêu maior na minha vida. Era feito gente trancar um temporal num barraco e ouvir ele se espremendo pelas frinchas pra sair. Quando acendeu a luz, parecia que metade do pessoal tinha resolvido cortar o Zé com faca e a outra metade tosar ele com tiro. *(Sacudindo a cabeça.)* Era tanta bala que se o Zé pegasse em baixo da terra ia crescer um pé de chumbo no cemitério.

**APARECIDA:** Pois é, e o Carne Seca pelo menos está vivo.

**PEDRO MICO:** Ah, cara besta aquele. Só quer mulher pra fazer farol. Ele enfia uma dona no braço feito quem enfia um anel no dedo. Todo metido a olho verde e cabelo louro. Homem de cabelo louro, vôte! Se o meu fosse daquele jeito, feito cabelo de alemão, palavra que eu tingia. Só serve mesmo pro Carne Seca, que aparece até em revista do rádio.

**APARECIDA:** Outro desordeiro.

**PEDRO MICO:** Tu conhece ele, mulher?

**APARECIDA:** Já vi ele num baile, sim, e ouvi ele conversando. Só contou prosa. Não disse nada pra gente repetir. *(Indo para Pedro Mico.)* Você é diferente, Pedro Mico,

você é muito melhor do que esses cabras todos. E não é porque você quer me levar pra Mangueira não. Você é farinha muito mais fina, Pedro Mico, você podia fazer coisa muito melhor. A gente podia ter uma casa, Pedro Mico. Você... Quer dizer.

**PEDRO MICO:** Vamos! Desembucha mulher.

**APARECIDA:** Você nunca matou nenhum Policia nem nada assim não, não é?

**PEDRO MICO:** Neca. Quando eu posso sair no pulo do gato não meto pata de tigre no caso não. Só matei um cara aqui no Largo dos Leões, no Escondidinho, e a Polícia até virou a cabeça pra fingir que não tinha visto. Era um peste dum cara que andava pegando mulher nos cantos escuros, e que depois de se aproveitar matava elas, Um desses piolhos de moleque que a gente tem vontade de estourar na unha. Um dia ele se fez de besta comigo e eu que já conhecia a ficha dele enterrei a faca na barriga dele até o cabo. Ele não teve tempo nem de dizer mamãe.

**APARECIDA:** Escuta, Pedro, quer dizer que a Polícia não está atrás de você por nenhum crime de morte.

**PEDRO MICO:** Não, mas a gente tem umas contas velhas pra acertar. A Polícia quer me cobrar uma porção de jóias e troço roubado que eu já nem sei quanto deu. E depois, tem o negócio do Mauro Guerra. Turma do Mauro quando resiste eles passam fogo. E eu vou resistir, ah, isto não tem nem dúvidas. Se eles me botam a mão

em cima, eu sou capaz de pegar uma cana dessas que dão barba branca até quando a gente entra na prisão de calça curta.

**APARECIDA:** Mas a gente pode sair do Rio, ir por aí... Pra Alagoas.

**PEDRO MICO:** Que negócio é esse agora de Alagoas. Onde é isto?

**APARECIDA:** Um bocado longe daqui, é terra da minha mãe. Ela sempre falava em Alagoas. Eu não quero ver você acabar aí feito um Mauro qualquer.

**PEDRO MICO:** Pra pegar o Mauro a Polícia teve que tomar todo aquele troço que é o morro da Mangueira. Tá bem? Foi feito negócio de guerra, com espião, e tudo. Foi feito coisa dos pracinhas lá na Itália quando tinham que tomar um morro cheio de soldados. Só que aqui em vez de pracinhas tinha esses tiras duma figa e em vez dum batalhão de soldados inimigos tinha o Maurinho no barraco dele. Os tiras vieram subindo, subindo, os guris do morro quiseram ir no barraco dele avisar ele mas não podiam. Quem foi no barraco foi cara sem-vergonha lá do morro mesmo, dando o serviço pros tiras. Fingindo de amigo, eles entravam no barraco, um de cada vez, pra dizer que os tiras vinham de um lado, depois que vinham do outro, depois pro Mauro fugir, depois pra ele se entregar que tinha muita gente lá fora. *(Pedro Mico representa tudo isto, apontando para um lado e para outro, pondo a mão em concha num ouvido e no outro etc.)* No fim o Mauro estava zozzo, aloprado.

Quando os tiras acabaram de subir o morro, estava acabado.

**APARECIDA:** O que é que fez o teu Maurinho valente?

**PEDRO MICO:** O que é que ele fez? Ué! Daquela nem Deus Nosso Senhor escapava. Ele se entregou. Foi encanado.

**APARECIDA:** Eu já ouvi uma história assim, mas o homem não foi encanado não.

**PEDRO MICO:** Quem foi? Aquele cara de Campo Grande que liquidou...

**APARECIDA:** Não é uma história velha, uma história que está nos livros, não está nos jornais.

**PEDRO MICO:** Mete lá, não faz mal. Eu gosto de história assim.

**APARECIDA:** Não, Pedro Mico, fica a gente aqui nessa conversa fiada... Sabe lá se o cara do bigodinho não está mesmo te escorando aí numa esquina dessas do morro. Vamos embora, Pedro Mico.

**PEDRO MICO:** O, sua chata. Não fica feito a Melize, não, senão eu te planto a mão também. Mete lá.

**APARECIDA:** Quando você estava falando aí nos tiras subindo o morro eu estava me lembrando da história do Zumbi.

**PEDRO MICO:** Quem é o cara?

**APARECIDA:** Ah, foi um preto escravo que viveu há muito tempo. Não sei por que, quando você estava falando, fiquei pensando que o Zumbi deve ter sido um crioulo assim como você, bem parecido, despachado. E o Zumbi não se entregou como Mauro Guerra não. E não fazia nada de araque não. Se arrumou direitinho pra poder lutar de verdade. Era escravo fugido mas não fugiu

sozinho não. Carregou com ele uma porção de escravos e subiram todos pra cima de um morro...

**PEDRO MICO:** Qual foi o morro? Era por aqui o negócio? Aqui no Rio não tinha negócio de escravo não, tinha?

**APARECIDA:** Tinha sim. Tenho quase certeza. Era no Brasil todo. Mas o morro não era aqui não. Era lá na terra da minha mãe. Eu me lembro da história no colégio e mamãe disse que tinha sido na terra dela. O tal morro chamava Palmares. Parece que tinha muita palmeira.

**PEDRO MICO:** Então vai ver que era Palmeiras.

**APARECIDA (impaciente):** Ah, Pedro, assim não conto mais não. Já basta que a gente está aqui conversando feito uma galinha dentro da panela esperando que toquem fogo nos gravetos.

**PEDRO MICO:** Antes que eu me esqueça, galinha é você. Vai metendo o Zumbi.

**APARECIDA (entusiasmando-se):** Eu não sei muito mais do que isto não. O Zumbi fugiu com os outros negros que estavam cheios de apanhar de chicote e de viver nuns barracos imundos e meteu os peitos no mato até chegar no tal morro dos Palmares. Lá não perdeu tempo com samba nem nada disso tudo que se faz hoje não. Fez muro, botou lá uma fortaleza, cercou o morro e aquilo ficou feito um país. Não me lembro quanto tempo durou não, mas, enquanto durou, foi pra valer. Todo mundo tinha casa decente,



quintal, comida.

**PEDRO MICO:** E depois?

**APARECIDA:** Depois eles foram atacados.

**PEDRO MICO:** Por quê?

**APARECIDA:** Por quê? Ué. Preto naquele tempo tinha dono. Dono no duro, como se fosse, sei lá, um boi. Tudo ali era feito boi fujão que na roça a gente busca a laço no chifre e ferrão no lombo.

**PEDRO MICO:** Ah, já ouvi falar nisso Negro era burro de doer naquele tempo, vôte! Tipo dos caras sem picardia. Mas então como é que foi?

**APARECIDA:** Foram atacados não sei quantas vezes e agüentarem a mão que não foi sopa. Mataram gente a valer.

**PEDRO MICO:** Mataram os tiras?

**APARECIDA:** Um bocado deles. Mas, afinal, o governo mandou um batalhão de verdade para lá, com canhão e tudo. Eles derrubaram o muro da cidade que os pretos tinham feito lá e aí a tropa subiu o morro assim como você está dizendo que os policiais subiram a Mangueira para pegar o Mauro Guerra.

**PEDRO MICO:** E o tal do Zumbi?

**APARECIDA:** Ah, o Zumbi brigou feito um gato bravo, matou gente que não foi brincadeira. Enquanto teve um companheiro perto dele não parou de brigar. No fim, viu que estava tudo acabado...

**PEDRO MICO:** Mataram ele?

**APARECIDA:** Não... Ele foi lá no alto do tal morro dos Palmares, bem no lugar em que a pedra descia num rampa de fim do mundo e se jogou lá de cima...

**PEDRO MICO** (*olhos grandes, ouvindo como um menino*): E daí? .. Bicho valente.

**APARECIDA:** Daí? Que é que você queria que acontecesse? Zumbi se espatifou nas pedras.

**PEDRO MICO:** Ah, isto é que foi uma pena.

**APARECIDA:** Escuta, Pedro, Zumbi não era homem de voltar para o dono dele, para levar de chicote, para ser encanado em cadeia pior que a de hoje ainda. E depois, Zumbi não era como esses malandros que andam folgando por aí e não se incomodam de comer grade. O que ele queria era mostrar pra pretada boba daquele tempo que eles também eram filhos de Deus.

**PEDRO MICO:** E mostrou como? Esse negócio de morrer no fim é danado. Ganha quem fica vivo!

**APARECIDA:** Não, Pedro, minha mãe lembrava esta história quando a gente andava numa disgra danada; antes do meu pai morrer. Quando a gente morre não quer dizer que perde não. Tu sabe o que é que aconteceu no duro?

**PEDRO MICO:** Que foi?

**APARECIDA:** O Zumbi morreu assim de corpo, ficou todo espalhado lá nas pedras e nas árvores que quase não podiam ficar agarradas na pedra a pique que ia até lá o fundo da terra. Mas tu sabe que tudo quanto era dono de preto das redondezas começou a ver o Zumbi de noite?

**PEDRO MICO:** Não brinca...

**APARECIDA:** O Zumbi aparecia...  
(*Senta-se que Aparecida começa a inventar.*) Aparecia assim

mesmo como tinha ficado depois de se atirar no despenhadeiro, todo sangrando, todo partido, a cabeça pelo meio, os braços quebrados, andando num pé só, feito o Caipora. Às vezes nas fazendas grandes só se ouvia a noite inteira gemidos e maldições, choro e dente rangendo, e de manhã tinha um rasto de sangue por todas as salas e quartos da casa grande...

**PEDRO MICO:** Senhor...

**APARECIDA:** Teve uma porção de donos de escravos que ficou doido por causa do Zumbi que aparecia de noite. Um que gostava da mulher como um desesperado matou a mulher porque o Zumbi tinha dito a ele que para paga dos pecados que tinha feito contra os escravos só ficando padre.

**PEDRO MICO:** Ele então tinha matado a mulher só para obedecer o Zumbi e virar padre.

**APARECIDA:** Mas em vez disto a maldição do Zumbi continuou e ele foi morto pelo povo quando ia preso no dia seguinte, depois de matar a mulher dele. Ficou sendo a mula sem cabeça do Zumbi. Zumbi vinha montado nele quando vinha assombrar as fazendas. E todo ano, no dia em que o Zumbi se tinha atirado no despenhadeiro, o açúcar de todas aquelas fazendas ficava amargo feito jiló. Tinha de ir todo para o cocho dos porcos.

**PEDRO MICO:** Puxa... E ainda fica amargo assim?

**APARECIDA** (*caindo um pouco do seu entusiasmo*): Isto não sei. Não sei

não. Parece que o tempo acaba com quase tudo, não é? (*Recuperando a flama e inventando.*) Ah, não, não foi isto não. Agora me lembro. O açúcar deixou de ficar amargo no dia da morte do Zumbi quando os pretos deixaram de ser escravos. É foi isto Minha mãe sempre contava. Foi desde aquele ano.

**PEDRO MICO:** Que ano?

**APARECIDA:** Sei lá, mas foi no ano dos escravos não terem mais dono e só trabalharem onde quiserem. / no dia da morte do Zumbi, quando os fazendeiros iam leva açúcar para o cocho dos porcos provaram e se olharam espantados: o açúcar estava doce como mel! Tinha passado a maldição do Zumbi. Mas durou e durou até aquele dia da Princesa.

**PEDRO MICO:** Uma tal de Isabel, não é? Quando branco quer chacoalhar a gente diz que se não fosse a Princesa o Brasil ia muito melhor não é?

**APARECIDA:** Isto é branco besta, que não respeita as coisas. A Princesa convidou todos os pretos para uma festa. (*Misturando suas lembranças de História.*) Foi na tal da Ilha Fiscal. Todos os pretos vieram vestidos de seda branca e linho alvo e a Princesa com uma rosa de ouro na mão ficou sentada enquanto eles beijavam a mão dela. Foi a última vez que eles beijaram mão de branco.

**PEDRO MICO:** Isso também foi lá na terra da tua mãe?

**APARECIDA:** Não, Pedro, a Ilha Fiscal é bem aqui, não sei aonde, mas é. Aqui perto de onde estão as

barcas de Niterói. Está vendo? Você não sabe estas coisas. Você fica de olho arregalado com Mauro Guerra e nem sabe do Zumbi. Este sim é que foi homem. Morreu mas fez muito mais do que se matasse branco à beça. Se ele não tivesse ficado assombrando todo este Brasil não aconteceria nada e os pretos estavam ainda cortando cana para branco adoçar o café.

**PEDRO MICO:** É mesmo. Veja só, hein!

**APARECIDA** (*solene*): Minha mãe sempre dizia, quando acabava a história de Zumbi, que muitas vezes quem morre é que vence a batalha.

**PEDRO MICO** (*balançando a cabeça em dúvida mas trabalhando pela idéia*): Hum... No caso do tal Zumbi foi mesmo assim.

**APARECIDA:** Aquilo é que era homem, Pedro. Vamos embora daqui que tu ainda pode ser um homem de verdade também... Vamos embora depressa!

(*Pedro, visivelmente impressionado, vai a um canto do barraco e puxa uma mala velha para o centro da sala. Puxa também um saco de lona.*)

**APARECIDA:** Você está se arrumando, Pedro Mico?...

**PEDRO MICO:** Estou.

**APARECIDA:** Ah, que bom.  
(*Pedro começa a enfiar um terno de roupa na mala de costas para Aparecida. Esta põe a mão no peito, a cabeça para trás, respira fundo. Vai para a janela onde está a tranca, remove a tranca, abre a janela e debruça-se um instante no peitoril.*)

**APARECIDA** (*afastando-se da janela numa vertigem*): Ai, socorro,

Pedro... (*Encosta-se na parede, com medo de cair.*)

(*Pedro Mico vem ao seu encontro.*)

**PEDRO MICO:** Que foi, bem?...

**APARECIDA:** Pedro, que horror!...  
(*Apontando para fora.*) Que horror...

(*Pedro Mico vai lá rápido, fecha a janela com a tranca.*)

**PEDRO MICO:** Ah, o despenhadeiro ali... Esqueci de dizer a você para não abrir a janela. É um bocado fundo, não é? Este diabo de casa está bem na beira do raio do morro. Pronto, já passou!... Foi um susto..

**APARECIDA** (*tremendo*): Ai, Pedro, parece um pesadelo.

**PEDRO MICO:** Parece mesmo, nem planta consegue se agarrar no morro aí. O diabo vai apumadinho até aquelas moitas e pedras lá de baixo. Outro dia, quando choveu tanto que parecia que a Lagoa ia subir o morro, pensei que a chuva ia derreter o chão aqui em baixo e jogar este barraco feito uma caixa de fósforos lá no mato do fundo. Eu andei lá por baixo da casa xavecando a coisa. Mas está tudo bem. E o despenhadeiro tem ainda uma coisa de bom, pelo menos eu acho...

**APARECIDA** (*interrompendo*): Não é isso que está me assustando tanto não, Pedro, que está me botando mais tonta ainda do que eu fico, quando olho o chão assim do alto...

**PEDRO MICO:** O que é então, sua assustada?

**APARECIDA** (*agarrando o braço dele convulsivamente*): É Zumbi...

**PEDRO MICO** (*querendo se afastar dela, temeroso*): Que é que tem isso com Zumbi?

**APARECIDA**: Ele está chamando a gente, Pedro. Imagine, eu falando nele como estava falando, e falando na morte dele quando se jogou no despenhadeiro, imagine eu falando tudo isso sem saber da ribanceira aí, igualzinho à de Zumbi..

**PEDRO MICO**: Que é que tu está querendo com esta maluquice, mulher? Tu parece macumbêira. Deixa lá o Zumbi em paz

**APARECIDA**: Eu não estou chamando Zumbi. Mas juro que ele está aí no fundo do barranco, sangrando lá nas moitas e nas pedras. Ele é que estava me soprando a história dele. Estou com medo, Pedro.

**PEDRO MICO** (*querendo parecer corajoso*): Medo de quê? O Zumbi só assombrava os fazendeiros que batiam em preto, não é? Então que é que vai fazer com a gente?

**APARECIDA** (*trêmula*): Pedro, eu acho que o Zumbi...

**PEDRO MICO**: O Zumbi quê?

**APARECIDA**: Está esperando a gente lá no fundo do despenhadeiro.

**PEDRO MICO**: Mulher, tu está querendo fazer a gente endoidecer? Cala esta boca e não diz mais maluquice.

**APARECIDA**: Não, escuta Pedro. Acho que ele estava esquecido, enrolado lá na morte dele há tanto tempo, sem ninguém falando mais nele e na morte dele e... E a gente falou, e falou... Ele veio. E eu disse que você não era homem como ele, que ele é que tinha sido valente... Ele está lá no

fundo do despenhadeiro chamando a gente, Pedro... Se a gente não for lá, aposto que ele vem cá, manchando o barro do despenhadeiro de sangue, botando as pedras vermelhas de sangue, sujando as folhas de sangue. Vamos, Pedro, vamos fugir antes que ele puxe a gente para o fundo da ribanceira ou que ele entre aqui, Pedro, entre pela porta e venha arrastar a gente pela janela...

*(A porta é pesadamente empurrada. Começou a clarear lá fora. Jornais caem no chão pela porta aberta. O de cima manchado de sangue. Zemélio entra em seguida, pálido, assustado, a mão esquerda manchada de sangue.)*

**APARECIDA**: É você?... Tem um homem ferido subindo o morro?

**ZEMÉLIO** (*para Pedro*): Pedro Mico, agora a coisa está pra cabeça. Eu vinha subindo com os jornais e escutei mesmo, escutei Pedro Mico uma conversa do Bigodinho com mais dois caras da Polícia. O Bigodinho estava dizendo que... Que não sei quem lá tinha dado o serviço. Ele ainda disse "agora não tem mico que salve o Pedro" e começaram a rir. Logo que estiver claro, ele disse, "a gente pode subir que eu já sei onde é".

**PEDRO MICO**: Foi só isso?

**ZEMÉLIO**: Eu estava vendo se escutava mais mas escorreguei na pedra onde tinha me agachado e um dos outros caras me pegou pela orelha perguntando que é que eu estava fazendo ali e eu disse que era jornalista, ele então só me empurrou no chão e eu ralei

a mão na pedra.

**APARECIDA** Vamos depressa.

**PEDRO MICO** (*para Zemélio*): Se o Bigodinho soubesse mesmo onde é o meu barraco será que ia esperar? Qual o quê!

**ZEMÉLIO**: Sabe no duro, Pedro Mico, mas sabe também que tu contou vantagem que só ia na hora do almoço. Então eles vão esperar que fique mais dia claro para pegar você na batata. Mete logo o pé.

**PEDRO MICO**: Como é que esse patife sabia até da hora... Zemélio! Como foi isto? Quem é que deu o serviço pros tiras?

**ZEMÉLIO** (*confuso*): Não sei, Pedro Mico.

**PEDRO MICO**: Fala, Zemélio, eu sei que você é meu faixa. Fala logo.

**ZEMÉLIO** (*sombrio, raivoso*): Foi Melize. Eu tinha jurado a ela que não contava pra você. Ela deu com a língua nos dentes e depois veio me contar tudo, chorando feito uma boba. Me pediu pra vir te prevenir.

**PEDRO MICO**: Você inventou a história da conversa dos tiras?

**ZEMÉLIO**: Foi sim. Mas disse a você tudo que Melize me contou. E minha mão machuquei mesmo, correndo pra cá... Levei um tombo.

**PEDRO MICO** (*Batendo no ombro de Zemélio*): Bom menino. E vamos meter o pé no mundo. Depressa...

*(Pedro pega febrilmente as roupas, mete-as na mala. Aparecida, transida a um canto, benze-se, hesita, mas começa a enfiar gravatas no saco de lona. Todos param e estremecem quando ouvem um grito lá fora.)*

**VOZ DE MELIZE** (*bem longe*): Foge,

Pedro, a Polícia... (*Mais perto.*)

Pedro foge. Eu contei tudo, Pedro...

*(Os três ficam imóveis, inteiriçados.*

*Ouve-se ainda a voz de Melize.)*

**MELIZE** (*bem perto, fora*): Foge logo, Pedro. (*Abre a porta, atira-se aos pés de Pedro.*) Vai, Pedro Mico, e se tu quer me mata antes. Eles iam esperar clarear mas já vêm vindo, com medo de te perder. Tudo de revólver na mão. Três tiras. Vêm vindo pelos três lados do barraco. (*Soluça.*) Perdão, Pedro, fuge.

**PEDRO MICO** (*empurrando Melize, sem brutalidade. Vai ao paletó e tira um revólver*): Vivo não me levam não.

**MELIZE** (*num assomo de energia*): Eu vou falar com eles. Eles têm que me matar antes.

*(Melize sai e Zemélio vai atrás.)*

**APARECIDA**: Eu também vou sair, Pedro. Se a gente se agarrar com os tiras eles não vêm logo. Vê se foge. Salva tua vida. E não dá tiro não que eles te matam.

**PEDRO MICO**: Tu mesmo disse que homem não vai em cana. Que homem morre mas não se entrega.

**APARECIDA**: Pelo amor de Deus, Pedro, esquece as minhas besteiras. Deixa eles te encanarem, bem, não liga nada não. A gente tira você da prisão.

*(Pedro a empurra para a saída.)*

**PEDRO MICO** (*abrindo a porta e empurrando-a*): Vai...

*(Quando a porta fecha o barraco fica em total escuridão. Acende o lado de fora. Vêm-se de costas três investigadores iguais, chapéu desabado, ombros largos, revólver na*

mão. A cena entre eles três e Melize, Zemélio e Aparecida é muda como uma pantomima. Melize e Zemélio estão na boca da cena e Aparecida no topo da ladeira à direita. Melize se atira no chão diante de um dos investigadores, que a empurra para o lado e a arrasta morro acima, rodeando a casa pela direita. Zemélio atira-se ao outro, que lhe dá um safanão, deixando o garoto sentado, a segurar a cara. Aparecida atira-se ao terceiro que a empurra para o lado. Ela cai, tenta agarrar-se à perna do investigador, é sacudida para o lado por ele, levanta e o segue. Finalmente a luz se acende. Os três investigadores estão na porta. Disparam em direção à platéia. Depois entram. Um dispara para a platéia, outro para a direita, outro para a esquerda ao mesmo tempo. Então reparam os três a janela escancarada. Entram aí as duas mulheres.)

**MELIZE** (num grito, apontando a janela): Lá!... Ai!.. .. Ai, Deus de misericórdia!

**APARECIDA** (num grito lancinante): Pedro!... Ah, Zumbi te chamou Pedro?... Pedro!

(Os investigadores chegam à janela. Um se debruça e, pálido, exhibe o paletó de Pedro Mico, que apanhou do lado de fora.)

**APARECIDA** (soluçando): Minha culpa, minha culpa, tudo minha culpa... Fui falar no morto, fui chamar o morto, o Zumbi... (Para Melize.) E tu, vendida, peste! (Cospe nela.) E vocês (Para os investigadores.) Seus filhos da mãe, seus cafetões. Acabaram com o melhor preto do Brasil, o Zumbi, mas ele há de perseguir vocês até a morte. (Vai

à janela e chama.) Pedro, meu Pedro. Ah, você está na glória, de Zumbi, meu Pedro.

(Os investigadores estão cabisbaixos.)

**INVESTIGADOR:** Vamos buscar o corpo lá em baixo.

(Sai Melize. Aparecida fica chorando, sentada na mala, no meio do barraco, durante algum tempo. Aparece na janela a cabeça de Pedro. Aparecida que chorava, trêmula, olhos pregados na janela, abre a boca, ensaiando um grito, mas Pedro, braços já tio peitoril, lhe faz sinal de silêncio, com o indicador nos lábios.)

**APARECIDA** (num grito sufocado):

Pedro... (Faz o sinal da cruz.)  
Zumbi...

**PEDRO MICO** (falando baixo, andando rápido, felino, puxa rapidamente para dentro do barraco uma longa corda, cuja ponta se atava num gancho preso ao peitoral da janela): Zumbi, mas vivo.

**APARECIDA:** Que é que você fez, homem de Deus?

**PEDRO MICO:** Corda, minha filha, e agora vamos depressa com essas trouxas. Temos quase uma meia hora para sair daqui. Até eles se convencerem de que não tem nenhum Pedro lá em baixo. E aposto que ainda ficam desconfiando que eu fiquei aí numa racha da ribanceira.

**APARECIDA:** Ou que você tem corpo fechado, como diz essa gente da macumba. Acho que tem mesmo...

**PEDRO MICO** (atulhando as coisas na inala e na trouxa): Tua história do Zumbi valeu, sabe Aparecida. Eu tinha posto a corda ali no dia da chuva para ver o que é que

estava acontecendo por baixo da casa e resolvi deixar a bichinha lá. Eu sempre fico mais tranqüilo com uma cordinha ou uma escada à mão. Quando eu vi que os tiras estavam chegando pensei no revólver. Depois o papai disse cá na cachola: no fogo eles me queimam mesmo. Se não é no fogo me encanam de não acabar mais. Vou dar o golpe do Zumbi neles.

**APARECIDA** (*mão no peito*): Você deu o golpe neles mas quase me mata do coração.

**PEDRO MICO** (*rindo*): Eu peguei do paletó e pendurei ele logo aqui em baixo como se ele tivesse caído do meu lombo, desci pela corda até debaixo da casa e fiquei quieto feito um tatu, ou no duro feito um mico mesmo, pendurado num cipó.

**APARECIDA** (*enérgica, saindo da pasmaceira de susto em que estava*): Vamos embora, bem. E por onde? Como é que a gente faz?

**PEDRO MICO**: Por onde? Pedro Mico quando se muda já pagou as contas. Pedro Mico sai pela porta da frente.

**APARECIDA**: Pelo amor de Deus, Pedro, não vai fazer alguma besteira.

**PEDRO MICO**: Que besteira nada, mulher. O pessoal está chacoalhando o fundo da ribanceira e afastando moita de capim pra encontrar o degas.

**APARECIDA**: Então vamos depressa.

**PEDRO MICO**: Tu sabe de uma coisa. Enquanto ele estava pendurado na corda estava pensando: pode ser que seja boa idéia mesmo a

gente começar vida nova lá em Alagoas.

**APARECIDA**: Não, Pedro, vamos para um outro Estado. Bahia, sei lá...

**PEDRO MICO**: Ué, mulher, que foi que te deu?

**APARECIDA**: O troço do Zumbi foi lá que aconteceu, Pedro, em Alagoas. Só um cara que tem partes com o céu fazia o que você fez, bem. Eu garanto que você... Não sei não, Pedro. Acho que você é o Zumbi.

**PEDRO MICO** (*enfiando na cabeça o chapéu desabado e ajeitando as abas com um gesto de perito*): É, quem sabe. Mas mais esperto. Se ele tivesse descido lá da pedreira dele de corda, minha filha, acho que resolvia melhor a encrenca.

**APARECIDA**: É sim, Pedro, mas se ele estivesse aqui no Catacumba já tinha reunido todo o pessoal do morro em volta dele. Ele era um chefe de gente, um pai-régua. Se o Zumbi quisesse, esse morro inteiro baixava com ele e tomava as casas da Lagoa.

**PEDRO MICO**: E depois a Polícia vinha do mesmo jeito.

**APARECIDA**: Pode ser. Mas imagine morar uns dias naquele 78, a casa branca da flor encarnada, com os balanços pra criança em cima da graminha verde. (*Com energia súbita.*) E não sei não, meu nego, se a gente fosse muita, muita mesmo, não sei se a gente não ficava com as casas não.

**PEDRO MICO**: Ah, boba, deixa de ser da roça. Tu não entende disso. Tiravam a gente de lá em meia hora. (*Sonhador.*) Mas a descida

era de arromba, hein! Essa macacada baixando toda junta daqui, de noite, uma noite bem de chuva. Era só a gente deslizar pra baixo com a lama. Êta ferro!

**APARECIDA:** E nós no 78, tomando uma batida no banco debaixo da árvore!

**PEDRO MICO:** Casa, casa de morar permanente a coisa não dava não, minha nega. Mas dava uma reportagem de chacoalhar com os tiras.

**APARECIDA:** Dava, pois é. Aí é que o Pedro Mico ficava conhecido mesmo. Tu ficava afamado em tudo quanto era morro do Rio.

**PEDRO MICO:** Lá isso e.

**APARECIDA** *(agarrando a boca da trouxa e pronta para carregá-la):* Você já pensou, Pedro, se a turma de todos os morros combinasse para fazer uma descida dessa no mesmo dia?

**PEDRO MICO** *(fechando a mala, seduzido):* Eta camaradinha doida, meu Deus! Tu é que tem parte com Exu, sua paraíba duma figa.

**APARECIDA** *(intensa, jogando a trouxa para as costas):* Tu já pensou, Pedro?!

*(Pedro suspende a mala grande com a mão esquerda, relanceia os olhos pelo barraco a ver se esqueceu alguma coisa, abre a porta com a direita, olha para os lados cauteloso, dá a mão direita a Aparecida.)*

**PEDRO MICO:** Não. Mas vou pensar. *(Apaga-se a luz do barraco. O dia nascente lá fora recorta vivamente a silhueta dos dois de mãos dadas, ela com a corcunda da trouxa nas costas, ele com a mala enorme a vergá-lo um pouco para a esquerda. Ficam parados um instante. Depois ele sai, cauteloso, puxando Aparecida pela mão.)*

**FIM**



# VOCÊ TEM MEDO DO RIDÍCULO, CLARK GABLE? OU SOMOS O QUE FOMOS

Analy A. Pinto

## PERSONAGENS

---

- Isaura** – mais de setenta anos. Veste-se ainda como uma jovem dos anos sessenta, com lacinhos, babadinhos e etc. Leitora assídua da revista “MANCHETE”.
- Orquídea** – mais ou menos a mesma idade de Isaura. Apesar de assumir a idade, ainda assim, se veste com resquícios da mulher extravagante que foi.
- Agostinho** – uns 50 anos, aproximadamente. Ele deve aparentar ser bem mais jovem do que elas. Homem simples, bem apanhado e muito simpático.
- Marcelo Buonaventura** – da mesma idade das mulheres, mas muito acabado, alquebrado. Usa óculos com aparelhinho de surdez.
- Xavier** – jovem diretor de comerciais de uma agência de publicidade. Prático, decidido e rápido.

## CENA 1

*(Cenário – quarto de dormir. Um quarto simples, com duas camas de solteiro. Uma pequena porta deixa entrever uma minúscula quitenete. Nas paredes, fotos de Isaura e Orquídea, jovens e bonitas. A um canto, pilhas de revistas “Manchete” escrupulosamente arrumadas. De outro lado, uma gaiola com um passarinho e uma pequena tabuleta onde se lê: Clark Gable).*

**ISAURA** *(lendo a revista “Manchete”, muito emocionada):* Meu Deus!!! Que coisa mais triste! Um moço tão bonito!

*(As luzes se apagam de repente.)*

**ISAURA** *(intrigada):* A luz se apagou, por que a luz se apagou?

**ORQUÍDEA** *(entrando com um bolo de aniversário, repleto de velinhas*

*acesas que acabam por iluminar o local):* Parabéns a você, nesta data querida...

**ISAURA** *(aborrecida, tira os óculos e continua sentada):* Você sempre insiste em comemorar essas datas. Pra que lembrar aniversários, Orquídea?

**ORQUÍDEA:** É como se cada velinha fosse um obstáculo que se venceu. *(Irônica.)* E olha que os seus não foram poucos. Iluminaram o quarto todo.

**ISAURA** *(pausa. Ao ver que a outra não se mexe):* Como é, não vai acender essa luz, para que eu possa continuar a minha leitura?

**ORQUÍDEA** *(aborrecida):* Só depois que você apagar as velinhas.

**ISAURA** *(acomodando-se na cadeira):* Tudo bem, quem tem medo do

escuro não sou eu.

**ORQUÍDEA** (*pausa. Resignada acende a luz e apaga as velinhas do bolo, tirando-as uma a uma*): Está bem. Eu só quis fazer uma brincadeira, mas você não tem humor, nunca teve. (*Deixando apenas uma.*) Pronto, agora já pode olhar.

**ISAURA** (*aproxima-se do bolo e apaga a velinha que restou*): Há anos você faz isso comigo, Orquídea, por quê?

**ORQUÍDEA**: Por que você ainda quer esconder a sua idade, Isaura? Agora, minha filha, é correr contra o tempo e tentar ganhar da vida o que ela ainda nos pode dar. É ganhar ou ganhar.

**ISAURA** (*desconversando*): O bolo está lindo, querida! Quem fez?

**ORQUÍDEA**: A servente.

**ISAURA** (*corrigindo*): Camareira. Ela não é servente. É camareira

**ORQUÍDEA**: Quem limpa sujeira de asilo de velhos é o quê?

**ISAURA** (*ofendida, vai à gaiola*): Clark Gable não cantou hoje! Está tudo tão triste!

**ORQUÍDEA**: Ah, a gente precisa ter uma paciência pra conviver com você!

**ISAURA**: Pra que tornar as coisas mais feias do que são? Custa tratar a realidade com delicadeza?

**ORQUÍDEA**: Está bem. Isto aqui não é um asilo de velhos, as serventes não são serventes, são camareiras, o que mais você quer camuflar?

**ISAURA**: Somos atrizes, Orquídea! Nossa realidade sempre foi envolta em véus de fantasia. Temos um passado glorioso.

**ORQUÍDEA**: E de que serve ele agora?

**ISAURA**: Somos o que fomos!

**ORQUÍDEA**: Você tem certeza?

**ISAURA** (*pausa, entristece*): Acho que não, não sei... (*Pausa.*) Clark você tem certeza?

**ORQUÍDEA**: Está na hora de acordar, dona Isaura. Você passou metade da vida sonhando com a medalha de ouro de melhor atriz da A.B.C.T., que já não existe há muito tempo. A outra metade você sonhou com o Prêmio Molière, o APCA, e sei lá mais quantos. Me lembro que você ainda tentava o de revelação, depois de trinta anos de carreira.

**ISAURA**: Fui é injustiçada, isso sim. Quando fiz "O Anjo de Pedra" com Marcello, por exemplo, eu merecia o prêmio.

**ORQUÍDEA** (*desdém*): Eu recusei esse papel. Preferia a Rosa Tatuada.

**ISAURA** (*desdém também*): Papel difícil. Precisa de uma atriz de muita sensibilidade

**ORQUÍDEA**: Você está querendo insinuar que ...

**ISAURA**: Não quero insinuar nada. (*Recomeça a ler.*) Com licença.

**ORQUÍDEA**: Você é mal-educada mesmo, não? No meio da conversa, pára e volta a ler essa porcaria de revista.

**ISAURA**: Você não diz que os atores têm que ter um ar de intelectualidade? Então, estou cuidando do meu espírito. Leio, me informo...

**ORQUÍDEA** (*vai por trás de Isaura e começa a ler em voz alta a matéria que ela está lendo*): "Os caras pintadas comemoraram em passeata o impeachment do Presidente Collor. Desde o movimento pelas Diretas não

havia no Brasil tal manifestação popular". (*Incrédula.*) Isaura você está lendo uma revista de 1990!

**ISAURA:** Ninguém me dá sossego. Você, principalmente, sempre conversando comigo, sempre falando, falando. Parece uma matraca.

**ORQUÍDEA:** Mas pra que ler uma "Manchete" tão antiga?

**ISAURA:** Porque ainda não li. Vou acumulando. Não leio a última antes de ter lido a anterior. Tem que ser em ordem.

**ORQUÍDEA** (*furiosa*): Não acredito. Por que você fica tão furiosa quando não entregam a "Manchete" no dia certo? Você ainda está em 1990!

**ISAURA:** Mas eu chego lá.

**ORQUÍDEA:** Trinta anos! Trinta anos de convivência! De confidências e segredos! Sempre vejo você lendo, lendo... mas... Não! Isso é traição! Você me traiu barbaramente.

**ISAURA:** Que traição? Do que você está falando?

**ORQUÍDEA:** Nunca reparei que você lia "Manchetes" tão antigas! Nós já elegemos outro presidente...

**ISAURA** (*rápida*): Fecha a matraca, pelo amor de Deus! Não me venha dar notícia antes da hora.

**ORQUÍDEA:** Antes da hora? Como, se já aprovamos até a reeleição! O nosso presidente agora é o...

**ISAURA** (*gritando*): Cala a boca. Vou ler na "Manchete"!!!

(*Black out.*)

## CENA 2

(*Cenário – Jardim do Retiro. Isaura está*

*sentada num banco do jardim, lendo "Manchete".*)

**ISAURA:** "A polícia brasileira derrota a "Cosa Nostra", desbaratando a sucursal do crime que "Tomaso Buccetta" ... (*Estranha.*) Buccetta? Ai, que nome! Se eu fosse ele mudava pra... Tomaso Chochota! (*Orquídea chega correndo com uma toalha ao redor do pescoço e roupas bem esportivas. Training, tênis etc. Traz uma sacola na mão.*)

**ORQUÍDEA:** Isaura!

**ISAURA** (*irritada*): Lá vem você. Está vendo por que eu não consigo pôr em ordem a minha leitura? Você não me deixa.

**ORQUÍDEA** (*largando a sacola no banco*): Menina do céu, o quarto nove!!!

**ISAURA:** O que tem o quarto nove?

**ORQUÍDEA** (*divertindo-se*): Não, nada. Desculpe, interrompi sua leitura. É melhor você voltar para as notícias de 1990.

**ISAURA:** Começou, termina, Orquídea. Odeio quando você faz isso. Está louca pra contar, conta logo.

**ORQUÍDEA:** O quarto nove não vai estar mais vazio!

**ISAURA:** Como é que você sabe?

**ORQUÍDEA:** Se você andasse um pouco também saberia. Essa notícia é de "hoje".

**ISAURA** (*fecha a revista*): Vai contar ou não vai?

**ORQUÍDEA** (*ralentando para criar expectativa*): Bem, eu estava correndo um pouco por aí, pra manter a forma. Ai passei lá por aquele pátio que nunca tem ninguém, sabe, ali atrás...

**ISAURA:** Fala logo, Orquídea

**ORQUÍDEA:** Então, eu estava correndo

ali, ao redor do pavilhão masculino...

**ISAURA** (*resmungando*): Exibida.

**ORQUÍDEA** (*zangada*): O que tem eu correr ali? E quer saber o que mais? Sou exibida sim. Morro tesa mas não perco a pose.

**ISAURA**: Está bem, está bem. Continua.

**ORQUÍDEA** (*amuada*): Só se me pedir desculpas.

**ISAURA** (*para o pássaro*): Desculpas, Clark Gable. Nunca pedi desculpas nem pra minha mãe. *(Ela volta a ler a revista.)*

**ORQUÍDEA** (*ameaça sair*): Bem, então vou indo. Preciso tomar um banho. *(Vai pegar a sacola.)*

**ISAURA** (*recapitulando*): Está bem, desculpe.

**ORQUÍDEA** (*volta, larga a sacola e fica olhando para Isaura que desvia o olhar*): Então, eu estava correndo ali, aí vi que a porta do quarto nove estava aberta. *(Para de falar e olha pra Isaura que está ansiosa para ouvir o resto. Resolve tripudiar.)* Você gosta tanto de notícia velha, não é melhor eu deixar pra contar o resto no ano que vem?

**ISAURA** (*irritada*): Por favor, Orquídea, quer contar logo?

**ORQUÍDEA** (*divertindo-se*): Aí, eu me aproximei e espiei lá pra dentro. Aí então, eu vi a servente... *(Olha pra Isaura.)* Quer dizer, camareira, como é mesmo o nome dela? *(P)* Aquela branquinha, magrela, nariguda, que tem cara de poucos amigos?

**ISAURA**: Sei lá. Que importância tem? Continua.

**ORQUÍDEA**: Pois é, ela estava colocando roupa de cama, e tal.

Aí eu entrei e perguntei: "Hóspede novo"? E ela com aquela cara de bunda: "Não é da sua conta".

**ISAURA**: Quem estará vindo pra cá? Não li nada a respeito...

**ORQUÍDEA**: Se tivesse lido, ele teria vindo pra cá há, pelo menos, cinco anos atrás.

**ISAURA** (*segurando-se pra não responder*): E aí, você não especulou mais nada?

**ORQUÍDEA**: "É algum conhecido"? perguntei. E ela foi logo dizendo, "Quer fazer o favor de se retirar, que tenho muito que fazer, dona Ordália".

**ISAURA**: Elas sempre acham um jeitinho de cutucar a gente. Por acaso ela não sabe que você trocou o seu nome?

**ORQUÍDEA**: Há mais de quarenta anos. É atriz frustrada, meu bem. Mas eu coloquei ela no seu lugar. Aí ela ficou mansinha: "Desculpe, dona Orquídea, não quis ofender".

**ISAURA**: E ela contou logo quem é o tal?

**ORQUÍDEA**: Bem, ela também ficou assim, ressabiada comigo, sem coragem de me mandar embora...

**ISAURA**: Fala logo, Orquídea, a ansiedade está me tirando o ar. Sufoco.

**ORQUÍDEA**: Não Isaura, não, pelo amor de Deus! A bombinha, onde está a bombinha?

**ISAURA**: Eu não quero bombinha nenhuma, só quero saber quem é o sujeito.

**ORQUÍDEA**: Pois é, aí eu falei assim: "Uh, ele deve ser importante, você está caprichando tanto!" Então ela falou assim: "É, ele é muito exigente

mesmo. Fino, requintado.

**ISAURA** (*extasiada*): É? (*Pausa.*) Será que é bicha?

**ORQUÍDEA**: Por que você pergunta isso?

**ISAURA**: Fino, requintado, exigente. Deve usar robe de seda, "foullard" no pescoço, cachimbo. Aposto que lê Joyce sentado numa bergère. Só pode ser bicha.

**ORQUÍDEA**: Vira essa boca pra lá.

**ISAURA**: E o nome, ela disse o nome?

**ORQUÍDEA**: Marcolino de Souza Azevedo. Aí, eu disse...

**ISAURA**: Marcolino de Souza Azevedo? Quem é esse?

**ORQUÍDEA**: Aí ela disse: "Sei lá. Esse é o nome verdadeiro. Vocês complicam tanto com essa história de vulgo".

**ISAURA**: Vulgo! Sujeitinha à toa. Eu não digo que ela gosta de cutucar a gente?

**ORQUÍDEA**: "Pseudônimo", eu disse pra ela. "Nome artístico".

**ISAURA**: E agora, como é que vamos saber quem é?

**ORQUÍDEA** (*abrindo a sacola cheia de fichas*): Roubei as fichas da recepção. É só procurar. (*Black out.*)

### CENA 3

(*Cenário - quarto de dormir. Sobre a cama, as fichas espalhadas.*)

**ORQUÍDEA** (*arruma-se na frente do espelho, cantarolando*): "Dos almas que en el mundo, habia unido Diós. Dos almas que se amaban. Eso eramos tu y yo..."

**ISAURA** (*entrando de pegnoir curto, desses de algodãozinho, das casas "Marisa"*): Você não viu

minha "Manchete" por aí?

**ORQUÍDEA** (*maquiando-se*): Aí em cima. Chegou hoje.

**ISAURA**: Não. Esta é a nova. (*Vai colocar na pilha, por baixo de todas as outras.*) É aquela que tem, na capa, a Regina Duarte vestida de viúva Porcina.

**ORQUÍDEA**: Ué, ainda está assim? Você não vai?

**ISAURA** (*procurando a revista*): Onde?

**ORQUÍDEA**: Hoje é dia dez, Isaura, dia de receber a aposentadoria.

**ISAURA**: Nossa mãe, esqueci. (*Correndo pra se arrumar.*) Eu me arrumo rapidinho (*Off.*) Você achou a ficha do Marcolino?

**ORQUÍDEA** (*colocando suas setenta pulseiras de argolas, dessas que contam aniversários*): Está tudo fora de ordem, tudo misturado. Já olhei mais de cem fichas.

**ISAURA** (*voltando já vestida, indo se pentear*): Mas aqui não tem nem cem pessoas!

**ORQUÍDEA**: E os que já morreram?

**ISAURA** (*pausa - dirige-se à gaiola*): Os artistas não morrem nunca, são eternos, não é Clark?

**ORQUÍDEA**: Desculpe. Escapou.

**ISAURA** (*colocando uma fivelinha no cabelo*): Você está horrível. Onde pensa que vai empetecada desse jeito? A algum baile?

**ORQUÍDEA** (*maliciosa*): Dia de pagamento eu capricho.

**ISAURA**: O Agostinho?

**ORQUÍDEA** (*perfumando-se em lugares estratégicos*): E você já sabe, hein. Eu é que vou no banco da frente, pertinho dele.

**ISAURA**: Não seja saliente, o homem é casado.

**ORQUÍDEA**: Só quero fazer um charme,

praticar um pouquinho. É uma maneira de me sentir em forma.

**ISAURA:** Você é muito oferecida, Orquídea. Homem não gosta de mulher oferecida. Eles querem pensar que eles é que escolhem. Você não, já vai se oferecendo. Por isso é que ficou sozinha.

**ORQUÍDEA:** Você foi sempre tão recatada e também ficou sozinha. Ninguém te escolheu.

**ISAURA** (*sorrindo misteriosa*): Minha vida sempre foi o palco. Uma grande atriz não pode se envolver com ninguém. Atrapalha a carreira.

**ORQUÍDEA:** Não vem não. Todo mundo sabe que você teve um amor secreto. Quase morreu por ele.

**ISAURA:** Que conversa mais idiota. (*Desconversando.*) Vamos, não estamos atrasadas?

**ORQUÍDEA** (*pintando os lábios*): Está na hora de você me contar quem foi.

**ISAURA** (*fala com o pássaro imitando a outra*): Quem foi, Clark Gable? Quem foi? Você gosta de mexeriqueiras, Clark? Eu não gosto.

**AGOSTINHO** (*off, batendo na porta*): Meninas, estão prontas?

**ORQUÍDEA** (*excitada*): Um minutinho por favor, já estamos saindo.

**ISAURA:** Calma, Orquídea, parece uma colegial.

**ORQUÍDEA:** A voz dele lembra a do Laerte Prado, não lembra?

**ISAURA:** Imagine! Laerte era um homem finíssimo, produtor importante.

**ORQUÍDEA** (*pára o que está fazendo e relembra sonhadora*): Uma vez, depois de uma noite de amor ele

disse que eu era "uma mulher da manhã", ficava mais bonita à medida que o dia amanhecia...

**ISAURA:** Não era ele que ia te levar para Buenos Aires?

**ORQUÍDEA:** Adorava Gardel! Cantava pra mim: "Con una muñeca de mujer vencida, me dijó és la vida, e non la vi más".

**ISAURA:** Ele se fué e non volvió jamás.

**ORQUÍDEA** (*saindo do devaneio*): Ah, vamos, vamos, senão o Agostinho também vai embora. Eles todos partem, mais cedo ou mais tarde. É apenas uma questão de tempo.

**ISAURA** (*apontando um quadro na parede*): Não foi ele quem te deu esse quadro horroroso?

**ORQUÍDEA** (*faz sinal afirmativo de cabeça*): "A trajetória do espermatozóide". Eu acho uma beleza!

**ISAURA** (*abrindo a porta*): Você amou todos esses homens, Orquídea?

**ORQUÍDEA:** Eu diria que tentei ser amada por todos eles.

**ISAURA:** Valeu a pena?

**ORQUÍDEA:** Estão todos aqui, gravados nessas pulseiras. Cada uma, um nome, uma história, um prazer! "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena"!

**ISAURA:** Ainda bem que parou por aí, senão... já pensou?

**AGOSTINHO** (*chegando na porta entreaberta*): Estão prontas?

**ORQUÍDEA** (*olha para Agostinho, abre o porta-jóias, tira mais uma argola e mostra pra Isaura*): Ainda tenho uma guardada aqui. (*Sorri e pega no braço de Agostinho.*) Permite? (*Ela olha para Isaura, saindo atrás dela e ambas sorriem. Isaura fecha a porta.*)

*(Black out.)*

#### CENA 4

*(Cenário - Jardim do Retiro. Orquídea e Agostinho acabaram de voltar. Todos já se recolheram e eles ficaram ali, conversando um pouco.)*

**ORQUÍDEA:** Foi um passeio e tanto, Agostinho. Ah, é bom respirar os ares lá de fora.

**AGOSTINHO:** A senhora não sai mais porque não quer. Ninguém proíbe.

**ORQUÍDEA:** Vou confessar uma coisa: tenho medo de sair sozinha. A cidade ficou muito violenta.

**AGOSTINHO:** Por isso não, dona Orquídea... Quando quiser estou às ordens.

**ORQUÍDEA** *(dengosa)*: Não oferece que eu aceito, hein. Depois não vá fugir da raia.

**AGOSTINHO:** A senhora pode pedir quando quiser.

**ORQUÍDEA** *(sorrindo)*: De onde eu venho, só chamamos uma pessoa de "senhora" para manter distância ou para agredir..

**AGOSTINHO:** O que a senhora quer dizer?

**ORQUÍDEA:** Quero que me chame de você. É muito difícil?

**AGOSTINHO** *(embasbacado)*: Não, quer dizer... Não sei...

**ORQUÍDEA** *(crente que está agradando)*: Você estava dizendo...

**AGOSTINHO:** Que se a senh..., "você" quiser... Eu sempre levo a dona Gilda pra fazer aquela ginástica da terceira idade. É muito boa.

**ORQUÍDEA** *(decepcionada)*: Ah, sei. Não era bem desse tipo de

passeio que eu falava. Bem, eu preciso entrar. Já está tarde.

**AGOSTINHO:** Até logo, dona Orquídea, quando precisar... *(Ele vai embora ela dá um profundo suspiro e vai para o outro lado.)*

*(Black out.)*

#### CENA 5

*(Cenário - quarto de dormir. É outro dia. Orquídea, de pegnoir procura a ficha de Marcolino dentre todas as fichas espalhadas pela cama.)*

**ORQUÍDEA** *(procurando)*: Oremildes Vieira, Ariclenes Antunes, Nelcíades Mercedes, Eunice Alves, Rosalvo Boeta, Laurinda da Silveira...

**ISAURA** *(entrando vitoriosa)*: Pode parar com essa procura. Já descobri quem é Marcolino de Souza Azevedo.

**ORQUÍDEA:** Ele já chegou?

**ISAURA:** Você não vai acreditar. Você vai cair dura. É impensável.

**ORQUÍDEA:** Fala então, quem é?

**ISAURA:** Você nem imagina. Eu estou passada.

**ORQUÍDEA:** Afinal, ele chegou? Você o viu?

**ISAURA** *(fazendo que não com a cabeça)*: Telefonei para o sindicato.

**ORQUÍDEA:** Ele ainda estava cadastrado lá? Provavelmente no arquivo morto, só pode ser.

**ISAURA** *(para Clark Gable)*: Vivien Leigh ainda brilha no "E o vento levou", não brilha Clark? Mais viva do que nunca! Ela é eterna, não é?

**ORQUÍDEA:** Não vai falar quem é?

**ISAURA:** Você sabe que até hoje eu

pago minhas mensalidades de sócia do sindicato?

**ORQUÍDEA:** Só queria saber pra quê.

**ISAURA:** A atriz que está aqui (*aponta o próprio peito*) não desaparece nunca.

**ORQUÍDEA:** Chega de lenga lenga, Isaura, vamos, quem é o tal?

**ISAURA** (*entusiasmada*): Um dia ainda trabalharemos juntos outra vez! Se Deus quiser! Você sabe muito bem que eu ainda tenho esperanças de voltar ao palco, não é?

**ORQUÍDEA:** Quem é criatura, fala?

**ISAURA:** Ai que sufoco. Onde está minha bombinha?

**ORQUÍDEA** (*segura-a pelos ombros*): Fala, criatura, fala. Quem é, pelo amor de Deus?

**ISAURA:** Então me solta. Você fica me segurando. (*Orquídea a solta, ela se ajeita toda e anuncia.*)  
Marcello Buonaventura.

**ORQUÍDEA** (*incrédula*): Marcello?!?!

**ISAURA:** Lá no sindicato me contaram que ele deve estar chegando por estes dias. Foram eles que cuidaram da mudança.

**ORQUÍDEA:** Marcello Buonaventura e Marcolino são a mesma pessoa?

**ISAURA:** Como o Pai, o Filho e o Espírito Santo!

**ORQUÍDEA** (*decepcionada*): Ele nunca me disse!

**ISAURA:** Nem a mim.

**ORQUÍDEA:** Eu amei um homem chamado Marcolino?

**ISAURA:** Até sotaque italiano ele tinha! É inacreditável.

**ORQUÍDEA:** Como ele pôde me esconder sua verdadeira identidade por tanto tempo? Meu Deus! Você convive com um homem, partilha cama, mesa,

trabalho... Pensa que o conhece como a palma da mão, e... Não sabe nada dele, nem o seu nome!

**ISAURA:** Por mais juntas que duas pessoas estejam, sempre existem segredos intransponíveis que nunca são revelados.

**ORQUÍDEA:** Eu confiei nele. Acreditei na história que me contou. Da guerra, da fuga para o Brasil, da "mama" que ficou lá... Tudo. Era tudo mentira! Mentira!

**ISAURA:** Nunca nos deixamos mostrar pelo avesso.

**ORQUÍDEA:** Ele me enganou! Zombou de mim! Eu era apaixonada pelo Marcello.

**ISAURA** (*corrigindo*): Marcolino.

**ORQUÍDEA:** Por que ele fez isso, Isaura?

**ISAURA:** Sobrevivência, eu acho. Não teria feito a carreira que fez se chamasse Marcolino. Você, alguma vez lhe contou que seu nome era Ordália?

**ORQUÍDEA** (*sem responder à outra*): Nós fomos tão felizes!

**ISAURA** (*para Clark Gable*): Por que será que as pessoas saudosistas sempre lembram do passado como se tudo tivesse sido um paraíso? As emoções ruins desaparecem, como por encanto.

**ORQUÍDEA:** A gente se amava tanto!

**ISAURA:** Quantas vezes você foi pra minha casa aos prantos por causa dele... Quantas! (*Pega uma revista velha e lê.*) "Marcello Buonaventura, completamente apaixonado, diz que não revela a ninguém quem é a nova dona do seu coração. É segredo". Lembra disso?

**ORQUÍDEA:** De onde você tirou isso agora?



**ISAURA** (*com desdém*): Uma das minhas revistas velhas. Nada demais.

**ORQUÍDEA**: Nunca descobri quem foi a tal mulherzinha que o tirou de mim.

**ISAURA** (*desconversa*): Bobagem. Ninguém tira ninguém de ninguém. A relação de vocês já estava deteriorada.

**ORQUÍDEA**: Ele podia voltar

**ISAURA**: Já estava tudo acabado.

**ORQUÍDEA**: Você nunca soube quem foi?

**ISAURA** (*enfática*): Não.

**ORQUÍDEA**: Eu e ele ainda temos algumas contas a ajustar. Isso não vai ficar assim.

**ISAURA**: Eu não faria isso.  
(*Black out.*)

## CENA 6

(*Refeitório – elas estão preparando o espetáculo anual para arrecadação de fundos. No meio do salão, um baú cheio de roupas antigas de teatro. Numa das mesas, Orquídea, rodeada de textos, procura o que elas vão encenar.*)

**ISAURA** (*pega no baú um vestido de época, visivelmente menor do que ela*): Será que ainda me serve?

(*Orquídea apenas levanta o olhar e volta a ler.*)

**ISAURA** (*ajeitando o vestido na sua frente*): Ele me lembra a Julieta. Nós podíamos fazer um trecho de Romeu e Julieta, o que você acha?

(*Orquídea novamente levanta os olhos com censura, mas sem dizer nada.*)

**ISAURA** (*interpreta com voz colocada*):

“Romeu, Romeu, por que razão tu és Romeu? Oh, renega teu pai e abandona esse nome. Ou se não queres, jura então que me amarás e eu deixarei de ser Julieta Capuletto”.

**ORQUÍDEA**: Para com isso, Isaura. No espetáculo do ano passado foi a mesma coisa. Você acha que tem cabimento representar Julieta com a sua idade?

**ISAURA** (*para o pássaro*): A grande Sarah Bernhardt representou Julieta até o fim de sua vida, sabia Clark? Lá eles respeitam o artista.

**ORQUÍDEA**: Eu queria fazer uma comédia, alguma coisa pra cima, alegre, divertida.

**ISAURA**: Não vou decorar nada. Só faço o que já sei de cor.

**ORQUÍDEA**: Não tem a menor graça fazer todo ano a mesma coisa.

**ISAURA**: O público é sempre diferente. E este ano, o Marcello vai estar aqui. Ele bem que podia dirigir o espetáculo, o que você acha?

**ORQUÍDEA** ( *fingindo indiferença*): O Marcolino? Não sei, se você quiser... Eu continuo achando que ele é um traidor, mas se você faz questão...

**ISAURA** (*sonhando*): Ele sempre gostou da minha Julieta

**ORQUÍDEA**: Onde foi que ele viu você fazer Julieta, Isaura? Você nunca fez essa peça.

**ISAURA** (*cai em si*): De quem você está falando?

**ORQUÍDEA**: De Marcello Buonaventura. Ou Marcolino, se preferir.

**ISAURA** (*disfarça*): Ah, que confusão. Eu estava falando com o Clark Gable...

**ORQUÍDEA:** Não esclerosa, Isaura, pelo amor de Deus. Cai na real.

**ISAURA:** Mas a realidade é tão desagradável.

**ORQUÍDEA:** Viver pode ser muito prazeroso quando não se tem medo.

**ISAURA:** Você não tem medo?

**ORQUÍDEA** (*pensa um pouco antes de responder*): Não.

**ISAURA:** Então por que dorme de luz acesa?

**ORQUÍDEA** (*reflexiva*): Não quero que ela passe e me leve por engano, no escuro. Não quero ir antes da hora, por descuido. É disso que eu tenho medo.

**ISAURA:** Pois eu não tenho medo de morrer.

**ORQUÍDEA** (*refletindo*): É porque eu não sei como vai ser.

**ISAURA:** Acho que deve ser como sair de cena. Triste e escuro. Só isso. (*As duas se olham profundamente.*)  
(*Black out.*)

## CENA 7

(*Quarto de dormir – Orquídea procura o texto rodeada de livros. Isaura lê suas “Manchetes” velhas.*)

**ISAURA:** Você sabia que a Zélia Cardoso de Mello se casou com o Chico Anísio?

**ORQUÍDEA** (*olha com desdém*): Já tem dois filhos, Isaura. Quando é que você vai parar com essa mania de ler revistas velhas? Só vem com assunto ultrapassado.

**ISAURA:** Ai, você está impossível. A gente não pode falar nada, credo. O que deu em você, hein? Ainda é por causa do Marcello? Ou do Agostinho, que nem te liga.

**ORQUÍDEA:** Estou atrasadíssima com o texto do espetáculo. Eu me comprometi e agora não consigo achar um que seja supimpa.

**ISAURA:** Supimpa! Ah, ah. Depois eu é que sou desatualizada. Eu já falei que a gente devia fazer o texto do ano passado. Já sabemos de cor...

**ORQUÍDEA:** Você não quer que o Marcello dirija o espetáculo? Você acha que ele dirige aquela cafonice do ano passado?

**ISAURA:** Você concordou? Ele vai dirigir? Já sabe quando é que ele chega?

**ORQUÍDEA:** E alguém informa? (*Indo ao espelho.*) Preciso tingir o cabelo, preciso, tomar um pouco de sol, pegar um bronzado...

**ISAURA** (*olha com desconfiança*): Quais são as suas intenções? (*Pausa.*) O Agostinho? Ou... O Marcello?

**ORQUÍDEA:** Sabe que eu até esqueci do Agostinho?

**ISAURA:** Você não vai cair nos braços dele outra vez. Isso não! Eu não vou permitir.

**ORQUÍDEA:** Que que tem? Eu também nunca disse que me chamava Ordália e que tinha vindo de uma cidadezinha chamada “Periquita”

**ISAURA** (*zangada*): Já está arrumando desculpa para perdoá-lo, é? Você é assim mesmo. Parece um cachorro vira-lata.

**ORQUÍDEA:** Não precisa mais se preocupar tanto comigo, Isaura. Já sou bem grandinha.

**ISAURA:** Ainda pode quebrar a cara.

**ORQUÍDEA:** Nunca tive medo de quebrar a cara. Quem não arrisca...

**ISAURA:** Depois não vem chorar no meu ombro

**ORQUÍDEA:** Como é o destino, não? Depois de tanto tempo... Quem sabe se não era mesmo pra acabarmos os nossos dias juntos?

**ISAURA:** Juntos? Quem te garante?

**ORQUÍDEA:** Ele era um garanhão. Sozinho ele não fica nunca.

**ISAURA** (*desviando o olhar*): Isso não te dá direito de exclusividade.

**AGOSTINHO** (*bate na porta e fala off*): Dona Orquídea...

**ISAURA:** Acho melhor você se garantir com esse aí mesmo.

**ORQUÍDEA** (*abrindo a porta*): Que bom ver você, Agostinho, entre.

**AGOSTINHO:** Desculpe, mas queria que fosse a primeira a saber (*Entregalhe um memorando.*) Agora, a senhora pode voltar a aparecer na televisão.

**ORQUÍDEA:** E você acha que eu quero voltar para aquela selva? Deus me livre! Estou bem aqui.

**ISAURA** (*para o pássaro*): As uvas estão verdes...

**AGOSTINHO:** Eu bem que gostaria de ver a senhora fazendo um papel bem bonito na televisão. Pra mostrar pra todo mundo lá em casa.

**ORQUÍDEA** (*passando os olhos pelo papel*): Mas... o que é isto?

**AGOSTINHO:** Depois a senhora me devolve para colocar no quadro de avisos?

**ORQUÍDEA:** Claro. (*Dengosa, o acompanha até a porta.*) Você é muito gentil, Agostinho. Obrigada.

**AGOSTINHO** (*saindo*): Quando precisar...

**ISAURA** (*curiosa e com desdém*): Não vai me dizer que está sendo

convidada para alguma novela?

**ORQUÍDEA** (*lendo*): "A produtora de comerciais Mega Filmes, empenhada em ampliar o seu arquivo de modelos, comunica que mandará fotografar e cadastrar todos os hóspedes. Todo e qualquer trabalho realizado a partir daí sofrerá um desconto de vinte por cento em seus pagamentos de cachês em favor dessa instituição..." (*Furiosa.*) Isaura, é o cúmulo! Atravessadores!

**ISAURA:** Imagina! Vai ser ótimo. Sinal que ainda lembram da gente.

**ORQUÍDEA:** Isso não fica assim!

**ISAURA:** Vê se não vai estragar tudo, hein!  
(*Black out.*)

## CENA 8

(*Quarto de dormir – Isaura se arruma para fotografar para a Mega Filmes. Ela se veste como se fosse uma menina, um tanto ridícula. Orquídea entra furiosa.*)

**ORQUÍDEA:** É uma pouca-vergonha! Um abuso de poder! Uma imoralidade! Sabe o que me disseram? Que eu era obrigada a fazer as fotos! Que não posso deixar de contribuir com o Retiro. Cínicos! Exploradores!

**ISAURA:** Eu não vejo nada demais. Se estamos aqui, temos que colaborar...

**ORQUÍDEA:** Isso é antidemocrático e antiético. Paguei anos e anos o direito de estar aqui. Eu contribui para o engrandecimento da cultura desse país. Que negócio é esse? O Estado tem que manter

este lugar, e manter bem. Paguei todos os meus impostos: INPS, ISS, IPMF... Cultura é dever do Estado! Eles querem sempre tirar o corpo fora. Isso aqui é uma espelunca, caindo aos pedaços. Ninguém nunca ligou pra gente e agora vêm com essa conversa. Imagine.

**ISAURA:** Você sempre fez esses discursos e ninguém nunca te ouviu. Passou a vida falando sozinha

**ORQUÍDEA:** Mas nunca me calei diante das injustiças. Se você tivesse feito o mesmo, eu já não teria falado sozinha.

**ISAURA:** E pra quê? Pra acumular inimigos, como você?

**ORQUÍDEA:** Omissa é o que você sempre foi. Covarde e despreparada. Você nunca entendeu nada, Isaura. Passou a vida sonhando. Você não vive neste mundo.

**ISAURA:** Agora não vai sobrar pra mim, não. Não tenho nada com isso. Eu quero fazer as fotos, e quero voltar a trabalhar. Não quero perder as oportunidades, como você, por causa do seu gênio.

**ORQUÍDEA:** Com o meu gênio, financiei muito hospital, aluguel, enterro. Ajudei a tirar muita gente do país vítima de perseguição política.

**ISAURA:** E acabou sem nada...

**ORQUÍDEA:** Mas nunca abri mão da minha ideologia. Quero ter sempre o direito de me indignar!

**ISAURA:** O Marcello odiava isso. Dizia que você era a "Guerrilheira da Ribalta".

**ORQUÍDEA:** Dizia pra quem?  
(Isaura não responde. Percebe que falou o que não devia.)

**ORQUÍDEA (continua):** Pra você? Você

era confidente dele, por acaso? Ah, que novidade. Vocês nem se bicavam...

**ISAURA (mudando de assunto):** Se você for chamada, vai lá e faz o trabalho, sem briga. É melhor assim. Dá vinte por cento pra direção e fica com o resto. Ainda é um bom dinheiro.

**ORQUÍDEA:** Não é o dinheiro. É a atitude. (Pausa – Olha pra ela.) Isaura, eles não vêm a um retiro de atores pra procurar sócias da Xuxa. Você está horrível.

**ISAURA:** Você briga com o mundo e eu é que pago o pato.

**ORQUÍDEA:** Teu negócio é fazer média. Quer ficar sempre "na boa". Vaca de presépio.

**ISAURA:** Você falou com os outros? Alguém concordou com você?

**ORQUÍDEA:** Todos. Só que ninguém tem coragem de falar nada. Bando de cagões!

**ISAURA (tenta mudar o clima da conversa):** Já pensou se a gente faz um comercial? Vamos ser reconhecidas na rua, vamos dar autógrafos.

**ORQUÍDEA:** Você já viu figurante de comercial ficar famosa?

**ISAURA:** E não fiquei? (Abre uma revista.) Olha aqui, aquele comercial de desodorante sanitário. Todo mundo me reconhecia.

**ORQUÍDEA (apregoando):** "Lá vai a mulher da privada cheirosa!"

**ISAURA:** Escuta aqui. Se você está engasgada por causa desses vinte por cento, luta contra, faz campanha, se candidata a presidente do Conselho, sei lá. Mas não torra a paciência dos outros.

Se você tem direitos eu também tenho e um deles é o de não querer te ouvir. Com licença.

*(Sai com a revista embaixo do braço.)*

**ORQUÍDEA** *(sozinha, sonhadora):*

“Orquídea Santos, a guerrilheira da Ribalta – presidente do Conselho do Retiro dos Artistas” – Até que não é má idéia. Vou precisar de cartolina, pincel mágico, faixas, tintas... Marcello, você vai encontrar a sua guerrilheira a todo vapor!

*(Black out.)*

## CENA 9

*(Refeitório – Orquídea e Agostinho estão terminando de pintar o material de campanha. Pelo chão, cartazes prontos com os dizeres: “Ouça o que diz a população – Orquídea é a opção”; Desta vez não há concorrente – Orquídea presidente”; “Siga a mídia – pra presidente, Orquídea”; “Eleja a guerrilheira da Ribalta”.)*

**ORQUÍDEA:** Por hoje chega.

**AGOSTINHO:** Nunca pensei que a senhora tivesse tanta disposição.

**ORQUÍDEA:** Este lugar precisa de novos ares. Os que chegarem, daqui pra frente, vão encontrar tudo muito melhor.

**AGOSTINHO:** Quando a senhora for presidente, “me troca eu” de serviço?

**ORQUÍDEA:** Você não gosta do que faz?

**AGOSTINHO:** Eu queria mesmo um serviço de escritório, na recepção. Ficar lá, batendo à máquina. Estou cansado do trânsito desta cidade. Às vezes tenho cãibras nas pernas de tanto acelerar e

brecar, acelerar e brecar.

**ORQUÍDEA:** Primeiro nós temos que ganhar a luta, o que não é fácil.

**AGOSTINHO:** E depois, qual vai ser a primeira coisa que a senhora vai fazer?

**ORQUÍDEA:** Quero mudar o regulamento. Na minha gestão será permitido que homens e mulheres vivam juntos se quiserem. É um verdadeiro absurdo que pessoas que se amem não possam dormir no mesmo quarto.

**AGOSTINHO:** A senhora ainda pensa em se casar, dona Orquídea?

**ORQUÍDEA:** Casar? *(Sorri.)* Não. Quero apenas reencontrar um velho companheiro.

**AGOSTINHO:** Ele vem pra cá?

**ORQUÍDEA:** Todos acabamos vindo pra cá, mais dia, menos dia.

**AGOSTINHO:** A senhora tá esquisita... Diferente. Aconteceu alguma coisa?

**ORQUÍDEA:** Sabe, Agostinho, nunca suportei dormir de meias. Elas irritam a minha pele. E o pior de dormir sozinha é o frio nos pés.

*(Eles se olham por algum tempo sem dizer nada.)*

**AGOSTINHO:** Sabe, eu vou gostar de trabalhar mais perto de você. Ah, falei “você” sem querer!

**ORQUÍDEA:** Está vendo? É só acostumar.

*(Agostinho segura as mãos de Orquídea.)*

**ORQUÍDEA** *(evitando o avanço):* Bem, acho melhor você ir agora. Está na hora de ir pra casa, sua mulher deve estar te esperando.

**AGOSTINHO:** Depois de trinta anos de casamento, mulher já virou irmã. Nem espera mais a gente. “Já

deve estar dormindo, já". Se você quiser mais alguma coisa...

**ORQUÍDEA:** Não obrigada. Até amanhã, Agostinho.

**AGOSTINHO:** Até amanhã.

*(Beija a mão dela e sai.)*

**ISAURA** *(surge de uma sombra):* Esse está no papo.

**ORQUÍDEA:** Perdi o elã. Na verdade estou com muita preguiça de investir em alguém novo.

**ISAURA:** Como você mudou de idéia, não? Justamente depois que ficou sabendo da volta do Marcello. Será mera coincidência?

**ORQUÍDEA:** Acho que não tenho mais coragem pra me despir na frente de um homem. Não tenho mais nada para exibir. Às vezes chego à conclusão que o lugar ideal para as pessoas de terceira idade fazerem amor é o "drive in". No lusco-fusco do carro, não se vê nada direito, dá até pra disfarçar. Um pedaço de perna, um pedaço de peito e sô. Mas ir pra cama com um homem assim... ficar exposta...

**ISAURA:** Você ainda tem desejos?

**ORQUÍDEA:** Todos. Os sentimentos não envelheceram. O invólucro é que deixa a desejar.

**ISAURA:** Quando existe amor, essas coisas não importam

**ORQUÍDEA** *(pensativa):* Quando existe amor...

**ISAURA:** Jamais iria pra cama com um homem se não estivesse perdidamente apaixonada por ele.

**ORQUÍDEA:** Eu também.

**ISAURA:** Você falando isso? Desconheço.

**ORQUÍDEA** *(sorrindo com desdém):*  
Você não entende nada, Isaura

## CENA 10

*(Quarto de dormir - as duas batem texto. Isaura não consegue decorar.)*

**ISAURA** *(tentando falar sem ler):* "Que tem isso senhor Marçal?" *(Pensa.)* Ah... *(Olha no texto rapidamente e fala em seguida)* "Eu gosto até de ver um homem de pijama. Dá..." *(Esquece.)* Como é mesmo, Orquídea?

**ORQUÍDEA:** Já passamos esse texto mais de dez vezes. Isso é falta de concentração, Isaura, tem dó.

**ISAURA:** Eu falei que não gosto de decorar nada. Eu falei.

**ORQUÍDEA:** Vamos pra frente. Eu não vou repetir. *(Imita voz de homem.)* "Acato religiosamente a moral das damas da sua idade. Com licença." Marçal sai.

*(Orquídea faz um gesto como se o personagem saísse de cena.)*

**ISAURA** *(com verdadeira indignação):* "As damas da minha idade? Ora essa!" *(Irritada.)* Não vou fazer esse texto.

**ORQUÍDEA:** Lá vem você de novo. Toda vez que chega nesse ponto você quer desistir. Então não tem espetáculo este ano. Pronto. Vou comunicar à direção que não faço mais nada. Quem quiser, que faça. Assim não dá.

**ISAURA:** E o computador que eles iam comprar com esse dinheiro?

**ORQUÍDEA:** A gente nunca sabe pra onde vai esse dinheiro. Quando eu for presidente a coisa vai ser outra.

**ISAURA:** Você acha que vão deixar

you ser presidente disto aqui, Orquídea? Imagine! Eles não largam o osso.

**ORQUÍDEA:** Quero ver me impedir. Somos todos idôneos, residentes há mais de cinco anos, excelente curriculum... Vou ser a segunda mulher na Presidência. A primeira foi Itália Fausta, em 1935.

**ISAURA** (*reflexiva*): Há mais de cinco anos... Tudo isso! Tinha perdido a noção do tempo! (*Vai para o pássaro.*) Quantos anos ainda temos nestas gaiolas, meu querido? Por quanto tempo você ainda vai cantar?

(*As duas ficam em silêncio. Olham-se longamente. É Orquídea quem dá a volta por cima.*)

**ORQUÍDEA:** Vamos lá, Isaura. Vamos ensaiar. Quando o Marcello chegar precisamos estar com o texto decorado. Pelo menos isso, não é?

**ISAURA** (*vai para uma pilha de texto sobre a cama*): Esse texto eu não faço. Tem tantos aqui. Será que não tem um mais adequado? "Manhãs de Sol"? (*Sorri da lembrança.*) Lembra aquele espetáculo em que o Adolfo entrou em cena com a braguilha aberta? Vocês tiveram um ataque de riso? Eu não. Fui a única que conseguiu segurar. Não dei uma risadinha.

**ORQUÍDEA:** Em compensação abriu as pernas e... Eu só vi aquele fio de xixi rolando pelo palco e entrando de mansinho pela caixa do ponto. Molhou todo o texto do coitado. A temporada acabou ali.

**ISAURA:** Você está me culpando? Não foi por isso que a peça saiu de

cartaz, não. Você e o Marcello é que andaram se pegando aos gritos pela coxia.

**ORQUÍDEA:** Eu andava desconfiada que ele estava me traindo.

**ISAURA** (*muda o assunto*): Depois eu fui fazer um espetáculo sobre Augusto dos Anjos, lembra?

**ORQUÍDEA:** Você, metida num biquini lilás, declamando (*exagera*) "o homem que nessa vida miserável, vive entre feras...". (*Ri.*) Era demais, Isaura.

**ISAURA:** Eu ainda sei tudo aquilo de cor. Não podíamos fazer aquele espetáculo? Eu tenho o texto guardado

(*Vai procurar dentre os seus pertences.*)

**ORQUÍDEA** (*rindo*): Mas você não está pensando em conservar o mesmo figurino, não é?

**ISAURA:** Claro que não. Mas talvez alguma coisa assim, como este aqui. (*Tira do armário um maiô lilás. Orquídea sai do quarto abanando a cabeça, deixando Isaura sem entender.*)

(*Black out.*)

## CENA 11

(*Jardim do Retiro – Isaura lê "Manchete" com a gaiola do Clark Gable ao lado. Orquídea chega correndo de training e senta-se ofegante ao lado de Isaura.*)

**ORQUÍDEA** (*olhando o relógio*): Estou com um tempo ótimo. Dei a volta toda com trinta segundos menos.

**ISAURA:** Pra que tanta pressa? Nós não temos mesmo pra onde ir.

**ORQUÍDEA:** Dizem, lá na ala masculina, que o Marcelo está hospitalizado.

Só depois de se recuperar é que virá pra cá.

**ISAURA** (*preocupada*): É grave?

**ORQUÍDEA**: Parece que não. Foi apenas um resfriado forte.

(*Agostinho se aproxima seguido de um jovem rapaz.*)

**AGOSTINHO**: Muito bons dias. Este aqui é o Xavier, o representante da Mega Filmes que mandou fazer as fotos no outro dia.

**ISAURA**: Ah, como vai? Meu nome é Isaura Mattos, com dois tes. É por causa da numerologia, sabe?

**XAVIER**: Eu vou dirigir o comercial e queria conversar um pouco com as senhoras.

**ORQUÍDEA**: Não me presto a esses papéis, com licença.

(*Vai saindo.*)

**AGOSTINHO** (*indo atrás dela*): Não entendi por que não quis fazer as fotos, Orquídea.

**ORQUÍDEA**: É muito difícil de explicar, Agostinho. Pra dizer a verdade nem eu entendo muito.

(*Ela sai e ele fica ali, parado, olhando sem entender.*)

**ISAURA** (*para Xavier*): Ela sempre competiu comigo, mas eu nunca liguei.

**AGOSTINHO** (*voltando*): Não entendo a Orquídea. Eu queria tanto mostrar ela lá em casa, pela televisão.

**XAVIER**: Bem, selecionamos algumas fotos e agora vamos fazer um teste. Mas não se preocupe. A gente vai trazer o equipamento e fazer o teste aqui mesmo.

**ISAURA**: Com tantos anos de carreira ainda termos que fazer teste. Ai que profissão mais ingrata.

**XAVIER**: A senhora fotografa muito

bem. Já fez comerciais?

**AGOSTINHO**: Que é isso, Xavier? São todas artistas de muita categoria.

**XAVIER**: É um comercial para o coador Mellita. Tudo muito natural. Na televisão não é como no teatro.

**ISAURA**: E você pensa que eu não sei?

**XAVIER**: É como se estivesse conversando com uma amiga...

**ISAURA**: Eu já fiz televisão. No tempo que era ao vivo, meu rapaz. Sei muito bem como se lida com aquela linguagem.

**XAVIER**: Desculpe, eu não quis ofender.

**ISAURA**: Claro que não. Você é muito jovem. Sabe, eu não dei o primeiro beijo da televisão brasileira, mas dei o segundo, o terceiro, o quarto... Todos os outros. Eu sempre fui protagonista.

**XAVIER**: Eu sei, eu sei. Me lembro da senhora. Eu a vi uma vez, no Teatro da Juventude.

**ISAURA**: Você viu? Olha, você não quer vir até meu quarto? Eu lhe mostro todos os meus álbuns de recortes. Tenho tanta foto daquele tempo.

**XAVIER**: A senhora vai me desculpar, mas estou sem tempo. Outra hora, talvez. Bem, eu avisarei o dia do teste. Por enquanto a senhora só tem que ir decorando o texto.

(*Dá um papel a Isaura.*)

**ISAURA**: Tudo isso?

**XAVIER**: Alguma dificuldade?

**ISAURA**: Não... Não... É que... Nós estamos preparando um espetáculo para o dia do aniversário do retiro e já estamos acumulados de trabalho. Sabe, eu vou fazer a protagonista do espetáculo, uma jovem que...

**XAVIER**: Desculpe, dona Isaura. Eu ainda tenho que falar com as



outras. Conversamos mais no dia do teste, está bem? Com licença. Vamos Agostinho?

*(Ele vai saindo na frente.)*

**ISAURA:** Agostinho, eu estava pensando... Agora que vou voltar à televisão não posso mais ficar enfiada aqui dentro. Você não gostaria de levar Orquídea e eu ao teatro, dia desses? Ela ia adorar!

**AGOSTINHO:** Com o maior prazer. Se a direção deixar.

**ISAURA:** Eles não se opõem. Afinal vou estar nas telas de TV do Brasil inteiro. Eles não terão coragem de me negar mais nada. Deixa comigo.

**XAVIER** *(aparece do outro lado):* Vamos lá, Agostinho. Ainda tenho que falar com Mimi Francine, Gilda de Alencar, e mais quatro ou cinco.

**AGOSTINHO** *(para Isaura):* Depois combinamos, dona Isaura.

*(Sai atrás de Xavier.)*

**ISAURA** *(para Clark Gable):* Mimi Francine, Gilda de Alencar... imagine! Nunca fizeram um papel de destaque. O comercial é meu, tenho certeza! Você vai me ver na televisão, meu querido. Vou ser uma estrela! Uma estrela!

## CENA 12

*(Quarto de dormir – ambas se preparam para dormir.)*

**ORQUÍDEA** *(desconfiada):* Que negócio é esse de pedir para o Agostinho nos levar ao teatro? Você agora resolveu me jogar pra cima dele? A troco de quê?

**ISAURA** *(cobrindo a gaiola de Clark*

*Gable):* Boa noite, querido, tenha bons sonhos. *(Vira-se para Orquídea.)* Estreou um novo espetáculo na cidade.

**ORQUÍDEA:** Ué? E você vai sair da gaiola? Que bicho te mordeu?

**ISAURA:** A crítica diz que é maravilhoso. Acabei de ler.

**ORQUÍDEA:** Se você acabou de ler deve ser "My fair lady".

**ISAURA:** Não senhora. Estou lendo a "Manchete" desta semana. Não leio mais as revistas atrasadas.

**ORQUÍDEA** *(olha de soslaio para outra):* Bem, então podemos jogar fora toda essa velharia, arrumar um pouco este quarto?

**ISAURA:** Não senhora. Eu guardei isto a vida toda. São minhas. Fazem parte da minha vida. Tem muita coisa importante aí.

**ORQUÍDEA:** Só servem para juntar barata, atravancar o quarto... Você tem umas manias!

**ISAURA:** Por isso que eu digo, viu. É difícil viver com os outros. A gente tem que agüentar cada coisa. Não preciso mais agüentar isso.

**ORQUÍDEA:** Fazer um teste não quer dizer que você vá pegar o comercial...

**ISAURA:** E você duvida? Você está agourando, é isso? É porque não foi escolhida, é por isso que está vindo com esse papo? Eu vou fazer esse comercial e muitos outros, fique você sabendo. Nunca pensei que você pudesse ter inveja de mim. Pensei que fosse minha amiga, que torcesse por mim... Agora fica aí, magoada porque fui escolhida e você não...

**ORQUÍDEA:** Eu não fiz as fotos porque não quis.

**ISAURA:** Eu vou me mudar daqui, se Deus quiser. Vou viver sozinha sim, com o Clark Gable, e vou ser muito feliz. Não vou ficar aqui assistindo... Assistindo sua exibição pública... Agora já quer até criar os tais quartos conjugados. O Marcello sabe que você agora só dorme de luz acesa? Sabe?

**ORQUÍDEA:** Você enlouqueceu?

**ISAURA:** Nunca mais fale uma coisa dessas. Nunca mais me chame de louca. Não sou louca, está ouvindo. Não sou louca.

**ORQUÍDEA:** Que diabo deu em você, meu Deus?

**ISAURA:** Eu estou cheia de você, cheia deste lugar, cheia de ter que dormir de máscara por causa da luz, cheia de tudo. Não quero mais conversa, boa noite. *(Isaura deita-se, coloca a máscara de dormir por causa da luz acesa e vira para o canto, enfuzada.)*

*(Black out.)*

### CENA 13

*(Refeitório - o lugar está arrumado para fazer o teste. Isaura tenta decorar o texto. Ela está vestida com suas roupas inadequadas, querendo parecer mais jovem.)*

**ISAURA** *(tentando decorar, faz gestos e poses como se estivesse diante de uma câmera de TV):* "Hoje em dia a vida moderna não nos permite mais tomar aquele cafezinho coado em coador de pano... *(Pensando.)* Coador de pano... Coador de pano..." *(Para si.)* E daí? Como é mesmo? *(Olha o texto.)* "Mas ainda bem que

existe Mellita!" *(Esconde o texto.)* "Ainda bem que existe Mellita!" *(Olha o texto outra vez.)* "A gente usa uma vez e joga fora. E o sabor, ah, o sabor!" Meu Deus, que texto enorme. Não vou conseguir nunca.

**XAVIER** *(entrando):* Como é, está pronta?

**ISAURA:** Quase. Só falta a última frase. *(Lê)* "Essa dona Mellita é muito sabida! Mas será que ela conhece minha receita de sequilhos? Pra acompanhar um cafezinho!" *(Larga o texto e repete.)* "Pra acompanhar um cafezinho!"

**XAVIER:** Então, vamos lá?

**ISAURA:** Calma rapaz. Deixa eu passar outra vez. Ainda não estou nada segura.

**XAVIER:** É que não temos o dia inteiro.

**ISAURA:** Xavier, posso chamá-lo assim, não é? Afinal vamos ser colegas de trabalho.

**XAVIER:** E então, dona Isaura? Podemos começar? Ainda tenho mais cinco para testar.

**ISAURA:** Sabe, eu não tive muito tempo para decorar o texto. Tive uma discussão com Orquídea que me deixou muito nervosa, não conseguia me concentrar.

**XAVIER** *(olhando pelo visor da câmera):* Essa sua roupa não está muito adequada.

**ISAURA:** Você também está querendo dizer que não sei me vestir adequadamente? O que você esperava?

**XAVIER:** A personagem é uma vovozinha simpática, dessas que fazem sequilhos...

**ISAURA** *(decepcionada):* Aqui, não

diz... Pensei que fosse uma dona de casa.

**XAVIER:** A idéia é de que até as pessoas mais antigas e tradicionais aderiram ao coador Mellita. Por isso escolhemos uma velhinha...

**ISAURA** (*furiosa*): Velhinha!

**XAVIER:** Vamos precisar roupas mais adequadas para a sua idade.

**ISAURA** (*possessa*): Adequadas para minha idade? Com quem você pensa ...

**XAVIER:** A senhora não teria um chalinho de crochê, um camafeu, alguma coisa assim?

**ISAURA** (*explode, sapateia, esbraveja*): Com quem você pensa que está falando, hein? Escuta aqui, rapazinho. Eu estudei interpretação e estilo com Esther Leão. Estudei balé com Yanka Rudska.

**XAVIER:** Não estou pondo em dúvida o seu talento, minha senhora...

**ISAURA:** Fui muito elogiada pelo Prof. Décio de Almeida Prado, um dos maiores críticos de teatro que este país já conheceu. Fui convidada pelo Dr. Alfredo Mesquita para dar aulas na Escola dele em cima do TBC.

**XAVIER:** Isso não interessa agora, minha senhora...

**ISAURA:** Como não interessa, como não interessa? O que interessa então? Como pode você dirigir atrizes como eu, se não sabe quem somos?

**XAVIER:** Eu não lhe faltei com o respeito, minha senhora...

**ISAURA:** Você pensam que somos velhas, só porque estamos aqui, neste lugar. Saiba que vim pra cá

só pra fugir da solidão, só isso. Não vou me prestar a papéis de "velhinha" para um comercial seja lá do que for. Você conhece Yvone Ferraz?

**XAVIER:** Claro que conheço. Ela é um fenômeno. Apesar de cinqüentona ainda está muito enxuta.

**ISAURA:** Pois saiba que ela é pouco mais nova do que eu.

**XAVIER** (*espantado*): É... Pode ser. Eu não estou discutindo idade...

**ISAURA:** Mas eu estou. A Yvone posou nua para a revista Playboy, dia desses, e você vem me chamar de velhinha?! Você não sabe respeitar as pessoas, não? Essa meninada pensa que pode tudo, só porque é jovem e moderna? Pois saiba que a juventude passa muito depressa, rapaz, muito depressa.

**XAVIER:** Desculpe, eu não posso perder tempo. Falamos antes a respeito e senhora concordou. Nós lhe fizemos uma proposta, oferecemos um cachê digno...

**ISAURA:** E o que sabe você de dignidade, seu borra botas? Hein? O quê? Eu já fiz papel de prostituta, catadora de papel, ladra... Tudo o que você possa imaginar, mas nunca perdi a minha dignidade. Nunca coloquei isto aqui (*Indica o sexo.*) a serviço da minha arte! Participei das maiores superproduções deste país, quando havia superproduções. Antes que a televisão acabasse com tudo. Antes que tudo virasse um pastiche, tentando imitar a novela. E você, rapazinho, vem

aqui me chamar de velhinha e ainda quer que eu use um chalinho e um camafeu? Fora daqui! Fora daqui!

**XAVIER:** Eu não fiz nada. A senhora enlouqueceu.

**ISAURA:** Nunca mais fale uma coisa dessas. Isso não fica assim! Vou fazer muitos comerciais! Muitos! Com o dinheiro vou a Hollywood! Quero conhecer pessoalmente Clark Gable, Ingrid Bergmann...

**XAVIER:** Mas eles já morreram...

**ISAURA:** Um artista nunca morre!  
Nunca morre! *(Isaura vai saindo desvairada. Xavier fica ali, perplexo, sem saber o que fazer.)*  
*(Black out)*

#### CENA 14

*(Jardim do retiro – Orquídea e Agostinho conversam. Ela está muito preocupada.)*

**ORQUÍDEA:** Ela não fala comigo. Anda estranha.

**AGOSTINHO:** Acho que deve estar preocupada com o teste. Ela deve estar lá agora.

**ORQUÍDEA:** Ela não consegue mais decorar nada. Bateu aquele texto dia e noite e não decorou. É difícil. A Isaura não aceita a realidade. Se não for aprovada...

**AGOSTINHO:** Vai ficar tudo bem, você vai ver. Não se preocupe.

**ORQUÍDEA:** Se pelo menos o Marcello estivesse aqui. Você não sabe quando ele vai chegar?

**AGOSTINHO:** O que vem para o quarto nove? Vocês conhecem ele?

**ORQUÍDEA** *(enigmática)*: Muito. Eu o conheço muito.

**AGOSTINHO:** Ouvi conversas de que ele está hospitalizado. Devo ir buscá-lo por esses dias.

**ORQUÍDEA:** Ele pode trazer uma nova luz para isto aqui.

**AGOSTINHO:** Você não gosta daqui, não é?

**ORQUÍDEA:** Gosto sim. Gosto muito. O problema não é estar aqui e sim por que se está aqui. Este lugar significa o que se perdeu. Significa o que não se é mais. Às vezes pode ser muito doloroso.

**AGOSTINHO:** Não pra você, candidata à Presidência do Conselho do Retiro, disposta a lutar sempre. Assim é que é. Lutar sempre. Você tem um futuro muito bonito, Orquídea. Não deve ficar olhando o que perdeu, mas o que tem a ganhar.

**ORQUÍDEA:** O que ficou é sempre melhor do que o que está por vir

**AGOSTINHO:** O que você quer dizer com isso?

**ORQUÍDEA:** Que grandes coisas eu ainda posso esperar?

**AGOSTINHO:** Amor.

**ORQUÍDEA:** Deixa de brincadeira, Agostinho.

**AGOSTINHO:** Eu estou apaixonado por você, Orquídea.

**ORQUÍDEA:** Pára com isso, Agostinho. Você está apenas sendo gentil.

**AGOSTINHO:** Eu sei que não posso oferecer muito, porque sou casado, mas... Eu também acho que na nossa idade, isso não importa muito. A gente não pensa mesmo em se casar, não é?

**ORQUÍDEA:** Aí é que você se engana, Agostinho. Justamente por ser

casado é que você não pode me dar o que eu quero.

**AGOSTINHO:** Você é uma mulher livre. Não acredito que tenha esse tipo de problema.

**ORQUÍDEA:** Eu agora valorizo a parceria, o companheirismo. É disso que sinto falta. Um homem que fique segurando a minha mão, que me conte histórias, que me dê um simples beijo de boa noite. Sexo, já não é tão importante.

**AGOSTINHO:** Eu quero ser esse companheiro

**ORQUÍDEA** (*sorri*): Não. Você deve ser companheiro da sua mulher.

**AGOSTINHO:** É por causa desse tal Marcello, não é?

**ORQUÍDEA** (*sorri outra vez*): É... Pode ser. Talvez seja por causa desse tal Marcello.

**AGOSTINHO:** O passado não volta. Ele só existe na lembrança da gente.

**XAVIER** (*aproximando-se*): Agostinho, aquela dona Isaura Mattos é completamente louca. Me deu um baile!

**ORQUÍDEA:** O que aconteceu?

**XAVIER:** Eu não sei. Disse que não vai fazer papel de velha, e me espinafrou. Ela saiu furiosa. Fiquei preocupado, sabe como é. Nessa idade... Se acontecer alguma coisa com ela, vão dizer que eu fui culpado.

**ORQUÍDEA** (*preparando-se para sair*): E pode ter certeza que foi mesmo. Eu vou ver o que aconteceu.

**AGOSTINHO:** Não é melhor deixá-la sozinha?

**ORQUÍDEA:** Não posso. Ela é a minha família. (*Orquídea sai. Os dois se*

*olham.*)  
(*Black out.*)

## CENA 15

(*Quarto de dormir – Isaura está rodeada de fotos, envelopes, papéis de carta, lista de endereços etc. Ela arranca algumas de suas fotos antigas da parede.*)

**ISAURA:** Eles vão ver. Eles vão ver.

**ORQUÍDEA** (*entrando*): O que aconteceu?

**ISAURA:** Não é da sua conta. Você é como eles. Também acha que não sei me vestir, e não sei o quê. Mas agora vocês vão ver quem é a grande Isaura Mattos!

**ORQUÍDEA** (*vendo o material espalhado*): O que você vai fazer com isso, Isaura? (*Pega a lista com os nomes das produtoras.*) Fama – agência de modelos, J.R. Produções, Zanza, agência de modelos... Onde você conseguiu isto?

**ISAURA** (*tirando da mão dela*): Não é da sua conta.

**ORQUÍDEA:** Você está... Você está mandando fotos para as agências de modelos?

**ISAURA:** Estou oferecendo meu talento. O que tem demais nisso? A Bete Davis, certa vez, não colocou anúncio num jornal procurando emprego?

**ORQUÍDEA:** Mas você vai mandar essas fotos de mil novecentos e nada? Isaura, o que deu em você? (*Pega uma das fotos.*) Olha isso aqui! Você, de domadora de leões.

**ISAURA:** “A filha do diretor do circo” é uma grande peça, fique a

senhora sabendo.

**ORQUÍDEA:** Tudo bem, mas hoje você não tem nada a ver com esta que está aqui. Aqui está uma jovem, bonita, cabelos longos, pretos...

**ISAURA** (*arrancando a foto da mão dela*): Não pedi sua opinião, nem lhe dei autorização para mexer nas minhas coisas. Se você insistir vou ter que pedir à direção que me troque de quarto. Vou ficar com a Mirna que está entrevada numa cama, não vai se meter na minha vida.

**ORQUÍDEA:** Isaura, escute. Você foi uma ótima atriz. Estas fotos provam isso. Mas...

**ISAURA** (*mais cordial*): Olha esta foto, de quando fiz "Casa de Bonecas", na Tupi. Esse teleteatro foi bárbaro! Não era que nem agora, essas novelinhas água com açúcar, não. A gente fazia coisas sérias, pra valer... E ao vivo! Ao vivo.

**ORQUÍDEA:** É verdade. Mas agora, Isaura, o tempo passou. Não somos mais assim. Essas fotos não servem mais. Ficaram no passado.

**ISAURA:** Atriz não tem passado, nem presente, nem futuro. Só a eternidade.

**ORQUÍDEA:** Vão rir de você.

**ISAURA:** Uma atriz pode aparentar a idade que quiser. Somos como os anjos: sem idade, sem sexo, sem pecado – só a arte!

**ORQUÍDEA:** Você vai fazer papel ridículo.

**ISAURA:** Você vive dizendo isso. Ridículo, ridículo. E quem tem medo do ridículo? Você tem

medo do ridículo, Clark Gable?

**ORQUÍDEA** (*vem colocar-se à frente da outra, segurando-lhe as mãos*): Isaura, eu também sei o quanto envelhecer é doído. O quanto é difícil aceitar a nova realidade. Um belo dia você olha no espelho e está ali uma mulher que você nunca tinha visto antes. Uma estranha... Uma senhora estranha... Que não é sua mãe, que não é sua avó... Uma estranha. Porém, uma estranha que você conhece muito bem. Tão parecida com você, mas que não tem nada a ver com a sua outra imagem... Aquela que você faz de si mesma. Esta, tem rugas, pele flácida...

**ISAURA** (*solta-se e vai até a gaiola*): Manda ela calar a boca, Clark Gable, manda.

**ORQUÍDEA** (*já fala para si mesma*): As mãos... As mãos, são trêmulas, enrigilhadas, manchadas, o cabelo ficou ralo e fino, os pêlos da sobrancelha endureceram rebeldes... O tempo não nos dá a menor chance, Isaura. Ele é implacável.

**ISAURA** (*que tapou os ouvidos durante a fala da outra*): Pare! Eu não quero ouvir. Eu não quero ouvir mais isso! (*Grita.*) Eu não tenho que ouvir isso!

**ORQUÍDEA** (*também aos gritos, tenta tirar as mãos de Isaura de seus ouvidos*): Tem sim. Você tem que parar com essa mania de não encarar a realidade. A gente tem que se acostumar com a idéia de que envelheceu e tirar disso o melhor partido. Envelhecer não é o fim do mundo.

**ISAURA** (*gritando*): Eu ainda sou jovem. Muito jovem. Eu me sinto assim.

**ORQUÍDEA**: O lado de dentro nunca acompanha o lado de fora. Essa é a grande dor de envelhecer.

**ISAURA**: Uma atriz nunca envelhece. (*Vai ao espelho.*) Margueritte Gauthier, Blanche Dubois, Heloísa... Elas não envelhecem e eu sou todas elas... Jovens, frágeis...

**ORQUÍDEA**: Elas são personagens.

**ISAURA**: E eu o que sou? (*Prostrada diante do espelho.*) O que eu sou?

**ORQUÍDEA**: Você está misturando tudo. Acho que vou chamar o médico.

**ISAURA** (*quase delirando*): Eu li todas as minhas "Manchetes". O Marcello vai chegar, não vai? Isso é realidade ou é sonho?

**ORQUÍDEA**: Você regulava melhor quando lia notícia velha, viu?

**ISAURA**: Está vendo, Clark? Ela está sempre procurando um meio de me agredir. Viu? Viu? Ela sempre me invejou, sempre competiu comigo. Sempre, sempre.

**ORQUÍDEA**: Pára de falar com esse coitado.

**ISAURA**: Coitado, não. Ele é meu único e verdadeiro companheiro.

**ORQUÍDEA**: Então abre a porta dessa gaiola. Será que ele vai continuar aí? (*Pausa. Isaura fulmina Orquídea com o olhar.*) Até quando você vai conversar com um canário pra não ouvir o que não te interessa? E quando esse canário morrer?

**ISAURA**: Cala a boca, Arauto do Apocalipse! Está sempre falando,

falando. Não quero mais ouvir uma palavra. A vida inteira me chamando de ridícula, de velha. Chega! Nunca mais me dirija a palavra. Nunca!

**ORQUÍDEA**: Você precisa de um médico. Você não percebeu que o tempo passou. Você se recusa a ver as marcas que ele deixou mas elas estão aqui.

**ISAURA**: Eu sou o anjo da eternidade. Em mim, o tempo não passa! (*Black out*)

## CENA 16

(*Jardim do retiro - Orquídea e Agostinho conversam.*)

**AGOSTINHO**: Ela está melhor?

**ORQUÍDEA**: O médico disse que foi um surto, mas que ela nunca mais vai ser a mesma. Vai ter um dia bem, outro ruim.

**AGOSTINHO**: Por que você não pede pra trocar de quarto? Deve ser duro viver com uma pessoa assim.

**ORQUÍDEA**: Você está louco? Ela é tudo o que eu tenho. Jamais deixarei Isaura sozinha numa hora dessas. É agora que ela mais precisa de mim.

**AGOSTINHO**: Mas se ela te agredir?

**ORQUÍDEA**: Não tem perigo. Ela vai ficar boa, tenho certeza. Quando começarem os ensaios da peça ela melhora. Ela está sentindo falta do palco, dos refletores... Ali as angústias desaparecem.

**AGOSTINHO**: Orquídea, eu preciso te dizer...

(*Ele se interrompe bruscamente.*)

**ORQUÍDEA**: Por que parou de falar? Diga... O que é?

**AGOSTINHO:** Não, acho que hoje não é hora, você está tão preocupada com dona Izaura...

**ORQUÍDEA:** Estou mesmo. Se você vem com aquela conversa romântica outra vez...

**AGOSTINHO:** Não, eu queria falar sobre sua candidatura.

**ORQUÍDEA:** Entrei com a papelada, estou aguardando a resposta. Você acha que ela vai enlouquecer de vez? Eu não quero que ela sofra.

**AGOSTINHO:** Orquídea, você não pode se candidatar. Tem mais de sessenta anos. Você é inelegível.

**ORQUÍDEA:** Eles disseram isso?  
(*Black out.*)

## CENA 17

(*Quarto de dormir – Isaura com uma toalha enrolada nos cabelos, passa creme no rosto, que está ficando inteiramente branco. Orquídea está escrevendo.*)

**ISAURA** (*canta*): “O pé de anjo, pé de anjo. És tentador, és tentador. Tens o pé tão grande, pé tão grande, que és capaz de pisar no imperador”.

**ORQUÍDEA:** Assim, fica difícil me concentrar.

(*Isaura, rodeando Orquídea pra ver o que ela escreve não responde à agressão*)

**ORQUÍDEA** (*virando pra baixo o que está escrevendo*): Clark, diz pra sua amiga que pare de ser enxerida, por favor. O teor de meu documento não é de interesse de ninguém por enquanto.

**ISAURA:** Se ela não quer que eu leia, que vá escrever noutro lugar, não é Clark?

**ORQUÍDEA** (*ainda para o canário*): O que adianta ela ler? Não vai entender nada mesmo.

**ISAURA:** Clark, diz pra Rosa de Luxemburgo, que se for manifesto, desista. Ninguém vai assinar mais nada. Desmunhecamos de tanto assinar manifestos e nunca resolveu nada.

**ORQUÍDEA:** Diz pra ela, que se os manifestos revolucionários dependessem de gente como ela, a humanidade estaria ainda na mais completa submissão.

**ISAURA:** Não sei que mundo ela pretende mudar.

**ORQUÍDEA:** O que eu vivo, não o que eu sonho.

**ISAURA:** Albee já dizia : “Não se pode mudar as listras de uma zebra.”

**ORQUÍDEA** (*muda o tom*): Não aceitaram a minha candidatura à Presidência do Conselho do Retiro. Disseram que eu sou inelegível por ter mais de sessenta anos.

**ISAURA** (*esquece que estava de mal*): Canalhas!

**ORQUÍDEA:** Eles consideram incapaz quem tem mais de sessenta anos! Se eu não entendo disto aqui, quem entende? Me diz, quem?

**ISAURA:** Isso é uma afronta! Os jovens é que não sabem de nada.

**ORQUÍDEA:** Eles não consideram a maturidade, a experiência, nada. Quem melhor do que eu pra saber da solidão que se entrincheirou por estes quartos? Pra saber que o espelho virou o



único espectador de nossas representações, escondidas, solitárias, escusas?

*(Marcello, abre a porta do quarto e fica ouvindo, atento. É um homem muito acabado portando óculos que escondem um aparelho de surdez. Nenhuma das duas o vê.)*

**ORQUÍDEA** *(continua)*: Eles não querem saber de nós. Apenas nos jogam aqui para que possamos morrer em silêncio. Mas eu não vou deixar isso assim. Eu vou à luta. Vou impetrar um mandado de segurança, vou fazer um abaixo-assinado. Vou pegar assinaturas de toda a classe teatral.

**MARCELLO** *(relembrando)*: Guerrilheira da Ribalta!

**ORQUÍDEA** *(percebendo-o)*: Deseja alguma coisa?

**MARCELLO**: Por um momento pensei que... Desculpe, não consigo achar o meu quarto.

**ORQUÍDEA**: A ala masculina é do outro lado.

**MARCELLO**: Obrigado. *(Sai.)*  
*(Orquídea fica parada, olhando a porta por onde ele saiu, pensativa.)*

**ISAURA**: Coitado... Está completamente perdido

**ORQUÍDEA** *(intrigada)*: Ele não te pareceu...

**MARCELLO** *(voltando)*: Desculpem mais uma vez. Eu não consigo achar a saída.

**ISAURA**: Aqui só tem entrada.

**ORQUÍDEA** *(suspeitando de quem é)*: Qual é o número de seu quarto?

**MARCELLO**: Nove.

**ORQUÍDEA** *(perplexa)*: Marcello?

**MARCELLO**: A senhora me conhece?

**ISAURA** *(aproximando-se)*: Marcello

Buonaventura! Você é sonho ou realidade?

**ORQUÍDEA** *(decepcionada)*: Você não me reconhece?

**MARCELLO**: Orquídea! Então você é mesmo a Guerrilheira da Ribalta? Quando a vi fazendo aquele discurso pensei que fosse, mas... Não, ninguém pode ser fiel a seus princípios por tantos anos. Você ainda acredita, Orquídea?

**ORQUÍDEA**: Se a gente perde a fé, pra que serve continuar vivendo?

**ISAURA**: Você não lembra de mim, Marcello?

**MARCELLO** *(ele a olha fixamente)*: Meu Deus, não é possível! *(Passa a mão na testa, transtornado.)* Desculpem, posso me sentar? *(Senta-se e passa um lenço pelo rosto.)* Estou saindo de um hospital, não tenho passado muito bem. Acho que é fraqueza. Eu tive pneumonia.

**ISAURA**: Sou eu, Marcello, Isaura. Isaura Mattos, não vai me dizer que se esqueceu de mim.

**MARCELLO**: Isaura! A suave e delicada Isaura. Não, não... Ela tinha a pele mais delicada que já vi... Não... Não... Não pode ser você...

**ISAURA**: Você não me reconheceu mesmo, Marcello? Eu não mudei nada.

**MARCELLO** *(fixa o olhar)*: Você... *(Vendo o rosto dela todo branco de creme.)* O que aconteceu, Isaura...? *(Aperta os olhos para ver melhor e levanta-se assustado para ir embora dali.)* Será que estou delirando? A febre deve ter voltado. Meu Deus, minhas senhoras, tirem-me daqui, por

favor. Chamem um médico.

**ORQUÍDEA:** Isaura, vai limpar esse rosto, criatura. Não vê que ele está te confundindo com um fantasma?

**ISAURA:** É só um creme. *(Vai limpar o rosto na frente do espelho.)*  
Desculpe, Marcello.

**ORQUÍDEA:** Você parece tão fraco? Não acha melhor ir descansar um pouco!

**ISAURA:** Não é necessário. Eu vou lhe fazer um chá e ele ficará bom em poucos minutos. A chegada aqui é dolorosa mesmo. A gente fica muito confusa. Depois...

*(Isaura afasta-se para fazer o chá na minúscula quitenete, ficando apenas as suas costas visíveis ao público.)*

**ORQUÍDEA:** Marcello, temos tanto para conversar!

**MARCELLO:** Orquídea, não me cobre nada. A vida é assim mesmo, hoje a gente ama, amanhã não ama mais...

**ORQUÍDEA:** Por que você mentiu pra mim?

**MARCELLO:** O que é a mentira e o que é a verdade? Eu menti pra você, ou menti pra mim mesmo? Eu já não sei. Você me confunde, Orquídea.

**ORQUÍDEA:** Por que você nunca me disse que se chamava Marcolino? Por que você fingia ser um italiano?

**MARCELLO:** Bonini, Celli, Ratto, D'Aversa. Você teria me amado se eu fosse Marcolino?

**ORQUÍDEA:** Você me amou Marcello? Você me amou de verdade?

**ISAURA** *(voltando com o chá, interrompe de propósito):* Toma, vai te fazer bem.

**MARCELLO:** Acho que nunca vou me acostumar nesta gaiola.

**ISAURA:** Vai sim. Nós vamos te ajudar, não vamos, Orquídea?

**ORQUÍDEA** *(reflexiva):* Eu não sei.

**MARCELLO** *(olhando as duas juntas):*  
Orquídea, Isaura... É como se minha vida desfilasse diante de meus olhos. Como diante da morte.

**ISAURA:** Quando eu vim pra cá, também pensei que ia morrer. A vida não tinha mais valor pra mim. Sabe, Marcello, as luzes aqui são muito fracas. A gente tem que apertar os olhos até acostumar.

**MARCELLO:** Será que não é melhor fechá-los de uma vez?

**ISAURA:** Agora eu tenho o Clark Gable.

**MARCELLO:** Clark Gable também está aqui?

**ISAURA:** É o meu canário.  
Companheiro de todas as horas.

**MARCELLO:** Você sempre quis engaiolar um companheiro, não é Isaura? Companheiro não se prende, se conquista. Solto, livre, com as portas abertas para ir e vir.

**ISAURA** *(muda de assunto):* Eu não sabia que você se chamava Marcolino.

**MARCELLO:** Chamava? Ah, a memória se perde no tempo. Só ficam as lembranças e essas não valem grande coisa.

**ISAURA:** E a eternidade, Marcello? Você sempre falava da nossa eternidade.

**MARCELLO:** Só quando se é jovem se é eterno.

**ORQUÍDEA:** Perdemos a juventude

mas ganhamos experiência.

**MARCELLO:** E fazemos o que com ela?

**ORQUÍDEA** (*olhando-o nos olhos*):

Engraçado, seus olhos não eram azuis, Marcello? Parecem estranhos.

**ISAURA** (*jovial*): Nós vamos fazer um espetáculo. Queremos que você dirija.

**MARCELLO:** Já quase não enxergo. Escuto mal.

**ORQUÍDEA** (*pesarosa*): Ele precisa descansar. É melhor acompanhá-lo ao seu quarto.

**ISAURA:** Ele pode descansar aqui mesmo. Venha, Marcello, recline-se aqui na minha cama. Foi a emoção da chegada, logo estará bem.

**MARCELLO** (*deixando-se conduzir*): Dirigir um espetáculo? Ha! ficou lá atrás.

*(Isaura ajeita Marcello, que fecha os olhos como se dormisse.)*

**ISAURA:** Ele vai acordar melhor, você vai ver. Ah, Marcello, Marcello!

**ORQUÍDEA:** O olhar dele, Isaura... Está opaco, estranho. Ele não nos viu. É como se... Eu olhava Marcello e só via Marcolino...

**ISAURA:** "Se outro nome tivesse a rosa ao invés de rosa, deixaria de ser por isso perfumosa?"

**ORQUÍDEA:** Pára de dizer o texto de Romeu e Julieta. Você não entendeu Isaura.

**ISAURA:** Eu nunca entendo nada. Pra você eu sou sempre uma idiota.

**ORQUÍDEA:** Esquece, Isaura. Não quero discutir.

**ISAURA** (*muda o tom*): E o espetáculo, Orquídea? Temos que pensar no espetáculo.

**ORQUÍDEA** (*desiludida*): Acho melhor

fazer o mesmo do ano passado.

**ISAURA:** Foi o que eu sempre disse.

*(Isaura senta-se ao lado da cama, velando o descanso de Marcello.*

*Orquídea vai para o espelho e começa a se pentear, lentamente, como se buscasse no espelho uma imagem que não mais consegue ver)*

**ORQUÍDEA:** Só existia na minha lembrança, só na minha lembrança. É mesmo impossível agarrar o passado. O Agostinho tem razão.

**ISAURA:** Não existe passado, nem presente, nem futuro - só a eternidade.

**ORQUÍDEA:** E eu que pensei que pudéssemos... Que ainda tivéssemos chance...

**ISAURA:** Ele não quer saber de você, Orquídea, percebeu? Pode desistir...

**ORQUÍDEA:** Eu só queria uma companhia para envelhecer...

**ISAURA** (*levantando-se e indo à gaiola do pássaro*): Companhia se conquista, não se prende. *(Abre a gaiola e pega Clark Gable levando-o até a janela.)* Marcello tem razão. Adeus meu amigo. *(Abre as mãos mas ele fica ali, parado.)* Por que ele não quer voar?

**ORQUÍDEA:** Ele também não tem mais para onde ir. *(Sai.)*  
*(Black out)*

## CENA 18

*(Jardim – Orquídea e Agostinho conversam no banco de jardim.)*

**AGOSTINHO:** Disseram que era pra eu ir buscar ele, mas... Ele acabou vindo sozinho. Não entendi.

**ORQUÍDEA:** Meu Deus! Eu olho pra ele e não encontro ele, Agostinho. Que esquisito!

**AGOSTINHO:** Você sempre foi uma mulher tão pra frente. Não entendo por que, de repente, fica com essa história...

**ORQUÍDEA:** Ele foi meu amor maior. O homem da minha vida.

**AGOSTINHO:** Mas já passou. De que adianta esse amor, agora?

**ORQUÍDEA:** Acho que eu queria que tudo fosse como era antes.

**AGOSTINHO:** Pode ser melhor.  
*(Eles se olham longamente. Ele está apaixonado, ela confusa.)*

**ORQUÍDEA:** Vou entrar. Não quero que ele acorde e se veja sozinho com Isaura. Ele nunca gostou muito dela, sabe? Implicava muito.

**AGOSTINHO:** Quer sair comigo, hoje, pra jantar? Tem uma pizzaria ótima aqui perto.

**ORQUÍDEA** *(sorri):* Pizzaria? Não, obrigada. O Marcello me levava no Nick Bar. Era tão chic. *(Olha pra ele.)* Desculpe, não quis ofender. É que hoje é um dia muito especial. Esse reencontro mexeu muito comigo, você compreende, não é?

**AGOSTINHO:** Ainda vou ficar por aqui. Se mudar de idéia.

*(Black out.)*

## CENA 19

*(Quarto de dormir – Marcello continua dormindo ali, Isaura a seu lado.)*

**ISAURA** *(cantarola baixinho a música de Sancho Pança, do musical "O homem de la Mancha"):* "Sou Sancho eu sou e sigo meu amo até o fim. Seu manto sou seu

Sancho, eu sou seu campo e seu capim".

**ORQUÍDEA** *(voltando de fora):* Você ainda está aí, no mesmo lugar?

**ISAURA:** Você reparou que o Clark Gable também não foi embora? Fidelidade é isso... Como você poderia saber dessas coisas...

**ORQUÍDEA:** Mas que fidelidade é essa que você tem ao Marcello que...

**MARCELLO** *(acordando confuso):* Onde é mesmo que estou? *(Vê as duas.)* Orquídea e Isaura? Meu Deus! As duas juntas. Dizem que quando a gente morre é assim...

**ORQUÍDEA:** Não é nada disso. Nós moramos juntas, aqui.

**ISAURA** *(segura as mãos dele):* Marcello, Marcello, eu vou cuidar de você.

**MARCELLO** *(passando a mão pelo rosto dela):* Minha pombinha! Meu único segredo! Você me amou tanto! E eu escondi do mundo esse amor. Não fui justo com você.

**ORQUÍDEA:** Ele está delirando ou... *(Ela observa a expressão de Isaura.)* VOCÊ?

**ISAURA:** Desculpe, Orquídea.

**MARCELLO:** Orquídea, minha mentira mais verdadeira... Isaura, minha verdade mais mentirosa.

**ORQUÍDEA:** Você está querendo dizer... *(Pausa. Isaura desvia o olhar e Orquídea insiste.)* Isaura, você está me dizendo que era ele? Era Marcello?

**ISAURA:** Era Marcello o quê? Que interrogatório é esse? *(Vai pra janela onde o pássaro permanece, quieto.)* Você ouviu, Clark? Agora quer me submeter a um interrogatório. Eu não tenho

que dar satisfações a ninguém, tenho Clark?

**ORQUÍDEA** (*estupefacta*): Como eu fui idiota. Como eu não enxerguei nada?

**ISAURA**: Não sei do que você está falando...

**ORQUÍDEA**: Claro! Agora entendi tudo. A tentativa de suicídio quando Marcello foi pra Europa. Claro! Eu sou muito ingênua mesmo. Nas minhas barbas! (*Sacode a outra pelos ombros.*) Você foi amante dele nas minhas barbas! Diga? Foi? Responda, Isaura!

**ISAURA**: Clark Gable, você acha que...

**ORQUÍDEA**: Não adianta se fazer de louca ou falar com essa droga desse canário. Fala comigo, Isaura, comigo. A verdade, só a verdade.

**MARCELLO** (*acordando*): Parem de falar. Por que vocês falam tanto? Eu preciso descansar.

**ORQUÍDEA** (*gritando*): Marcello, você teve um caso com a Isaura? Responde! Teve?

**ISAURA**: Pra que falar disso agora?

**MARCELLO** (*tentando levantar-se com dificuldade*): Parem! Parem! Onde estão os meus óculos? Preciso deles para ir embora.

**ISAURA**: Não vá Marcello! Eu cuido de você. Fique.

**MARCELLO**: Orquídea, isso não tem mais sentido. De que serve essa cena agora? Ela era de outro ato. (Pausa) A peça já acabou.

**ORQUÍDEA** (*um tanto desnorteada, vendo o estado de Marcello*): Tem razão, Marcello. Pra que falar disso agora?

**ISAURA**: Aonde você vai?

**ORQUÍDEA** (*andando pelo quarto e pegando umas roupas*): Eu preciso sair daqui

**MARCELLO**: Eu também quero sair daqui. Quero ir pro meu quarto, preciso descansar.

**ISAURA**: Vai pra onde, Orquídea?

**ORQUÍDEA**: Eu vou me arrumar, está ficando tarde. Agostinho me convidou pra jantar. Acabo de aceitar o convite.

**ISAURA**: Orquídea, o Marcello foi o único homem que eu amei.

**ORQUÍDEA**: Eu também.

**ISAURA**: Você teve tantos casos... Eu só tive ele.

**ORQUÍDEA**: Ele viveu comigo. Foi o meu homem.

**ISAURA**: Sempre odiei você por isso

**ORQUÍDEA**: Agora estamos quites.

**ISAURA**: Você ainda tem o Agostinho. Eu nunca tive ninguém, só o Marcello. Ele é tudo o que eu tenho.

**ORQUÍDEA**: Então você não tem nada.

**ISAURA**: Acho que é muito tarde pra revanches. Por favor, Orquídea, não me queira mal.

**ORQUÍDEA**: É uma raiva muito grande. (*Anda pelo quarto.*) Eu preciso me acostumar com essa idéia. (*Para Isaura, seca.*) Com o tempo, vai passar.

**MARCELLO** (*já de pé*): Também estou de saída. Obrigado pela acolhida, vocês foram muito amáveis com um pobre velho.

**ORQUÍDEA**: Só uma pergunta, Marcello! Você me amou? Amou de verdade?

**MARCELLO**: Eu vivi para o amor.

**ORQUÍDEA**: A mim, Marcello, você amou mais do que às outras?

**MARCELLO**: Mais que a todas no

mundo. Fiquei muito triste quando o amor acabou. Mas acaba... Como tudo no mundo... Um dia acaba...

**ORQUÍDEA:** Obrigada, Marcello. Eu precisava ouvir isso. *(Joga um chale nas costas e sai.)* Amanhã conversamos melhor.

**MARCELLO:** Amanhã... Amanhã... Certas palavras perdem o sentido com o tempo... O amanhã parece que foi ontem...

**ISAURA:** Eu sempre pensei que... Você dizia que tinha me amado mais que todas...

**MARCELLO:** E amei. Mais que todas no mundo. Fiquei muito triste quando o amor acabou. Mas acaba... Como tudo no mundo... Um dia acaba...

**ISAURA:** Marcello, você falava isso pra todas!

**MARCELLO:** Desculpe, minha senhora. Às vezes tenho uns delírios. É a febre. A pneumonia dá muita febre. Parece que as mulheres que amei estão todas aqui, ao meu redor, me cobrando, me acusando... Confundo as pessoas com meus fantasmas... Tudo faz tanto tempo...

**ISAURA:** Nós temos a eternidade. Somos os anjos da eternidade. Em nós o tempo não passa...

**MARCELLO:** Eu preciso tomar minhas

pílulas. Com licença, vou para o meu quarto. Estou muito cansado. Houve um tempo em que eu não saía do quarto de uma mulher, mas hoje... Não tenho mais nada a fazer aqui. Com licença. Adeus.

*(Sai.)*

**ISAURA** *(na frente do espelho):*

"Adeus! Deus sabe quando nos veremos outra vez. Pelas veias me passeia um medo frio e lânguido que quase deixa o calor da vida inteiriçado. Vou chamá-los de novo para darem-me coragem..."

*(Ouve-se o canto do pássaro vindo do parapeito da janela.)*

**ISAURA:** Clark! Você se lembra de Romeu e Julieta? É o texto mais lindo que conheço... Venha Clark, venha...

*(Orquídea volta e fica olhando da porta.)*

**ORQUÍDEA** *(sem ser ouvida):* Você é a minha família, Isaura. Apesar de tudo, eu vou cuidar de você. *(Isaura o coloca outra vez na gaiola e fecha sua portinhola. Depois volta ao espelho e continua a declamar o texto de Julieta.)* "...Mas por que vir cá? Precisarei representar sozinha meu terrível papel..."

*(A luz vai caindo devagar.)*

**FIM**

# O NOVO OTHELO.

Joaquim Manoel Macedo

Publicada pela primeira vez em 1856

## PERSONAGENS

---

**Antonio** – procurador de causas

**Calisto** – negociante de armarinho

**Francisca** – filha de Antonio

**Justina** – amiga de Francisca

*(A ação se passa na atualidade e na Cidade do Rio de Janeiro. Sala na casa de Antônio – Ao lado esquerdo, uma porta e duas janelas de peitoril que se abrem para a rua; ao lado direito, portas de comunicação com o interior da casa; ao fundo, porta de alcova; no meio da sala, mesa coberta com um grande pano verde que quase toca ao chão. Papel, tinteiros e autos sobre a mesa. Uma estante ordinária com alguns livros a um lado; piano já meio usado. Cadeiras de palhinha ordinárias, e sofá e aparadores correspondentes.)*

### CENA I

**ANTONIO** *(só, vestido e pronto para sair; ao levantar-se o pano, consulta o relógio):* Dez horas: É tempo de me ir chegando para o júri: que maçada! Depois que me naturalizei cidadão brasileiro tenho cem vezes torcido as orelhas sem deitar sangue. Tudo se pode ser no Brasil, menos cidadão brasileiro; porque são tantas cousas!... É guarda nacional por um lado, júri pelo outro, agora eleições; daqui a pouco um conselho de qualificação; amanhã isto; depois de amanhã aquilo, e

sempre uma roda viva! Nada: eu acabo por deitar fora a nova pátria, assim como deitei a velha. A pátria é um verdadeiro traste de luxo, que mais incomoda do que utiliza.

### CENA II

*(Antonio e Calisto que entra e pára teatralmente diante de Antonio, imitando a entrada de Othelo no primeiro ato.)*

**ANTONIO:** Então que é isto?....

Continuamos com a mania teatral?... Sr. Calisto, olhe que se vai assim, dá com os burros na água, e marcha direitinho para o

palácio da Praia Vermelha.

**CALISTO:** Eu me calo, Odalberto, eu não respondo;

Um jus tendes assás de confundir-me; Mas se já quando fui amigo vosso.

Confesse, confesse, sr. Antonio, que esta entrada é sublime! E diabo me leve se não fico dez furos acima do João Caetano.

**ANTONIO:** Mas o sr. agora não se ocupa de outra cousa.

**CALISTO:** Que quer?... Aquele teatrinho particular da sociedade reveladora dos grandes talentos acendeu-me na cabeça uma fornalha. (*Bate na testa.*) O sr. Antonio pensa que aqui dentro há miolos, como nas cabeças dos outros homens?... Pois engana-se: aqui dentro fervem o Etna e o Vesúvio: talvez ignore o que sejam o Etna e o Vesúvio... Eu lhe explicarei isso mais tarde. Agora não penso, não cuido, não vivo senão em Othelo, cuja parte desempenharei daqui a três dias. Que emoções! Que entusiasmo! Os camarotes cheios de moças bonitas... A platéia atopetada de povo... Enchente real... Pode-se contar com ele mesmo porque não se compram bilhetes. A orquestra executa a ouverture. (*Toca arremedando a música.*) Já estão quase no fim... Gente fora da cena! Contra-regras a seus lugares! (*Arremeda a música.*) Fim!... (*Assobia.*) Lá vai o pano acima... Eis o senado de Veneza. (*Arranja o sofá e cadeiras como lhe parece.*) Faça de conta que o sr. é o senado de Veneza... Ande... Sente-se em todas estas cadeiras. Fala Moncenigo... Faça também de

conta que o sr. é Moncenigo: é um estúpido que há de enterrar o papel; mas não faz mal.

**ANTONIO:** Quem é estúpido, sr. Calisto, quem é estúpido?

**CALISTO:** É o Manoelzinho lá da sociedade, homem; mas não me atrapalhe. Agora entra Odalberto... Faça ainda de conta que o sr. é Odalberto... Entre por ali... Entre por ali.

**ANTONIO:** Então eu sou tanta cousa ao mesmo tempo?

**CALISTO:** Não faz mal; está no sistema das acumulações dos empregos. Entrou... Entende?... O sr. entrou e ninguém lhe deu importância. Agora eu. Othelo vai aparecer: apenas me puser os olhos em cima, torça o nariz, faça uma cara muito feia, e sem se importar com as palmas e os aplausos com que o público me recebe, exclame com voz rouca e reconcentrado furor "ei-lo presente"! Não se descuide... Eu vou romper do bastidor... Sentido? (*Vai entrar como Othelo.*) Então... sr. Antônio, não me esfrie a cena! Não me esfrie a cena, sr. Antônio! Não se importe com os aplausos do público... Fale homem!... Com trezentos diabos diga "ei-lo presente"!

**ANTONIO:** Meu amigo, o sr. não vai bem do juízo: lembre-se, meu caro sr. Calisto...

**CALISTO:** Eu já não sou Calisto, sou Othelo, o Mouro de Veneza.

**ANTONIO:** Mas repare que não estamos no teatro.

**CALISTO:** sr. Antônio, sabe o que é o gênio?...

**ANTONIO:** Ah! sr. Calisto, que pergunta



me faz?... Porque deixei eu a minha antiga taberna e me fiz procurador de causas, senão por obedecer aos impulsos irresistíveis do gênio?...

**CALISTO:** Tem razão: o gênio é um elemento impalpável, um fogo tão maravilhoso, que até às vezes pode chegar a introduzir-se na alma de um taverneiro.

**ANTONIO:** Eu?... Como é isso?... Que quer dizer com essa?...

**CALISTO:** Quero dizer que o gênio é o diabo. Olhe, sr. Antonio; eu reconheço que já não sei a quantas anda o meu armarinho: já não como, e já não durmo sossegado. Há dias em que chega-me um freguês, pede-me cartas de jogar, e eu dou-lhe soldados de chumbo; vem outro que pede tesouras, e eu dou-lhe obreas, vem um terceiro que quer comprar agulhas, e eu lhe apresento correntes de papagaio. À mesa do jantar encontro às vezes a imagem de Pezaro em um pedaço de carne seca, e a de Hedelmonda num prato de arroz de leite. De noite, oh! De noite a cena é tremenda e horrorosa: acordo espantado, envolvido no meu lençol, declamo furioso, e acabo sempre por assassinar Hedelmonda, dando com uma vela de sêbo mil punhaladas no travesseiro! Oh! Gênio! O gênio é o diabo, sr. Antônio.

**ANTONIO:** Mas desse modo, o sr. Calisto fechará dentro em pouco a porta do seu armarinho.

**CALISTO:** Ora isto é insuportável!... Quando estou tratando de cousas sérias, vem-me o sr. com

banalidade! Falo-lhe em gênio, e responde-me com o armarinho!

**ANTONIO:** Mas o armarinho é que lhe dá aquilo com que se compram os melões.

**CALISTO:** Mas o gênio aborrece o positivismo e a realidade.

**ANTONIO:** E a barriga sr. Calisto?...

**CALISTO:** Desgraçadamente a barriga do gênio é tão exigente como a do cavalo e a do gato; mas a nação deve sustentar os grandes homens que a ilustram, e ao governo cumpre estabelecer pensões para eles.

**ANTONIO:** Já há muita gente, gente demais, que come o dinheiro da nação em santo ócio; meu caro sr. Calisto, a sinecura é uma sra. muito fidalga, que habita somente em casas nobres e em elegantes sobrados, e não desce jamais às casas térreas, e menos quererá ir morar em um armarinho.

**CALISTO:** Pois é preciso fazer uma revolução.

**ANTONIO:** Nada... Nada: eu sei que a maior parte das revoluções se fazem por causa da barriga; mas em regras os homens das casas térreas não ganham cousa alguma com elas. sr. Calisto, cuide antes do seu armarinho: lembre-se de que me pediu a mão de minha filha, e eu não posso querer para meu genro um gênio sem vintém. Tome juízo, quando não, dou o dito por não dito, e mando-o procurar mulher na casa dos crates.

**CALISTO:** Ao menos meu respeito vos aplaque.

De meu corpo contai as cicatrizes.

**ANTONIO:** Repito-lhe que tenha juízo...

O sr. já tem obrigação de atender aos meus conselhos!

**CALISTO:** Esqueci-me dos bens que me fizestes.

Recordai-vos porém dos meus serviços,

Que me amastes, que eu saio de um combate,

E que este mouro enfim salvou o Estado.

**ANTONIO:** Sim! É o mais é, que salvando o Estado como o sr., conheço eu duas ou três dúzias de mouros da sua ordem. sr. Calisto, cure-se dessa loucura diabólica; vá conversar com a Chiquinha, que está lá dentro com a nossa vizinha a dona Justina, e veja se o amor o pode livrar dessa triste mania. Eu vou para o júri: o sr. faz-me demorar mais do que devia, e o que faltava agora era o seu gênio ter feito que o impertinente do juiz de direito me impusesse a maldita multa. Adeus, sr. Calisto; adeus e tenha juízo.

*(Vai-se.)*

### CENA III

*(Calisto.)*

**CALISTO** (só): É um estúpido, que não admira as explosões do gênio! A minha encantadora Chiquinha, que é moça romântica, compreenderá e apreciará devidamente o meu entusiasmo. Adoro esta rapariga tanto, como a minha parte de Othelo... Sim... Porque mais é impossível! Oh! Se fosse ela que fizesse o papel de Hedelmonda... Com que prazer e arrebatamento eu lhe daria a punhalada do quinto ato! Ao

menos porém deve aparecer algum ímpeto de ciúme no meio deste amor que experimento pela Chiquinha. Que sublime ciúmes não sentirei eu, agora que tenho de memória todos os furores de Othelo! Um amor sem ciúmes é como doce sem cravo nem canela. Sim... É preciso que eu me exaspere, que eu esbraveje mordido pela serpente do ciúme. É preciso, é inevitável, ou então não passarei de um Mouro de Veneza muito ordinário. Se eu apanhasse um pretexto... A Chiquinha está de palestra com a dona Justina... Se da conversação destas duas moças eu pudesse arranjar um motivozinho mesmo do tamanho assim... Bem lembrado... Mas... Eilas que chegam; vou esconder-me embaixo desta mesa para ouvi-las sem ser visto. Como é formosa a Chiquinha!

*(Esconde-se.)*

### CENA IV

*(Calisto embaixo da mesa; Francisca e Justina.)*

**FRANCISCA:** Enfim! Já se foi para o júri.

**JUSTINA:** Sempre é bom ver da janela, se ele realmente se vai.

**FRANCISCA:** Sim, vejamos.

*(Vão ambas para a janela.)*

**CALISTO** (à parte): Nada no mundo e em toda natureza

De tão pura virtude se aproxima.

É a virtude que os mortais encanta...

**JUSTINA:** Dobrou a esquina.

**FRANCISCA:** Ainda bem. *(Voltam à frente.)* Independência ou morte!

**CALISTO** (à parte): Por que saudará a

Chiquinha a independência!...  
Parece-me um pedaço de  
patriotismo um pouco fora de  
propósito.

**JUSTINA:** Mas então, dona Chiquinha,  
isto é sempre assim?...

**FRANCISCA:** Sempre assim: pelo  
menos desde oito dias é esta  
vida que levo: foi há oito dias a  
primeira vez que o vi; é um  
tesouro que devo à amizade de  
minha prima Luizinha; mas  
também desde oito dias, desde  
que ele é meu, tanto eu o amo,  
como meu pai mostra aborrecê-  
lo.

**CALISTO (à parte):** Bonito! Bem fiz eu  
em esconder-me embaixo da  
mesa; mas quem será este ele  
que é dela?

**JUSTINA:** É por que tanto ódio, dona  
Chiquinha?...

**FRANCISCA:** Porque diz meu pai que  
ele é indigno de mim, e que eu  
devo vencer-me e desprezá-lo.  
Oh! Isto já me vai exasperando...  
Talvez que me resolva a acabar  
por uma vez e bem cedo com  
este tormento.

**JUSTINA:** E como?...

**FRANCISCA:** Sou capaz de em menos  
de quinze dias estar casada com  
o Calisto do armarinho.

**CALISTO (à parte):** E depois em menos  
de oito de pregar-me algum  
mono!... Oh! Hedelmonda de  
uma figa!

**JUSTINA:** E ele que te há de amar  
tanto...

**FRANCISCA:** Por certo: morre por mim.

**JUSTINA:** Disseram-me que o sr. Calisto  
é excessivamente ciumento.

**CALISTO (à parte):** Não havia de ser,  
não, quando vou representar a  
parte do Mouro de Veneza?

**FRANCISCA:** Sim... Dizem isso; mas  
embora: ainda quando eu lhe  
não tivesse amor algum, casar-  
me-ia com ele só para ver-me  
livre do mau gênio e das  
impertinências de meu pai... Ora  
só o ódio que ele vota ao meu  
querido...

**JUSTINA:** A quem?... Ao sr. Calisto?...

**FRANCISCA:** Não: quando eu digo  
meu querido está visto que não é  
do Calisto do armarinho que  
quero falar.

**CALISTO (à parte):** Pondo mesmo de  
parte o papel de Othelo, eu  
creio que vou me sentindo um  
pouco incomodado! Isto vai-me  
cheirando desaforo.

**FRANCISCA:** Pois bem; como eu te  
dizia, meu pai vota-lhe um ódio  
de morte: diz que por causa dele  
não coso, não bordo e não  
estudo piano há oito dias.

**JUSTINA:** Que injustiça!

**FRANCISCA:** É verdade! E então ele  
que gosta tanto de me ouvir  
tocar! Ainda anteontem, ao  
levantar-me do piano, encontrei-  
o ao pé de mim, e sabes o que  
fez?... Beijou-me os dedos.

**CALISTO (à parte):** Oh! Desgraçado  
Othelo!...

**JUSTINA:** Que amor!

**FRANCISCA:** Aí está! Não diria isso  
meu pai: não sei por que o  
detesta: ontem depois de ralhar  
comigo, e de maldizê-lo,  
perguntou-me afetando um  
sorriso irônico; "Porque não te  
casas com ele?..."

**JUSTINA:** Que mau gênio de homem!

**FRANCISCA:** Ainda mais: a todo o  
momento lhe chama  
desenxabido e feio.

**JUSTINA:** Outra injustiça, não é assim,

dona Chiquinha?...

**CALISTO** (*à parte*): Este diabo de moça apóia tudo! Estava boa para deputado ministerial.

**FRANCISCA**: Injustiça sem dúvida: dize dona Justina, serão feios aqueles olhos vivos e travessos?... Será feio aquele rosto redondo e branco?... Serão feios aqueles pés tão pequeninos e feias aquelas mãos tão finas e tão macias? Oh! Como deixar de amá-lo?...

**CALISTO** (*à parte*): Visto isso, o feio sou eu! Ah! Quando eu tinha a idéia de fingir ciúmes, entrar-me pelos ouvidos uma realidade que me parece um espeto em brasa!... Ah! Fementida!...

**JUSTINA**: Então tu o amas loucamente?

**FRANCISCA**: Sim! Eu o amo! Será um capricho, uma loucura, mas não posso mais passar sem ele... Eu dou-lhe os meus sorrisos de dia, e sonho com ele de noite.

**CALISTO** (*à parte*): Minha desgraça é certa, sim, eu vejo Minha injúria. Equeçamo-nos de tudo Morramos.

**JUSTINA**: Mas que paixão, dona Chiquinha!

**FRANCISCA**: E o mais é que eu entendo que tenho todo o direito de amar a quem bem me parecer.

**JUSTINA**: eu também penso do mesmo modo: a vontade de cidadão é livre.

**CALISTO** (*à parte*): Sim; ainda mesmo quando está na cadeia.

**FRANCISCA**: Pois não é assim?... Não se fala tanto em direitos e garantias?... Quanto a mim, o direito e a garantia da mulher é

amar a quem lhe agradar.

**JUSTINA**: Apoiada, dona Chiquinha, apoiadíssima.

**CALISTO** (*à parte*): Que língua de prata que tem a Chiquinha! O ladrão havia de representar bem o papel de Hedelmonda.

**FRANCISCA**: Por conseqüência meu pai não me pode exigir não amar o meu querido.

**JUSTINA**: Não decerto: isso seria uma suspensão de garantias.

**FRANCISCA**: E portanto hei de amá-lo sempre, e cada vez mais.

**JUSTINA**: E fará muito bem.

**CALISTO** (*à parte*): Olhem que demônio de conselheira!...

**FRANCISCA**: Quando eu vier tocar piano, ter-lo-ei ao pé de mim para que me ouça e me beije as mãos...

**JUSTINA**: Isso... Isso...

**CALISTO** (*à parte*): E eu então que papel farei nesta tragédia doméstica?... Sinto-me furioso... Até já nem me lembra pedaço algum da parte de Othelo.

**FRANCISCA**: Todas as tardes, enquanto meu pai dormir à sesta, ele e eu havemos de comer no mesmo prato do melhor doce que tivermos em casa...

**CALISTO** (*à parte*): No mesmo prato e do melhor doce...

Com que ardil a fementida.

Co'a dor, e o pranto, e os olhos me enganava!

**FRANCISCA**: E apesar de meu pai hei de sempre achar ocasião de acariciá-lo, e de gozar das suas carícias: ao levantar-me da cama... Durante o dia... De noite mesmo procurarei vê-lo, e provar-lhe que o amo.

**CALISTO** (*à parte*): Sim... Vamos ver o

que pensa aquele do diabol!...

**JUSTINA:** Eis aí como deveríamos ser todas: fortes... Decididas...

**FRANCISCA:** Agora meu pai para afligir-me diz que quer ver se quando eu me casar com o Calisto, ainda farei as mesmas meiguices, e me portarei do mesmo modo com ele.

**JUSTINA:** E você que pensa, dona Chiquinha?...

**CALISTO (à parte):** Sim... Vamos ver o que pensa aquele demônio de saia.

**FRANCISCA:** Eu penso que posso muito bem depois de casada amá-lo como agora; penso que terei tempo de amar a meu marido, e a ele, e que até me será fácil conseguir que meu marido o ame também.

**CALISTO (à parte):** Já se viu que destino me reserva aquela sonsa... Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!...

**JUSTINA:** Eu também julgo isso muito possível e até natural.

**CALISTO (à parte):** Pois não! Quando uma diz "mata" a outra grita logo "esfola". Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!...

**FRANCISCA:** O meu querido! Ah! Mal podes conceber o susto que por causa dele passei ainda há pouco. Meu pai mandou-me estudar piano, eu vim, e apenas tinha tocado os primeiros compassos de uma peça, chegou o meu querido, e ocupando uma cadeira que estava ao pé de mim, ficou imóvel a ouvir-me tocar: mas logo depois ouço os passos de meu pai... Ah! Não tive tempo senão de entrar ali na alcova, e

de esconder o meu querido no meu próprio leito.

**JUSTINA:** E depois?...

**FRANCISCA:** Depois meu pai não deixou mais esta sala; agora porém aproveito o ensejo, e vou soltar o meu querido, que ficou trancado na alcova.

*(Vai.)*

**JUSTINA:** Sim... Depressa...

*(Calisto salta de baixo da mesa.)*

**FRANCISCA:** Ah!...

**CALISTO:** Ouvi tudo, mulher desleal e fementida! Nada de frívolas desculpas, sei tudo, sei que tenho um rival ditoso, e que a minha noiva esconde o seu querido no seu próprio leito.

**FRANCISCA:** Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

**CALISTO:** E ri-se ainda?... Ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!... Sim... Um mar de sangue vai inundar esta sala!...

Nossos leões dos ermos  
Em furor nos seus antros abrasados,  
Os viajores trêmulos despedaçam,  
Melhor fora para ele que os famintos  
Leões em mil pedaços lhe  
espalhassem

As palpitantes carnes, do que agora  
Vivo cair em minhas mãos terríveis!  
A chave daquela porta! A chave  
daquela porta!

**FRANCISCA:** Ah! Ah! Ah! Ah!

**JUSTINA:** Que pretende fazer, sr.  
Calisto?...

**CALISTO (a Justina):** Concebe qual  
será meu regozijo.

Vendo com olhos ávidos a pérfida  
Sobre o cadáver palpitar do amante  
E contar seus suspiros dolorosos  
Debaixo do punhal que vai uni-los  
Que é isto, Othelo?...

Bárbaro, suspende.

**JUSTINA:** Sr. Calisto, às vezes as

## CENA V

aparências enganam...

**CALISTO** (*à Justina*): O furacão prediz a tempestade

No relâmpago o raio se anuncia  
Dos leões do bosque ouve-se o  
bramido

Mas a mulher, oh! Céu... Pérfida e  
calma

Nos embebe o punhal e nos afaga.

**FRANCISCA**: Sabe que é mais, sr.  
Calisto?... A sua cena de Othelo já  
está me aborrecendo muito!...

**JUSTINA**: É melhor dizer-lhe tudo...

**FRANCISCA**: Eu não direi cousa  
alguma.

**CALISTO**: E eu não preciso que me  
dêem explicações nem desculpas.  
Quero a chave daquela porta!  
Sra. dona Chiquinha, dê-me a  
chave daquela porta!

**FRANCISCA**: E pra quê?...

**CALISTO**: Para ir procurar o meu  
indigno rival, e fartar no seu  
sangue a sede de vingança que  
me devora!

**FRANCISCA**: Ah! Ah! Ah! Ah!

**CALISTO**: A chave daquela porta!

**FRANCISCA**: Pois ei-la aí. (*Dá-lhe a  
chave.*) Vergonha a quem recuar!

**CALISTO**: Não serei eu... (*Indo à porta e  
parando.*) Oh! Punhal de Othelo!  
Punhal de Othelo! Punhal de  
Othelo!

**FRANCISCA**: Então, que é isso?  
Recua?...

**CALISTO**: Não! Nunca! Mas devo  
primeiramente ir buscar o punhal  
de Othelo no armário.

**JUSTINA** (*que tem ido à janela*): Dona  
Chiquinha, aí vem seu pai.

**FRANCISCA**: Isto agora atrapalha-me sr.  
Calisto...

**CALISTO**: Nada ouço... Vou buscar o  
punhal de Othelo...

(*Os precedentes, e Antonio.*)

**FRANCISCA** (*à parte*): Agora, sim, tenho  
que ouvir de meu pai.

**JUSTINA** (*a Francisca*): Disfarça o  
negócio, dona Chiquinha.

**ANTONIO**: Oh! O sr. Calisto ainda  
aqui?... Mas que diabo tem o sr.?...

**CALISTO** (*imitando Othelo*): Nada.

**ANTONIO**: Dar-se-á por acaso que  
esteja incomodado, homem?...

**CALISTO**: Nossa alma e nosso corpo  
necessitam,

Após grandes trabalhos, de repouso.  
Sei que ele será longo... Mas preciso...

**FRANCISCA**: Papai, eu tenho feito quanto  
posso para com o meu amor  
destruir as aflições do sr. Calisto...

**CALISTO**: Eu agradeço vossa piedade.

**ANTONIO**: Ah!... É a mania teatral! O  
bom do rapaz está ensaiando  
conosco a parte de Othelo.

**FRANCISCA**: Eu receio que o sr. Calisto  
tenha alguma profunda mágoa  
no coração...

**CALISTO** (*à Francisca*): Creio que o  
vosso

Está tranqüilo... Sua paz é dada  
Pela inocência. Pezaro saiamos!  
(*Agarra em Justina.*)

**JUSTINA**: Ai!...

(*Calisto vai sair, Antonio o segura.*)

**ANTONIO**: O sr. atreve-se a dar abraços  
nas moças em minha casa, e  
mesmo à vista de sua noiva?...

**CALISTO**: Sr. Antônio, nunca me esfrie as  
cenas!... Deixe-me! Deixe-me, que  
vou buscar o punhal de Othelo.

(*Vai-se.*)

## CENA VI

(*Francisca, Justina e Antônio.*)

**ANTONIO:** Está doido sem remissão.

**FRANCISCA:** Eu creio que sim, papai.  
Ele já não diz cousa com cousa.

**JUSTINA:** E agarra na gente, que faz medo!...

**ANTONIO:** Perdoe-lhe, dona Justina,  
perdoe-lhe, porque o pobre rapaz  
não anda bom do juízo.

**JUSTINA:** Ah! sr. Antônio, eu sou muito  
compassiva, apenas ele acabou  
de dar-me o abraço, que eu logo  
lhe perdoei.

**ANTONIO:** E teve razão, porque  
também um abraço não é lá um  
grande crime, dê-me, porém,  
licença... Vou tirar esta albarda e  
volto já...

*(Vai-se.)*

## CENA VII

*(Francisca e Justina.)*

**JUSTINA:** E agora?...

**FRANCISCA:** Agora é preparar-me  
para um sermão de duas horas,  
porque de certo o meu belo  
noivo acaba por fazer alguma  
asneira.

**JUSTINA:** Queres saber uma cousa,  
dona Chiquinha?... O teu noivo é  
um tolo.

**FRANCISCA:** É por essa razão que eu já  
tenho outro de olho.

**JUSTINA:** Ah! Então tu andas a duas  
amarras!

**FRANCISCA:** E ainda assim pode o  
navio ir à garra.

**JUSTINA:** Mas o tal sr. Calisto! É um  
doido de pedras...

**FRANCISCA:** Ele diz que tudo aquilo é  
gênio.

**JUSTINA:** Gênio!... Hoje em dia as mais  
bonitas palavras servem para  
esconder as mais tristes idéias...

**FRANCISCA:** Mas o meu querido! Que  
será dele, dona Justina?...

**JUSTINA:** Pois não há uma outra chave  
que sirva naquela porta?...

**FRANCISCA:** Qual! Aqui só há uma  
porta, que se abre com seis ou  
sete chaves...

**JUSTINA:** Adivinho, que é a do teu  
coração.

**FRANCISCA:** Tal e qual. Mas o meu  
querido...

**JUSTINA:** Se pudéssemos deitar a porta  
abaixo...

**FRANCISCA:** Tempo perdido: aquilo é  
como porta de cadeia... Só a  
fogo...

**JUSTINA:** Admiro que já não se tenha  
queimado.

**FRANCISCA:** Por que?...

**JUSTINA:** Porque és tu que dormes  
naquela alcova...

**FRANCISCA:** Mas o meu querido!... *(Vai  
à porta e olha pela fechadura.)*  
Lá está ele!... Como é formoso!...

**JUSTINA:** Deixa-me ver. *(Olha.)* Tens  
razão: é muito bonito!

**FRANCISCA** *(olhando):* Eu creio que ele  
está dormindo... Que feiticeiro!

**JUSTINA:** Ele mostra gostar muito da  
tua cama...

**FRANCISCA:** Sem dúvida, gosta muito...  
Muito... *(Olhando.)* Como é  
formoso o meu querido! Olha  
outra vez, dona Justina.

## CENA VIII

*(Francisca, Justina e Antônio.)*

**ANTONIO:** Que está olhando pelo  
buraco da fechadura,  
Chiquinha?...

**FRANCISCA:** Nada, não, sr. Era  
brinquedo. Papai voltou hoje  
muito cedo do júri.

**ANTONIO:** Não houve sessão por falta de número legal de jurados, e por sinal que o juiz de direito multou, como o diabo.

**JUSTINA:** Bem feito! Eu se fosse homem, havia de ser um cidadão às direitas...

**ANTONIO:** Eis aí como são as cousas! E eu que sou homem desejava poder sê-lo às avessas... Olhe que é muito incômodo, muito incômodo!...

**FRANCISCA** (*à parte*): Coitadinho do meu querido!

## CENA IX

(*Os precedentes e Calisto que entra com um enorme punhal na cintura.*)

**ANTONIO:** Oh! Que cara de algoz!...

**JUSTINA:** Misericórdia!...

**FRANCISCA** (*à parte*): O maníaco vai pôr tudo em pratos limpos.

**CALISTO** (*a Francisca*): Preparai-vos.

**FRANCISCA:** Preparar-me para quê sr.?...

**CALISTO** (*a Francisca*): Então que diabos é isto?

**ANTONIO** (*a Calisto*): Vossas preces a Deus hoje fizestes?

**CALISTO** (*à parte*): Ora que este maldito estúpido teime sempre em esfriar-me as cenas!...

**ANTONIO:** Que quer dizer esse punhal na cinta?... O sr. usa de armas proibidas?... Não sabe que o código criminal preveniu esse abuso?...

**JUSTINA:** Sr. Antônio, não o provoque... Ele parece que vai sossegando.

**CALISTO:** O furor está no fundo do meu peito...

**ANTONIO:** Mas o caso vai-se tornando um pouco sério. Sr. Calisto... Meu

caro sr. Calisto... O sr. estremece...

**CALISTO:** Quem... Estou tranquilo...

**ANTONIO:** Querem ver que esta mania acaba mal?...

**JUSTINA:** Tenha cuidado em sua filha, sr. Antônio...

**ANTONIO:** Na Chiquinha? Que pretende o sr. na Chiquinha?...

**CALISTO:** Pertença a outro esposo mais ilustre;

Contente e gloriosa, amando-o goze  
De uma vida feliz enquanto Othelo  
A paz terá no horror da sepultura.

Eis aqui a chave daquela alcova,  
sr. Antônio, ali dentro da alcova,  
mesmo no leito de sua filha, está  
preso, encerrado, escondido,  
homiziado, oculto, protegido e  
abafado um rival feliz, um  
namorado, um Adonis, um  
amante, um querido, um predileto,  
um Loredano da minha noiva!...

**ANTONIO:** Que escuto!... Chiquinha! Tu que dizes?...

**FRANCISCA:** É falso papai, eu nunca tive um namorado só na minha vida.

**CALISTO:** Eu que nesse sangue que aborreço,

No seu vil sangue mergulhar mil vezes  
Esta chave!

**ANTONIO:** Pois mergulhe, sr. Calisto, se é verdade, mergulhe até não poder mais.

**FRANCISCA:** Papai!

**ANTONIO:** Silêncio! Desgraçada!  
Mergulhe, sr. Calisto, mergulhe sem medo, porque não é crime ou pelo menos tem circunstâncias atenuantes a seu favor.

**FRANCISCA:** Dona Justina!... E agora?...

**JUSTINA:** Deixe ir a cousa para diante.

**CALISTO** (*empunhando o punhal*): Ah!  
O punhal de Othelo!... O punhal



de Othelo!... Eu mesmo, à minha escolha,  
Eu mesmo, à minha escolha,  
Quero dar-lhe um suplício, quero vê-lo  
Sofrendo, inanimado e apresentá-lo  
Ensangüentado aos olhos que o encantaram.

**ANTONIO:** Não perca tempo, sr. Calisto, vai matar e esquartejar o malvado!

**CALISTO** (*a Francisca*): Vede este ferro!... Eu vou, sr. Antônio: ah! Punhal de Othelo! Punhal de Othelo!

(*Vai abrir o quarto e entra.*)

**FRANCISCA** (*a Antonio*): Papai, não ralhe comigo! Perdoe-me!

**ANTONIO:** Desgraçada! Filha ingrata!... Conta a minha maldição...

**FRANCISCA:** Não é caso de maldição, papai! É de ralar só...

**JUSTINA:** Tenha pena dela, sr. Antonio...

**ANTONIO:** Deixe-me!...

(*Calisto vem saindo com um cachorrinho nos braços.*)

**CALISTO:** Onde irei?... Onde estou? Ah! Heldemonda!... Heldemonda!..

**ANTONIO:** Que é isto?...

**JUSTINA:** É o querido de Dona Chiquinha!

**FRANCISCA:** É o meu pobre cachorrinho, papai!... É o querido!

**ANTONIO:** E então...

**JUSTINA:** O sr. Calisto ouviu falar em querido, e pensou que era um namorado...

**FRANCISCA:** Não ralhe comigo papai!

**ANTONIO:** Não de certo, doravante dou-te licença para brincar com teu cachorrinho. (*A Calisto.*) Que diz a isto, sr. Othelo?

**CALISTO** (*a Francisca*): Eu me detesto, Fere: teu mal causando, eu sou indigno.

De ver-te ainda e de enxugar teu pranto.

**FRANCISCA:** Deixe-me, sr. retire-se... Fuja dos meus olhos...

**CALISTO:** Pois tu me desprezas Chiquinha?... Não queres mais casar comigo?... Chiquinha, desculpa as explosões do gênio!

**FRANCISCA:** Nada: não quero para meu marido um gênio que toma um cachorrinho por seu rival.

**ANTONIO:** Bravo, minha filha! Manda esse louco para a casa dos Orates.

**CALISTO:** Decidido?...

**FRANCISCA:** Sem a menor dúvida.

**CALISTO:** Veja o que diz: depois quando acontecer alguma desgraça, não se arrependa.

**FRANCISCA:** Suceda o que suceder, já disse.

**CALISTO:** Pois bem! Terá a seus o meu cadáver: o punhal de Othelo!... Punhal de Othelo!... Veja lá!...

**FRANCISCA:** Deixe-me: eu o desprezo... Eu o aborreço...

**CALISTO:** Oh! Mil vezes cruel, brutal Othelo!...

E pude perpetrar tão feio crime!  
Que falsário infernal! Que homem!  
Que monstro!

Quem viu jamais tão negra atrocidade?...

Oh! Hedelmonda! Oh! Vítima de um tigre!

Fujam todos de mim... Odeio tudo...  
Tudo me causa horror... Só queria a morte.

(*Finge que se mata.*)

**FRANCISCA:** Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!  
Ah!

**JUSTINA:** Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

**ANTONIO:** sr. Calisto, por quem é tome juízo!

**CALISTO** (*levantando a cabeça*): Sr.  
Antonio, com trezentos diabos já  
lhe disse, que nunca me esfrie as  
cenas!...

(*Dá meio-dia.*)

**JUSTINA:** Meio-dia!

**CALISTO** (*levantando-se apressado*):  
Meio-dia! São horas do ensaio  
geral! São horas do ensaio geral!

(*Vai correndo.*)

**ANTONIO:** Está absolutamente doido!

(*Francisca e Justina desatam a rir.*)

**FIM**

# AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

**livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1.123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

---

## CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Tel.: \_\_\_\_\_

Nome do diretor ou responsável: \_\_\_\_\_

Número de alunos ou sócios: \_\_\_\_\_

Idades: de \_\_\_ a \_\_\_ anos

Já realizou espetáculo teatral? \_\_\_\_\_

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? \_\_\_\_\_

---

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura  
Revista Teatro da Juventude  
Rua Mauá, 51, 3º andar  
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907**



**IMPrensa OFICIAL**  
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE